

A HIGIENE

NAS

Escolas Primárias do Pôrto

156/3 FMP

3

ARMANDO DOS SANTOS PINTO PEREIRA

A HIGIENE

NAS

Escolas Primárias do Pôrto

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA

À

FACULDADE DE MEDICINA DO PÔRTO



156/3 FMD

PÔRTO
Empresa Gráfica A UNIVERSAL
Rua Duque de Loulé, 111

1913

FACULDADE de MEDICINA do PÔRTO

Director

Augusto Henrique de Almeida Brandão

Lente Secretário

Álvaro Teixeira Bastos

CORPO DOCENTE

Professores ordinários e extraordinários

- | | | |
|---|---|--|
| 1. ^a classe—Anatomia . . . | { | <i>Luís de Freitas Viegas</i> |
| | { | <i>Joaquim Alberto Pires de Lima</i> |
| 2. ^a classe—Fisiologia e Histologia | { | <i>António Plácido da Costa</i> |
| | { | <i>José de Oliveira Lima</i> |
| 3. ^a classe—Farmacologia . . | — | <i>João Monteiro de Meira</i> |
| 4. ^a classe—Anatomia patológica e Medicina legal | { | <i>Augusto Henrique de Almeida Brandão</i> |
| | { | <i>Vago</i> |
| 5. ^a classe—Higiene e Bacteriologia | { | <i>João Lopes da Silva Martins Júnior</i> |
| | { | <i>Alberto Pereira Pinto de Aguiar</i> |
| 6. ^a classe—Obstetrícia e Ginecologia | { | <i>Cândido Augusto Correia de Pinho</i> |
| | { | <i>Álvaro Teixeira Bastos</i> |
| | { | <i>Roberto Belarmino do Rosário Frias</i> |
| 7. ^a classe—Cirurgia . . . | { | <i>Carlos Alberto de Lima</i> |
| | { | <i>António Joaquim de Sousa Júnior</i> |
| | { | <i>José Dias de Almeida Júnior</i> |
| 8. ^a classe—Medicina . . . | { | <i>José Alfredo Mendes de Magalhães</i> |
| | { | <i>Tiago Augusto de Almeida</i> |
| História e filosofia médica, e ética profissional | — | <i>Vago</i> |

Especialidades

- Psiquiatria — *António de Sousa Magalhães e Lemos*

Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo
Pedro Augusto Dias
António Joaquim de Morais Caldas
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento de 23 de Abril de 1840, artigo 155.º).

«Sei que se não grangea perdão, se ha de que o pedir, como sempre hz. Sei que ninguem levanta a lança, se acha que calumniar. E se o Prologo não he mui apontado, quem quer se faz juiz pera condenar por elle toda a obra.»

FR. LUIS DE SOUSA.

As páginas que se seguem — devemos esta explicação ao leitor ingénuo, que levado pela curiosidade, inspirada no título, tente folheá-las — não representam uma obra de fôlego, nem um estudo profundo e detalhado como a magnitude do assunto o exigia.

De há muito que a hygiene escolar nos vinha atraíndo, e como seguíssemos com interêsse algo do seu evoluir, soube ela despertar-nos pouco a pouco uma tam arraigada paixão, que ao nosso espírito prometêramos versá-la, em momento oportuno, sob qualquer dos seus múltiplos aspectos, dando-lhe, porém, uma feição de utilidade prática.

Proporcionou-se, agora, êsse ensejo. E pena é, que, durante o exíguo espaço de tempo, que destinámos à execução desta tarefa, estivéssemos preocupados com outros afazeres escolares, desviando constantemente a nossa atenção, e consumindo nêles parte da energia, que devíamos aproveitar na sua feitura.

Por êstes motivos ficou o trabalho reduzido a um amontoado de considerações sucintas, feitas sôbre umas esquemáticas observações, fugitivamente cerzidas em face das notas, que colhemos nas nossas visitas escolares, realizadas nos meses de Junho e Julho de 1912. Essas

observações, que formam a segunda parte do presente estudo, traduzem resumidamente o que de mais importante havia a consignar nas diversas escolas, com respeito à sua hygiene, e tam fielmente, quanto o permitia a rapidez dessas visitas, visto não irmos investidos duma missão official, de maneira a podermos interromper à nossa vontade os exercícios escolares, observando-as demorada e minuciosamente.

Daqui resultam em parte as deficiências desta ligeira dissertação, porquanto somos os primeiros a reconhecer, que cada um dos capítulos, que a constituem, deveria ser tratado com muita mais profundidade e largueza de vistas, dando-se-lhe maior desenvolvimento. Mas, apesar disso, não ficam, no entanto, prejudicadas, de modo algum, as intenções com que a escrevemos, visando ao duplo fim de trazer a público, convenientemente documentada, a miséria dos escolas primárias do Pôrto, sob o ponto de vista higiênico, apresentando ao mesmo tempo as soluções, que julgamos mais adequadas para resolver os problemas da hygiene e da pedagogia, de que elas andam tam afastadas.

Carecem as escolas primárias do Pôrto, bem como todas as do país, duma especializada inspecção médica,

assídua e permanente. A obrigatoriedade do ensino, imposta por lei, sem que se proporcionem aos milhares de crianças, que frequentam as nossas escolas, óptimas condições higiénicas, para que a sua saúde não perigue, atinge as proporções dum crime, pois está mais que demonstrada a poderosa influência, que exerce a escola sobre a saúde dos alunos.

Ao frisarmos tal necessidade, fazemos votos para que, dentro em breve, a nossa legislação sanitária seja enriquecida com um diploma dessa natureza, honrando a mão que o firmar, e podendo assim Portugal igualar-se aos demais países, onde a hygiene das escolas tem merecido a atenção, que a sua importância reclama, e cujos explêndidos resultados são flagrantemente postos em evidência pelas estatísticas nosográficas escolares.

Feita a apresentação do nosso trabalho, aliás cheio de defeitos e incorrecções, que esperamos ver relevadas pelos bons intuitos que o nortearam, visto versarmos um assunto de interêsse para todo o país, e muito principalmente para a terra onde nascemos, resta-nos agradecer aos snrs. Joaquim José da Trindade e Torquato Fernandes, illustres inspectores escolares, respectivamente do bairro oriental e ocidental da cidade do Pôrto, o en-

tusiasmo com que acolheram a nossa ideia, autorisando-nos imediatamente a visitar as escolas primárias da sua superintendência, e também a todos os professores, com quem tivemos ocasião de tratar, e que tam pródigos foram em provas de deferência para connosco, prestando-nos todos os informes de que necessitávamos, com uma amabilidade tal, que por vezes de-veras nos susceptibilizou, e que jamais esqueceremos.

A essas entidades e a todos os que contribuíram com as suas proveitosas lições e doutos ensinamentos, auxiliando-nos na elaboração e orientação dêste modesto estudo, os nossos agradecimentos.

Finalmente, àqueles que compartilham carinhosamente dos destinos dêste livro no dia em que êle é lançado ao público, nós lho dedicamos, não pelo seu merecimento, que o não tem— obra humilde, falha e sem engenho—mas porque assim lhes testemunhamos a sinceridade da nossa gratidão, que é o preito mais valioso, que podemos tributar-lhes ao escrevermos estas linhas.

PRIMEIRA PARTE

«Le peuple qui a les meilleurs écoles
est le premier peuple: s'il ne l'est pas au-
jourd'hui, il le sera demain.»

JULES SIMON.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

CAPÍTULO I

EDIFÍCIOS

«Até hoje as nossas escolas primarias não vão além de cacifros infectos, ou instaladas em prédios que primitivamente teriam outros destinos, ou se possuindo construções proprias, entremostrando na fôrma de cazernas e fabricas de moagens, a falta de hygiene e a falta d'imaginação dos architectos salobros que as crearam».

FIALHO D'ALMEIDA.

Prédios de aluguer e construções próprias

POUCAS são as escolas primárias do Pôrto que estão instaladas em edifícios próprios. ⁽¹⁾ A grande maioria espalha-se por prédios de aluguer, na sua quasi totalidade mais que detestáveis como instalações escolares.

Dir-se há que é difficil dotar uma cidade com escolas dignas dêste nome, em vista da carestia dos terrenos. Não colhe actualmente êste argumento para o Pôrto, que dentro em breves meses verá demolidos, pelo camartelo saneador, os bairros medievos, que são a sua vergonha, para darem logar às bem alinhadas avenidas, onde o ar possa circular livremente e varrer as fachadas das modernas habitações, que irão substi-

(1) Obs. n.ºs 11, 12, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 34 e 39.

tuir os lôbregos casebres, nos quais as medidas da hygiene mais rudimentar nunca foram respeitadas.

Será essa a ocasião propícia, para que o Pôrto seja dotado de edificios escolares condignos da primeira cidade do país, respeitando-se assim as ideias mais recentes sôbre a hygiene escolar, de que nos propomos dizer algumas palavras.

Situação

Um dos problemas de mais difficil resolução, quando se trata de edificar uma escola, é certamente a escolha do local, no que há a atender a inúmeros factores de variada ordem.

Assim torna-se necessário, construir o edificio suficientemente afastado das construções vizinhas, para que a futura escola seja o mais ventilada possível, e se possam aproveitar as melhores condições de iluminação. E para que a casa da escola obedeça a êstes dois requisitos, duma tão alta importância sob o ponto de vista da hygiene pedagógica, julgamos que a distância mínima a que deve estar a escola das construções vizinhas será o dôbro da altura destas, aproximando-se bastante dêste *desideratum* algumas das escolas do Porto, ⁽²⁾ que visitámos.

Se o afastamento de outros edificios constitue, por assim dizer, o princípio basilar talvez, sôbre que deve assentar a construção duma escola, temos logo em seguida a considerar, que ela não fique muito distante dos locais, onde a população, que dessa escola se tenha de servir, seja mais densa, afim de se evitarem

(²) Obs. n.ºs 15, 16, 23, 24, 27, 28, 31, 32 e 34.

longas caminhadas às crianças, de tam funestos resultados em dias de chuva, e dando origem a que, sendo grande o trajecto a percorrer, estejam por mais tempo e numa larga área fora das vistas da respectivas famílias e professores.

Há uma escola no Pôrto, ⁽³⁾ que muito deixa a desejar sôbre este ponto, porquanto está situada mesmo no extremo da freguesia a que pertence, ficando o prédio contíguo já na freguesia vizinha. Se possuísse quaisquer predicados, que a recomendassem higiénicamente, compreendia-se, e talvez se chegaria até a desculpar a sua descentralização. Mas, exactamente ao contrário, é uma das casas que encontrámos mais imprópria para escola. Basta ler a respectiva observação, para se formar um juízo seguro do que acabamos de afirmar.

Deve também evitar-se a construção de escolas nas proximidades de fábricas, ⁽⁴⁾ de igrejas, ⁽⁵⁾ de *ilhas*, ⁽⁶⁾ tabernas, ⁽⁷⁾ etc., sobretudo nas cidades, onde essas vizinhanças incômodas mais abundam e mais espalhadas se encontram.

O Pôrto, não fazendo excepção a esta regra, possui muitas das suas escolas com vizinhanças dessa natureza, e, além disso, grande número dos seus edifícios escolares teem anexo as repartições, onde se instalam a junta de paróquia, a regedoria, o pôsto do registro civil e o juízo de paz. ⁽⁸⁾

Parece-nos êste facto digno de reparo, porque muitas das salas ocupadas por essas entidades fazem

⁽³⁾ Obs. n.º 36.

⁽⁴⁾ Obs. n.ºs 2, 3, 7, 8, 15, 16, 17, 36, 38 e 39.

⁽⁵⁾ Obs. n.ºs 3, 4, 15, 16, 27 e 28.

⁽⁶⁾ Obs. n.ºs 9, 10, 15, 16 e 36.

⁽⁷⁾ Obs. n.º 40.

⁽⁸⁾ Obs. n.ºs 7, 11, 23, 24, 26, 27, 28 e 38.

falta às escolas, onde poderiam ser aplicadas em refeitórios, vestiários e ginásios de que elas tanto carecem; e também é para fazer acentuar que às juntas de paróquia, e às regedorias acodem sempre criaturas de todas as classes, que ali buscam documentos de que necessitam, e que com o bulício prejudicam o sossego das aulas, assim como são uma fonte de desmoralização para as crianças que ouvirem as suas discussões, nem sempre primando pela linguagem escolhida.

Argumentar-nos hão, que na sua maioria os edifícios, onde estão em comum as escolas e as juntas, são pertença destas ou cujo aluguer pagam, sendo tirânico desalojá-las dali. De facto assim é; mas quando a higiene escolar no nosso país deixar de ser uma ficção com aspectos grandiosos nas massudas páginas do «Diário do Governo», para se tornar numa realidade, será êste um dos pontos para que o médico-inspector deve voltar desde logo a sua atenção, tanto mais que o facto já mereceu reparo numa das escolas, ⁽⁹⁾ por parte do professor respectivo, que conseguiu que a junta abandonasse o edifício escolar.

Não julgue, quem lêr estas últimas linhas, vêr nelas uma diatribe, fulminando as juntas de paróquia. Antes pelo contrário. Tais corporações são dignas dos nossos elogios, pois não desconhecemos que muitos problemas de assistência escolar teem sido por elas tratados, zelosamente, com carinho e proficiência, embora ainda disso desobrigadas. Queremos referir-nos a criação de cantinas, e aos banhos do mar dados às crianças pobres das suas freguesias e que deles necessitam, pura e simples iniciativa das juntas de paróquia, a quem dora avante estão entregues algumas questões de assistência pública.

⁽⁹⁾ Obs. n.º 31.

Continuando na análise dos edifícios escolares primários do Pôrto, merecem reparo da nossa parte as escolas, que funcionam em ruas muito movimentadas ou próximas delas. ⁽¹⁰⁾ Compreende-se bem que o facto tem grande importância, não só pelo sussurro que o trânsito nessas ruas provoca, prejudicando os trabalhos escolares, e obrigando os professores a elevar mais a voz para serem ouvidos, o que por vezes acarreta afecções laríngeas, conforme se tem verificado em escolas estrangeiras que estão em idênticas circunstâncias, e pedindo da parte dos alunos um maior esforço de atenção, o que vem sobrecarregar mais o trabalho intelectual a que estão sujeitos.

Conforme nos foi dito pelos respectivos professores dessas diversas escolas, há momentos em que é necessário suspender os exercícios escolares, porque impossível se torna ao professor fazer-se ouvir pelos alunos e vice-versa. Precisa-se no Pôrto, para evitar isto, uma sociedade idêntica às interessantes agremiações americanas, cujo fim exclusivo é promover, na vizinhança das escolas e dos hospitais, uma certa área de relativo silêncio, a que chamam «zonas calmas».

Mas não é somente como dizíamos, no que respeita a barulho, que as escolas devem ser edificadas longe das ruas de grande movimento; há a atender também ao perigo iminente e constante em que se encontram as crianças que as frequentam, e que, por um pequeno descuido, podem ser atropeladas pelas viaturas, que circulam nessas ruas.

Bem sabemos que este problema é de difícil resolução numa cidade movimentada como o Pôrto e atravessada por inúmeras linhas de eléctricos, que dão uma quota parte muito importante com referência a

(10) Obs. n.os 11, 12, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29 e 30.

barulho e a atropelamento; mas a primeira parte, talvez pudesse ser um pouco atenuada, fazendo com que os recreios ou a habitação dos professores facessem com a rua, enquanto os locais destinados às aulas ocupam o fundo do edifício escolar, ficando assim as salas de aula mais distantes da rua, o que já poderia ter sido feito nalgumas escolas. ⁽¹¹⁾

Deve também têr-se sempre em vista quando se pretenda construir uma escola, a constituição do solo, no local escolhido, que será o mais sêco possível, e no caso contrário, não se lançarão os alicerces sem que préviamente tenha sido drenado, afim de se evitar futuras humidades, ⁽¹²⁾ prejudicialíssimas a quaisquer habitações quanto mais a uma escola.

Serão rejeitados, como impróprios, os locais muito frequentemente fustigados por ventos predominantes, ⁽¹³⁾ ou onde se evolem emanações incômodas ⁽¹⁴⁾ para a futura população infantil, que mais tarde irá utilizar-se dessa escola.

Orientação

É empresa laboriosa dar, aos edificios escolares das cidades, uma orientação bem conforme com os princípios da hygiene.

No Pôrto a exposição norte ⁽¹⁵⁾ tem o defeito de tornar as salas, que para êsse lado estão orientadas, muito frias e por vezes fustigadas por um vento trai-

⁽¹¹⁾ Obs. n.ºs 15, 16, 23, 24, 27, 28, 29, 31 e 34.

⁽¹²⁾ Obs. n.ºs 7, 8, 11, 12, 15, 16 e 27.

⁽¹³⁾ Obs. n.º 27.

⁽¹⁴⁾ Obs. n.ºs 6, 11, 12 e 26.

⁽¹⁵⁾ Obs. n.ºs 11, 12, 16, 24, 27, 31 e 39.

çoeiro, embora as qualidades da luz, vinda dêsse quadrante, sejam muito para elogiar, dada a constância da sua intensidade durante o dia.

A orientação para o nascente ⁽¹⁶⁾ é essencialmente desvantajosa, muito principalmente tal como está organizado o horário das nossas escolas primárias, porque as salas com essa disposição são banhadas durante quási toda a manhã — período máximo do funcionamento das aulas — pelos raios solares, que incidindo sôbre elas as torna excessivamente quentes.

Quanto à exposição sul ⁽¹⁷⁾ tem ela o inconveniente de tornar muito quentes as salas de aula nos meses de verão, emquanto no inverno são açoitadas pelas chuvas.

Finalmente a orientação para o poente ⁽¹⁸⁾ tem os mesmos defeitos que a exposição a nascente, embora um pouco mais atenuados, no que diz respeito à inclinação dos raios solares, agravados, porém, pelo bater da chuva.

Pelas razões que vimos apresentando, no que se refere à orientação dos edifícios escolares, entendemos que para o Pôrto a disposição que mais convem é a de noroeste-sudeste, ⁽¹⁹⁾ orientação intermediária, que virá atenuar todos os inconvenientes de qualquer daquelas a que nos acabamos de referir.

As citações, que fizemos no decorrer da parte dêste capítulo, referente à orientação da casa de escola, incidem sómente, como se vê consultando as respectivas observações, sôbre os edifícios expressamente construídos para o fim a que hoje se destinam.

⁽¹⁶⁾ Obs. n.os 11, 12, 15, 16, 23, 24, 29, 31, 32 e 39.

⁽¹⁷⁾ Obs. n.os 15, 23, 28 e 31.

⁽¹⁸⁾ Obs. n.os 27, 28, 29, 31, 32 e 39.

⁽¹⁹⁾ Obs. n.º 34.

Conservação e limpeza

Depois de construída a escola, segundo os preceitos que acabamos de esboçar, convém olhar pela sua conservação e limpeza, tanto interna como externamente, não só a bem da higiene, mas também como ensinamento às crianças que a freqüentam, pois assim se habituarão a viver numa atmosfera de aceio, ao mesmo tempo que se provoca da sua parte um incitamento assás proveitoso para que nas suas casas obriguem pelo seu exemplo os pais, por vezes duma rudeza inqualificável, a respeitar os princípios basilares da mais elementar higiene.

É para lastimar, que nalgumas das escolas ⁽²⁰⁾ por nós visitadas não se tenham observado tais preceitos, em contraposição com outras, onde, por ocasião dessa nossa visita, tivemos ensejo de fazer ver aos respectivos professores, quanto nos era grato registrar o estado de aceio, limpeza e conservação em que apresentavam os seus edifícios escolares.

Como dissemos no princípio dêste capítulo, esperamos que muito brevemente o Pôrto seja dotado com construções escolares, traçadas sobre os modernos moldes da higiene e da pedagogia, para o que não será bastante a aprovação das respectivas plantas pelo inspector de círculo. ⁽²¹⁾

Em nosso parecer terão de ser ouvidas as entidades médicas escolares, que estamos convencidos as

⁽²⁰⁾ Obs. n.ºs 1, 8, 15, 16, 18, 25 e 26.

⁽²¹⁾ Decreto de 29 de Março de 1911—Art.º 57, § 1.º

haverá, muito especialmente destinadas às escolas primárias e cuja falta tanto se vem sentindo.

Se assim não for, podemos afirmá-lo desde já, nunca esta cidade se poderá orgulhar de possuir escolas oficiais, onde os filhos dos seus habitantes se instruam sem pôr em risco a sua saúde.



CAPÍTULO II

SALAS DE AULA

DEPOIS de termos lançado um golpe de vista sôbre os edifícios das escolas primárias do Pôrto, muito principalmente sôbre aqueles que para isso foram construídos expressamente, façamos agora neste capítulo, tam importante ou mais que o anterior, a análise das diferentes salas de aula, que nessa nossa peregrinação visitámos.

É fácil de compreender a importância que tem o estudo das salas de aula, pois que é nelas que as crianças das escolas consomem a maior soma de horas da sua fugitiva mocidade. Por êsse motivo sôbre a sala de aula devem recaír todos os nossos cuidados e atenções, fazendo com que sejam observadas rigorosamente as regras, que a moderna higiene nos impõe, de modo que a criança não venha mais tarde a ressentir-se, e a experimentar as funestas consequências de ter habitado uma sala de aula em péssimas condições de funcionamento para o fim a que a destinaram.

Ha vários factores em jôgo, quando queremos fazer o estudo detalhado e metódico dos requisitos a

que deve obedecer uma boa sala de aula. A sua forma, as suas dimensões, a côr das suas paredes, a natureza do pavimento, as condições de iluminação, ventilação, etc., tudo um amontoado de problemas, que o médico tem de estudar e de resolver.

Se os edifícios das escolas primárias do Pôrto são, como acabamos de ver, olhados no seu conjunto, mais que impróprios para deles nos utilisarmos, as suas salas de aula estão muito longe de como tais ser consideradas.

Forma e dimensões

Uma sala de aula primária deve ter a forma rectangular, com um comprimento máximo de oito metros, visto ser êste o limite também máximo da visão distinta, assim como a sua largura não poderá exceder seis metros, muito principalmente se a iluminação é unilateral, e que será a adoptada; com respeito a altura julgamos que ela não atingirá menos de quatro metros e meio.

As escolas, que o assombroso legado do benemérito Conde de Ferreira espalhou por todo o país, e que o Pôrto contra quatro ⁽¹⁾ no seu seio, eram primitivamente constituídas por uma só sala excessivamente comprida; posteriormente, mais por exigências doutra ordem do que obedecendo a princípios higiénicos, reconhecendo-se êsse defeito, foram as salas divididas, aumentando-se assim o seu número em cada escola. ⁽²⁾

Além destas, outras escolas ⁽³⁾ encontrámos com

⁽¹⁾ Obs. n.ºs 27, 28, 31 e 34.

⁽²⁾ Obs. n.ºs 31 e 34.

⁽³⁾ Obs. n.ºs 8, 11, 15, 16, 19, 23 e 24.

salas de comprimento exagerado, embora algumas delas ⁽⁴⁾ como tal não possamos considerá-lo, visto a mesa dos respectivos professores estar colocada a meio dessa dimensão, de forma que os alunos mais afastados dela conservavam-se ainda dentro dos limites da distância máxima, que acima preconisámos como mais própria.

Visitámos ainda outras salas ⁽⁵⁾ que, além do seu comprimento ser superior a oito metros, teem ainda a condená-las a iluminação uni-lateral ser feita no sentido dessa dimensão, excedendo portanto os seis metros, distância máxima a que devem estar das janelas os pontos mais afastados; outras, ⁽⁶⁾ com comprimento menor que o preceituado, não estão em condições de funcionar, exactamente por esta última parte que diz respeito à iluminação.

Se vimos salas de aula bastante compridas, também em relação com êsse comprimento tivemos ocasião de as encontrar com largura demasiada umas, ⁽⁷⁾ o que as tornava impróprias para o seu funcionamento, olhado o problema pelo lado da iluminação, enquanto a outras ⁽⁸⁾ êsse excesso em nada as vinha prejudicar.

Com referência à altura, tivemos ensejo de vêr salas ⁽⁹⁾ excedendo ou igualando os quatro metros e meio, que reputamos necessários, enquanto outras ⁽¹⁰⁾ ficavam abaixo dessa dimensão.

⁽⁴⁾ Obs. n.os 5, 7, 11, 14, 23, 24, 29, 37 e 38.

⁽⁵⁾ Obs. n.os 5, 6, 7, 11, 14, 29 e 38.

⁽⁶⁾ Obs. n.os 17, 22 e 35.

⁽⁷⁾ Obs. n.os 4, 15, 16 e 24.

⁽⁸⁾ Obs. n.os 23, 24, 28, 31, 32 e 34.

⁽⁹⁾ Obs. n.os 3, 11, 12, 15, 16, 19, 23, 24, 27 e 28.

⁽¹⁰⁾ Obs. n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 42.

Teto

O teto das salas de aula, assim como o das restantes dependências da escola, refeitórios, vestiários, corredores, etc., deve ser liso, desprovido de qualquer ornato, caiado, ou melhor, pintado de branco de forma a poder fazer-se dele uma boa limpeza; evitar-se hão os ângulos, que as paredes costumam fazer com o teto e umas com as outras, substituindo-os por superfícies arredondadas.

Nalgumas das escolas ⁽¹¹⁾ primárias do Pôrto, e referimo-nos apenas às instaladas em edifícios próprios, no que diz respeito às salas de aula, êste último preceito vem-se observando, embora morosamente, pois que essa modificação não se introduz nas salas, que actualmente dela necessitem, enquanto o tempo não se encarregar de fazer esboroar os respectivos estuques, conforme nos informaram numa delas, ⁽¹²⁾ que da nossa parte mereceu reparo a desigualdade que havia sob êste ponto de vista, dumas salas para outras, todas pertencentes ao mesmo edificio.

Temos a frisar, que em nenhuma das escolas que visitámos encontrámos os tetos pintados, nem os ângulos verticais das suas salas substituídos por superfícies arredondadas.

⁽¹¹⁾ Obs. n.os 11, 12, 15, 16, 23, 24, 28, 29, 31, 37 e 38.

⁽¹²⁾ Obs. n.º 15.

Paredes

As paredes da sala da aula também se tornarão impermeáveis com a pintura a óleo, para da mesma forma poderem ser lavadas, escolhendo-se a côr branca com o fim de aumentar a iluminação da sala; nas paredes haverá uma faixa de metro e meio a dois metros de altura, a contar do pavimento da sala, de côr cinzenta-clara, amarela-clara ou esverdeada, faixa que tem por fim substituir o revestimento de azulejo, que vimos nalgumas escolas ⁽¹³⁾ e que, além de ser prejudicial à vista dos alunos pelo seu brilho e às vezes pelo tom escuro ⁽¹⁴⁾ do seu colorido, dá às aulas o aspecto frio dum balneário ou nauseante dum açougue.

O papel deve ser completamente banido da parede das aulas, e não acreditaríamos, se não víssemos, que nalgumas escolas ⁽¹⁵⁾ êle existia, e duma côr tal, que por vezes ainda diminuía a pouca luz que essas salas ⁽¹⁶⁾ tinham. Embora algumas destas últimas façam parte de prédios de aluguer, não julgamos exorbitante a despesa que se faria em mandar arrancar-lhe o papel, obra que a humidade em certas salas ⁽¹⁷⁾ notámos vir fazendo.

Verificámos em várias escolas ⁽¹⁸⁾ a existência da faixa nas paredes, com as côres mais caprichosas, sem

⁽¹³⁾ Obs. n.os 7, 8, 10, 15, 23, 24, 28, 31 e 38.

⁽¹⁴⁾ Obs. n.º 6.

⁽¹⁵⁾ Obs. n.os 5, 6, 26, 41 e 42.

⁽¹⁶⁾ Obs. n.os 14 e 17.

⁽¹⁷⁾ Obs. n.os 13 e 25.

⁽¹⁸⁾ Obs. n.os 1, 4, 11, 12, 16, 20, 26, 27 e 37.

uniformidade ou critério na escolha, e aplicadas por diferentes processos, na ignorância completa do fim a que ela deve visar e das regras a que tem de obedecer a sua feitura.

Pavimento

Quanto ao pavimento da sala de aula preferimos a madeira pintada e envernizada, apesar de alguns higienistas aconselharem o mosaico nas escolas, cujo mobiliário tem a prancha para os alunos descansarem os pés; os motivos que nos levam a dar preferência ao pavimento de madeira, embora não dispenseemos no mobiliário aquele dispositivo, é porque a madeira não é tam fria como o mosaico, nem como êste tam escorregadio e tam propício a provocar quedas às crianças.

Devem as tábuas do pavimento ser embutidas umas nas outras, o mais fortemente que seja possível, diminuindo-se assim a largura das fendas, e por isso mesmo tornando menor a calafetação, pelo betume, afim de que com as variações de temperatura não abram, dando lugar a que se permeabilizem e se transformem em repositórios de detritos de toda a ordem, que o pano molhado por ocasião da limpeza não arrastará.

Nalgumas escolas ⁽¹⁹⁾ êste sistema de pavimentação foi adoptado, mas devido numas à má qualidade dos materiais empregados, noutras devido aos processos de limpeza, que de forma nenhuma podem dar condições de resistência e duração a êsses pavimentos, encon-

⁽¹⁹⁾ Obs. n.os 3, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 19, 20, 23, 24, 37, 38 e 42.

tram-se êles completamente modificados e muito longe do estado em que era preciso que se encontrassem.

Pelo que vimos nestas escolas, e ouvimos dos respectivos professores, os pavimentos tornaram-se impermeáveis em tempo, mas como decorridos alguns anos êles se apresentassem tais quais os encontrámos, assim se deixaram e deixarão permanecer no indifferntismo vergonhoso a que se tem votado as questões de hygiene escolar no nosso país.

Iluminação natural

Deve merecer toda a nossa atenção, quando inspeccionamos uma sala de aula, o problema da luz. A miopia, que se observa em muitos adultos, não foi senão causada por uma deficiência, ou por uma distribuição defeituosa da luz nas salas da aula, que êles freqüentaram quando crianças.

Mas não só como factor importante na função visual, devemos encarar a luz; como poderoso antiséptico que é, deve entrar largamente em todos os aposentos, sejam quais fôrem os fins a que se destinem, e muito principalmente naqueles, como as salas de aula, que são habitadas durante uma grande parte do dia por um maior número de pessoas.

Neste modo de vêr teem os higienistas preconizado varias relações numéricas em que deve estar a superfície da sala da aula com a superfície iluminante. Em nossa opinião, a parede, onde se abrirem as janelas, será na sua quási totalidade ocupada por estas, deixando-se apenas da parede o suficiente para a segurança do prédio, e não nos devendo preocupar nesse sentido mais nada a não ser dar entrada à maior quantidade de luz que seja possível.

Nalgumas escolas do Pôrto, ⁽²⁰⁾ atendendo-se mais à simetria, e ao aspecto exterior do edificio do que ao problema da iluminação natural das aulas, apesar de para isso construídas expressamente, a luz é deficientíssima.

Isto no que diz respeito à quantidade de luz, que deve banhar uma sala de aula. ¿Mas de que lado deverá ela entrar? Não é isso indiferente, como vai ver-se.

A iluminação preferida é a uni-lateral esquerda, ⁽²¹⁾ e compreende-se bem que assim deva ser, porque desta forma, na ocasião em que as crianças escrevem, a sombra do braço e da pena ou lápis não se irá projectar sobre o papel, tornando-lhes dêste modo a escrita mais difficil e obrigando-as a um maior esforço de atenção, ao mesmo tempo que o seu órgão visual é prejudicado, o que acontece quando a luz entra pela direita. ⁽²²⁾

Querem outros que se adopte a iluminação bi-lateral, ⁽²³⁾ que para nós tem o defeito de provocar a aparição, sobre a carteira dos alunos, de luzes contrárias, originando duplas sombras e produzindo uma falsa iluminação; êste processo, ainda pode admitir condições de possibilidade, desde que a luz vinda pelo lado direito das crianças seja em menor quantidade que a que elas hajam de receber pela sua esquerda. ⁽²⁴⁾

Quanto à iluminação pela frente, ⁽²⁵⁾ pela recta-

⁽²⁰⁾ Obs. n.os 11, 12, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 34 e 39.

⁽²¹⁾ Obs. n.os 2, 5, 6, 9, 14, 19, 21 e 29.

⁽²²⁾ Obs. n.os 1, 11, 12, 13, 25, 26, 36, 38, 39 e 40.

⁽²³⁾ Obs. n.os 8, 23, 24, 26, 31 e 36.

⁽²⁴⁾ Obs. n.os 28, 32, e 34.

⁽²⁵⁾ Obs. n.os 1, 4, 8, 12, 16, 26, 30, 31, 33, 34, 39 e 40.

guarda ⁽²⁶⁾, ou pelo teto ⁽²⁷⁾ também estão de há muito condenadas; a primeira, pela incidência directa sobre o órgão da visão, cega momentaneamente as crianças, que se esforçam mais para poder ver melhor; a segunda projecta sobre as carteiras as sombras do tronco e cabeça dos alunos; finalmente a terceira, além de apresentar os inconvenientes desta última, traz-nos nos meses de verão uma considerável elevação de temperatura, que muito prejudica o funcionamento dos trabalhos escolares.

Todas estas modalidades de iluminação encontrá-mos em abundância nas escolas do Pôrto. Seria um estudo curioso aquele que incidisse sobre os olhos das crianças, comparando a agudeza visual dos alunos que freqüentam salas higiénicamente iluminadas com a dos das outras salas.

Tirar-se-iam dêsse trabalho óptimos ensinamentos, e exemplos bem demonstrativos para os próprios professores, da importância que tem para a saúde da criança o problema da iluminação, porque é bom dizermos nesta altura, que muitas salas que visitámos, e cujo mobiliário estava mal disposto em relação às janelas, isso era devido ao desprezo que os respectivos professores lançam à questão da luz, uns por ignorância no assunto, êstes em maior número, outros porque as suas comodidades são prejudicadas, se as carteiras tomarem uma orientação diversa daquela, que por êles vem sendo adoptada, conforme tiveram a ingenuidade de no-lo confessar.

A excessiva acumulação de alunos, que se vê nas escolas do Pôrto e a que nos referiremos mais adiante,

⁽²⁶⁾ Obs. n.os 3, 7, 8, 10, 11, 18, 24, 26, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 39 e 42.

⁽²⁷⁾ Obs. n.os 12, 27, 33 e 36.

vem também contribuir imenso para que as crianças recebam a luz de forma prejudicial; em muitas salas, embora com o seu mobiliário bem disposto para a iluminação lateral esquerda, tendo uma população superior ao número de lugares dêsse dito mobiliário, vêem-se obrigados os professores a colocar carteiras e bancos dos mais extravagantes feitos, em frente às janelas ⁽²⁸⁾, encostados às paredes, recebendo luz pela direita ⁽²⁹⁾, pela rectaguarda ⁽³⁰⁾, ou então escondidos atrás da sua mesa que, colocada num estrado ⁽³¹⁾, é uma barreira interposta aos raios luminosos.

Algumas escolas ⁽³²⁾, afim de que quem passe nas ruas não veja o interior das salas de aula, ou para evitar a acção do sol sobre as mesmas, tinham os vidros das janelas foscos. É um dispositivo que deve banir-se, porque a luz, coada através de vidros nessas condições, torna-se bastante indecisa e bruxuleante, sendo por êsse facto nociva para a vista das crianças.

Em sua substituição, desempenhando o mesmo papel velador e tamisante sem contudo se tornar prejudicial para os alunos, aconselhamos os transparentes de pano amarelo-claro, sem quaisquer desenhos ou riscas, diferentes dos que encontrámos em diversas escolas ⁽³³⁾.

⁽²⁸⁾ Obs. n.ºs 7, 11, 17, 18, 20, 26, 36, 38, 41 e 42.

⁽²⁹⁾ Obs. n.ºs 3, 15, 17, 18, 22, 25 e 26.

⁽³⁰⁾ Obs. n.ºs 3, 12, 15, 30 e 41.

⁽³¹⁾ Obs. n.ºs 4, 12, 15, 16 e 38.

⁽³²⁾ Obs. n.ºs 9, 11, 12, 15, 16, 26, 27, 30, 37, 38, 39 e 42.

⁽³³⁾ Obs. n.ºs 17, 18, 20, 22, 25, 31, 32, 33 e 35.

Iluminação artificial

Para ultimar o assunto que vimos tratando acêrca da iluminação das salas de aula, falta-nos falar da luz artificial, que algumas escolas do Pôrto ⁽³⁴⁾ utilizam nos cursos nocturnos para adultos.

Nessas escolas faz-se uso do bico incandescente, colocado em travessões pendentes do teto, em número muito reduzido. Êste sistema de iluminação tem inconvenientes, apontando-se como principais o calor, os produtos de combustão que se desenvolvem, e a quantidade de oxigénio roubado às salas de aula.

No caso, porém, que tenhamos de servir-nos dêle, por falta de outros meios de iluminação melhor, a sua colocação obedece a regras que nessas escolas não vimos observadas. Assim os bicos estarão colocados 1,^m25 abaixo do teto e com um reflector cónico, de vidro opalino-leitoso, que na parte inferior do bico projectará a luz para o teto, sem produzir sombras nas mesas dos alunos.

Isto é a disposição para cada bico, porque quanto ao número de bicos, deverá ter cada sala um por cada 4^m2; sabendo nós que o bico Auer vale em intensidade 5 *carcels*, e adoptando-se um *carcel* por metro quadrado num recinto com 5^m de altura, nas nossas salas, com uma altura de 4^m,50 deve ser êsse o número de bicos em relação à superfície da sala.

Mas o Pôrto dispõe de iluminação eléctrica, e nesse caso a iluminação artificial das suas escolas será daquela natureza, observando-se com cada lâmpada

⁽³⁴⁾ Obs. n.os 3, 7, 12, 15, 27 e 31.

aquilo que aconselhamos para a manga de incandescência; o número de lâmpadas irá aumentando até que se tenha chegado a obter uma intensidade luminosa de vela e meia por metro cúbico.

Ventilação

Qualquer recinto necessita de ser bem ventilado, mas muito principalmente, porêem, quando nele estaciona longas horas um número considerável de indivíduos, como sucede nas salas da aula.

É preciso manter o ar sempre puro, o mais puro que seja possível, afim de se evitar todos os inconvenientes duma atmosfera viciada, tam prejudicial a adultos, quanto mais às crianças, cujas condições de receptividade para as doenças são mais favoráveis e em maior número que naqueles.

Quem, como nós, entrou em tantas escolas sempre em pleno funcionamento, não mais esquece êsse cheiro desagradável, que nas salas de aula se desenvolve, quando não são suficientemente ventiladas. Muitas das salas, que visitámos, não eram arejadas, quási na sua grande maioria por falta de disposições especiais para isso. Naquelas em que as janelas, desprovidas de bandeiras móveis, eram fronteiras às portas de entrada, qualquer tentativa de ventilação, que se fizesse, seria até certo ponto de resultados mais funestos para a criançada, do que próprioamente o viciamento da atmosfera.

Em vista disso se torna necessário estabelecer um sistema de ventilação a adoptar em todas as escolas, sem que a entrada do ar se faça por forma que incomode as crianças e os professores.

Neste sentido preconisamos a existência de ban-

deiras móveis na parte superior das janelas e das portas, abrindo-se na parede oposta àquelas, junto ao pavimento das salas, orifícios que se obturem sempre que se queira e onde a entrada do ar pode ser regularizada.

Como se vê é uma disposição fácil de obter, mesmo para as actuais escolas primárias, onde em muitas delas ⁽³⁵⁾, apesar das suas janelas terem bandeiras móveis, lhes faltavam as aberturas no lado oposto, o que tornava quasi improficuo tal processo de ventilação, não falando já naquelas salas ⁽³⁶⁾, cujas bandeiras móveis não funcionavam por falta de cordel!

O que acabamos de dizer refere-se ao renovo-mento constante do ar durante os trabalhos escolares. No intervalo dêstes, porém, as portas e as janelas das salas, depois dos alunos saírem para os recreios ou para suas casas, devem ser amplamente abertas, afim de que o beneficiamento daquela atmosfera se faça intensamente.

Nalgumas escolas do Pôrto, succede que isto não se pode fazer, como tivemos ocasião de verificar, principalmente no que diz respeito à primeira parte, porque não possuindo essas escolas recreios, onde as crianças possam reunir-se nas horas de descanso, são obrigadas a brincar dentro das próprias salas, onde lhes é ministrado o ensino saturando o ar de produtos de intoxicação — exalações pulmonares e cutâneas, e de poeiras que levantam com seus folguedos.

Como se vê é também êste um dos assuntos para que o higienista deve voltar um pouco da sua atenção,

⁽³⁵⁾ Obs. n.ºs 1, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39.

⁽³⁶⁾ Obs. n.ºs 15, 28 e 37.

e que vem sendo tam desprezado, embora a sua importância para a saúde das crianças e dos professores seja enormíssima.

Superfície e cubagem por aluno

Em relação com as dimensões que estipulámos como mais convenientes para uma sala de aula primária, a superfície, que a cada aluno deve pertencer, será de $1,30\text{m}^2$ assim como 6m^3 exprimirão a sua cubagem mínima.

As escolas primárias do Pôrto teem a superfície e a cubagem das suas salas, comparativamente ao número de alunos que as frequentam, muito longe dêsses valores, e basta percorrer as observações das diferentes escolas, que visitámos, e onde a superfície e a cubagem das salas, bem como o número dos alunos se encontram apontados, para verificar que assim é.

Mas aqueles que, além dessa vista de olhos, fizerem como nós o cálculo, chegarão finalmente a concluir que a superfície média por aluno é de setenta e cinco centímetros quadrados, e a cubagem média de dois metros e novecentos decímetros cúbicos.

Os resultados dêsse cálculo definem flagrantemente o pouco que até agora se tem olhado para a hygiene das nossas escolas primárias, e dizem muito mais do que as numerosas considerações que sôbre êles bordássemos, comparando-os com aqueles, que esperamos de ora avante ver adoptados.

CAPÍTULO III

ANEXOS

Recreios

O QUE nos ia pouco a pouco impressionando, à medida que visitávamos as diferentes escolas primárias do Pôrto, eram as exíguas dimensões ⁽¹⁾, e por vezes a ausência ⁽²⁾, de locais próprios, para as crianças nos intervalos das aulas poderem brincar, e também, onde lhe fossem ministrados os rudimentos de educação física.

Alguns dos edifícios ⁽³⁾, construídos expressamente para escolas, não têm recreios, nem espaço para actualmente se remediar essa falta; outros, porém, apesar de possuírem recinto suficiente para os alunos o ocupa-

⁽¹⁾ Obs. n.ºs 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 19, 21, 25, 29, 30, 32 e 39.

⁽²⁾ Obs. n.ºs 2, 3, 11, 18, 36, 37 e 38.

⁽³⁾ Obs. n.ºs 11, 12 e 39.

rem nas horas de descanso, como tais terrenos são cultivados em proveito dos professores, é-lhes vedada essa faculdade.

Com respeito às escolas instaladas em prédios de aluguer, se teem quintais, êles, com algumas excepções (4), são de superfície tam reduzida, que na sua enorme maioria as crianças nem os utilizam.

Sob êste ponto de vista estão, como se vê, as escolas primárias do Pôrto numa grande inferioridade higiênica a alguns institutos de educação particular, que conhecemos, onde há vastos terrenos, mais ou menos arborizados, que os alunos aproveitam para os seus folguedos, jogos e exercícios ginásticos.

Isto no que se refere a recreios ao ar livre, porque salões de recreio para os dias de chuva, em vista da falta quási geral de locais apropriados para isso, limitavam-se as crianças a permanecer nas salas de aula, nas horas do descanso, ou a vaguear aos encontrões pelos corredores.

Era êste o quadro, que salvo muito restritas excepções, como atrás frisámos, se nos apresentava durante a nossa peregrinação pelas escolas primárias da cidade.

Comprendemos perfeitamente que no Pôrto, onde por vezes os terrenos atingem um preço fabuloso, nem sempre será possível dotar um edifício escolar com terreno anexo, suficiente para a instalação dum bom recreio; no entanto julgamos, que, dado o número de escolas, que uma cidade deve possuir, quanto maior êle fôr, e isso se deve sempre ter em vista, olhando à densidade da sua população, mais fácil se torna adquirir o terreno necessário para o recreio, porque assim cada vez menores serão as suas dimensões, notando

(4) Obs. n.ºs 17, 26, 33, 35 e 42.

porém, que elas devem estar na seguinte relação: por cada aluno cinco metros quadrados de terreno.

Contra a impossibilidade que nalgumas cidades estrangeiras se manifesta, de proporcionar às diversas escolas recreios descobertos, tem-se adoptado, e nomeadamente na Inglaterra, o construir, no alto dos edifícios, terraços para as crianças brincar. Não concordamos com êste modo de proceder, quando mais não fosse, senão pela razão de nesses terraços não se poderem plantar árvores, cuja sombra é de grande utilidade nos recreios ao ar livre, devendo portanto possuí-las em número suficiente para ensombrarem o local, sem prejudicar a iluminação das salas de aula e a circulação do ar no recreio.

O pavimento dêste será em saibro, plano e desprovido de pedras.

O recreio coberto é também indispensável nas nossas escolas primárias; algumas encontrámos ⁽⁵⁾ com salas de pequena superfície, destinadas a êsse fim, enquanto vimos outras ⁽⁶⁾ com lojas escuras, húmidas e frigidíssimas, apropriadas mais para adegas, destino que com certeza tinham tido anteriormente, e onde agora as crianças, em vez de beneficiarem com a sua permanência lá, vêem a cada passo abalada a sua saúde.

Não é duma extrema dificuldade estabelecer nas nossas escolas um recinto em condições de poder servir para descanso ou exercícios físicos, ao abrigo de quaisquer perturbações atmosféricas; uma sala ao rés-do-chão, bem ventilada, bem iluminada e com uma superfície de um metro e vinte e cinco decímetros quadrados por aluno é o suficiente. E quando por qual-

⁽⁵⁾ Obs. n.os 6, 8, 9, 16, 17, 18, 20, 32, 35 e 40.

⁽⁶⁾ Obs. n.os 1, 5, 13, 14, 19 e 41.

quer circunstância, uma escola não possa dispôr duma sala com essas dimensões, construindo-se um pavilhão ⁽⁷⁾, no recreio ao ar livre, aberto, de forma a fazer-se uma boa ventilação, ao mesmo tempo que abrigue as crianças dos ventos e das chuvas, ter-se há dotado a escola com um recreio coberto, em óptimas condições de funcionamento.

Refeitórios

Apesar de nas escolas primárias do Pôrto sêr muito diminuto, quási insignificante até, o número de Cantinas, conforme se verá no capítulo dedicado a esta parte da assistência escolar, é caso para estranharmos, que muitas dessas escolas não possuam refeitórios, destinados às crianças, que levam de casa os seus *lunchs*. Se nalgumas ⁽⁸⁾ encontrámos salas, destinadas para isso, noutras, embora essas salas existam com êsse fim, notámos que se lhe vinham dando aplicações muito diversas.

As dimensões dum refeitório dependem do número de crianças, que devem sentar-se às mesas, cujo comprimento não excederá quatro metros, afim de que cada lugar possa ser fácilmente acessível à vigilância do professor.

O pavimento, teto e paredes obedecerão aos mesmos princípios de hygiene, que preconisámos para as salas de aula, assim como a ventilação; a luz também deverá entrar em abundância, bem como haverá o número suficiente de lavatórios para que as crianças os utilizem sempre, e o mais rápidamente possível.

⁽⁷⁾ Obs. n.os 29 e 33.

⁽⁸⁾ Obs. n.os 6, 16, 17, 24, 38, 39 e 40.

Vestiários

É nos vestiários, à entrada das escolas, que os alunos colocam os chapéus, casacos de agasalho, guarda-chuvas, calçado e as cestas com o *lunch*.

São poucas as escolas do Pôrto ⁽⁹⁾ que possuem vestiário. As crianças conduzem para as carteiras os chapéus e os *bonnets*, ou penduram-nos, quando muito, nuns cabides indistintos espalhados pelos corredores ⁽¹⁰⁾, pelos patamares ⁽¹¹⁾ ou pelas próprias salas de aula ⁽¹²⁾.

Uma tal regra não está de acôrdo com o século que vamos atravessando; amontoar nas salas de aula, péssimamente ventiladas, como efectivamente são, roupas de toda a ordem, cuja imundície e humidade as saturam de nauseantes odores, emquanto que o seu escuro colorido vem absorver os escassos raios luminosos, que lá entram, é facto que não deve passar sem o nosso registo.

¿E a promiscuidade com os cabides?

Um aluno, cujo couro cabeludo seja prêsa de qualquer processo mórbido essencialmente contagioso, ou cujo cabelo albergue parasitas, poderá transmitir a sua doença a um camarada hígido ou povoar-lhe a cabeça limpa, desde que ambos se utilizem indistintamente do mesmo cabide.

⁽⁹⁾ Obs. n.ºs 1, 5, 6, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 32, 35, 37, 38, 39, 40 e 41.

⁽¹⁰⁾ Obs. n.ºs 7, 11, 29 e 30.

⁽¹¹⁾ Obs. n.ºs 3, 20, 25 e 26.

⁽¹²⁾ Obs. n.ºs 2, 8, 23 e 32.

É isto o que na sua singeleza resulta de não haver nas escolas cabides unipessoais, devidamente numerados, sistema que o professor imporia à criança desde a sua entrada na escola, e por cujo fiel cumprimento com rigor vigiaria.

Um vestiário instalado em boas condições não é num corredor, dificultando a passagem, conforme vimos alguns, mas numa sala ao rés-do-chão, especialmente adaptada para isso, tendo, ao longo das paredes, duas fileiras paralelas de cabides, a superior, destinada aos chapéus, e a inferior aos casacos de agasalho, além duma série de argolas horisontais em relação com os cabides, onde as crianças introduzirão os guarda-chuvas, cuja água correrá para uma tina de zinco, que rodeia toda a sala; superiormente aos cabides é necessário um prateleiro, com tantas divisões quantos aqueles, destinado aos alunos colocarem a cesta do *lunch*.

Os cabides não deverão ficar todos a uma mesma altura, de forma que as crianças baixas possam chegar-lhes, e que os agasalhos dos alunos mais crescidos não venham tocar no pavimento. Serão, como atrás dissemos, numerados, correspondendo cada cabide a seu aluno.

O vestiário será provido de lavatórios, e, como todas as dependências da escola, será bem ventilado e iluminado.

Mictórios

Tanto os mictórios como as latrinas, de que adiante falaremos, devem estar situados num extremo do edifício e em comunicação directa com o recreio descoberto.

Desta forma satisfaremos as duas condições, a

que ha a atender, todas as vezes que tenhamos de instalar numa escola, quer os mictórios quer as latrinas: evitar que quaisquer emanções, que sempre existem por mais providências que se adoptem, se espalhem pelas demais dependências do interior do edifício, e que as crianças, nas horas de recreio, tenham de entrar no edifício escolar, quando queiram utilizar-se de qualquer dêles, o que não permitirá uma vigilância tam profícua da parte dos professores.

Se a escola tem dois pavimentos, rés-do-chão e primeiro andar, além dos gabinetes existentes ao rés-do-chão, contíguos, como acabámos de dizer, ao recreio descoberto, haverá também no primeiro andar, numa varanda isolada do resto do edifício, igual número de mictórios e latrinas. A construção dêstes últimos tem por fim evitar que a criança durante as aulas, que funcionam no primeiro andar, tenha de descer as escadas para vir às latrinas e mictórios do pavimento inferior, estando portanto mais tempo fora das vistas dos professores, e sujeita a quedas durante a descida e a subida dos degraus, que separam os dois pavimentos.

O recinto, onde se fizer a instalação dos mictórios, deve ter o pavimento cimentado e as paredes revestidas de azulejo, bem unido, de maneira a poderem ser lavadas com facilidade todas as semanas, e a assegurar o escoamento completo da urina, evitando-se assim a sua estagnação e consequente fermentação, que iria provocar a exalação de vapores amoniacaes, de cheiro muito desagradável.

Em algumas das escolas, que visitámos, não havia mictórios ⁽¹³⁾; as latrinas desempenhavam ao mesmo tempo as duas funções, o que fazia com que nem

(13) Obs. n.ºs 5, 12, 13, 18, 34 e 14.

sempre se conservassem num estado de limpeza, como seria para desejar em qualquer local, mas muito mais numa escola. Naquelas, porêm, que tinham mictórios, êstes eram quási todos, com ligeiras excepções ⁽¹⁴⁾, de sistema de tina de porcelana, por vezes colocada a uma altura desproporcional em relação às crianças, que deles tinham de servir-se.

Condenamos o uso de tal sistema, embora êle seja provido de água em abundância, porquanto esta só banhará muito incompletamente a parte interna da bacia, deixando que a urina estacione entre aquela e a parede, ou mesmo aderente à própria parede, e pelo pavimento, locais onde a água, encanada directamente para o mictório, não poderá chegar.

Por estas razões julgamos preferíveis as peças de grés silicatado, semi-cilíndricas, encaixadas na parede, e que alguns mictórios públicos já adoptam; cada uma destas peças constitue um mictório, devendo colocar-se tantos quantos os necessários, tendo em vista que, por cada vinte alunos haverá um mictório.

Êstes mictórios serão todas as semanas lavados profusa e cuidadosamente, embora a água caia por uma disposição automática de quarto em quarto de hora durante o funcionamento das aulas, espalhando-se de forma a percorrer toda a superfície do mictório. Inferiormente a êstes haverá uma goteira, também da mesma substância, onde os líquidos vindos de todos êles se misturarão, para se esgotarem em conjunto por um orifício, munido do respectivo sifão e comunicando com a tubagem geral dos dejectos.

O gabinete, onde se instalarem os mictórios será o mais iluminado e ventilado possível, devendo conservar-se sempre muito limpo.

⁽¹⁴⁾ Obs. n.ºs 1, 7, 19, 23, 30, 31, 33 e 36.

Latrinas

Contíguo ao gabinete dos mictórios encontrar-se há o das latrinas, observando-se nestas todas as regras da higiene que para aqueles foram apontadas, não só no que diz respeito à ventilação e iluminação, como também ao revestimento das paredes, e à natureza do pavimento.

Ao contrário dos mictórios, que se dispõem em conjunto dentro dum só recinto, as latrinas serão isoladas umas das outras, em compartimentos separados, providas cada uma da sua porta, fechada sempre automaticamente, e cuja parte inferior ficará distante do sólo trinta centímetros ⁽¹⁵⁾, para que o professor possa exercer a sua vigilância.

O número de latrinas para cada escola estará em relação com a sua frequência, de forma que corresponda uma latrina por grupo de quinze crianças, isto para as escolas femininas, porque nas escolas do sexo masculino o seu número será igual ao dos mictórios.

Esta diferença compreende-se bem, desde que atendamos a que nas escolas de rapazes há, além das latrinas, os mictórios, enquanto que nas escolas femininas faltam estes.

Nas escolas primárias do Pôrto, este número, tanto no que dizia respeito a mictórios como a latrinas, não era observado, e principalmente naquelas, que estavam instaladas em prédios de aluguer, onde por vezes os urinóis não existiam e as latrinas estavam redu-

⁽¹⁵⁾ Obs. n.os 11 e 12.

zidas a uma ou duas para um considerável número de crianças.

O sistema a adoptar nessas latrinas será o de bacia de porcelana, cuja forma se aproxima dum irregular tronco de cone, com base elíptica. Na parte superior e posterior, junto ao rebôrdo, tem essas bacias um orifício, por onde chega a água destinada a arrastar as matérias fecais para a canalização geral, através dum sifão convenientemente ventilado por uma abertura superior, onde se adapta um tubo, que estabelecendo comunicação entre o sifão e o ar exterior, irá abrir-se a alguns metros acima do telhado do edifício.

Cada bacia estará em relação com a estatura das crianças, havendo para isso, dentro da mesma escola, várias latrinas de diversos tamanhos.

É um facto de relativa importância e a que se não tem atendido nas nossas escolas.

O anel móvel de madeira ou de ebonite, que garante o rebôrdo da bacia será, nas escolas femininas, incompleto na sua parte anterior, tomando assim a forma da ferradura, afim de evitarmos o contágio das vulvites, tam freqüentes nas crianças linfáticas e naquelas cujos pais não olham convenientemente pela sua limpeza.

Para a limpeza das latrinas haverá sempre afluxos de água em abundância, quer automáticos para as classes inferiores, quer provocados pelos próprios alunos, familiarizando-os com os sistemas modernos de instalações desta ordem, de maneira a arrastar os dejectos e a ter nos sifões água sempre limpa.

Com respeito à saída do edifício escolar de todos os produtos de *sewage*, proceder-se há com a máxima cautela, no construir da canalização, para não haver extravasamentos, e os dejectos irão directamente lançar-se no sistema de esgotos da cidade, de que estarão separados pelo sifão respectivo.

É nestas resumidas bases que deve assentar a instalação de latrinas e mictórios nas nossas escolas primárias. As velhas latrinas em caixão, com buraco circular, sem bacia ⁽¹⁶⁾, ou com esta sem sifão ⁽¹⁷⁾, ou com um rudimento de válvula ⁽¹⁸⁾, que precedeu o aparecimento daquele, e que tanto abundam nas escolas do Porto, devem ser completamente substituídas.

Já não se trata em especial duma questão de higiene escolar, é da higiene da habitação, pois que a sua existência quasi que se limitava às escolas instaladas em prédios de aluguer.



⁽¹⁶⁾ Obs. n.os 32, 34 e 39.

⁽¹⁷⁾ Obs. n.os 4, 7, 8, 16, 17, 18, 26, 31 e 40.

⁽¹⁸⁾ Obs. n.os 5, 9, 17, 19, 22, 23, 24, 25 e 42.

CAPÍTULO IV

O MOBILIÁRIO

«Ces attitudes vicieuses et précisément la posture incorrecte, asymétrique du corps dans les bancs lorsque les élèves lisent ou écrivent, sont une cause puissante de prédisposition à la tuberculose du poumon et contribuent beaucoup à sa diffusion, ainsi que l'ont montré les recherches de Binet et de moi-même».

G. BADALONI.

Modelos adoptados

À TRÊS tipos principais se reduz, duma maneira geral, o mobiliário usado nas escolas primárias do Pôrto: o modelo português «Albino de Matos» ⁽¹⁾, o modelo francês «Lenoir» ⁽²⁾ e um terceiro também de origem francesa ⁽³⁾, mas de cujo autor não nos foi possível saber o nome.

⁽¹⁾ Obs. n.ºs 1, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 15, 16, 17, 22, 26, 29, 30, 31, 38 e 39.

⁽²⁾ Obs. n.ºs 1, 11, 13, 19, 22, 26, 30, 31, 34, 35, 38 e 41.

⁽³⁾ Obs. n.ºs 2, 4, 6, 8, 9, 10, 14, 17, 20, 21, 24, 25, 28, 29, 35, 36, 37, 39, 40 e 42.

Aparte êsses três modelos tivemos ocasião de encontrar pelas diferentes salas de aula, que visitámos, longos bancos sem encôsto, carteiras-bancos com mais de três logares, todas do mesmo tamanho de tôska construção e desproporcionados com a estatura das crianças, que neles tomavam atitudes variadíssimas e ultra-defeituosas. (4)

O modelo que ultimamente vem substituindo não só essa heterogênea mobília como os dois restantes modelos ainda, tam largamente espalhados, é o do distinto professor snr. Albino de Matos, que há muitos anos se dedica carinhosa e proficientemente à importante questão do mobiliário escolar.

A sua carteira-banco, mais ou menos decalcada sobre o banco Moss, adoptado nas escolas primárias de Inglaterra, apresenta-nos oito variedades, ligeiramente modificadas umas das outras e compreendendo cada uma delas seis tipos, harmónicamente construidos em relação à altura da criança.

Nas suas linhas gerais essa carteira-banco, destinada a dois alunos, compõe-se da escrivaninha inclinada, que por um movimento de charneira pode ser erguida isoladamente por cada aluno com o fim de arrumar os livros numa caixa ou numa prateleira que lhe fica inferior, ou então, quando apenas uma parte dessa escrivaninha levanta, ficando com uma maior inclinação, permite, pela disposição em que fica, colocar-lhe comodamente o livro durante os exercícios de leitura. A parte horizontal da carteira tem dois tinteiros destapados, duas ranhuras para as canetas e lápis, e umas simplificadas estantes de madeira e ferro, que a criança utiliza quando tem de fazer qualquer desenho ou cópia.

(4) Obs. n.ºs 5, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 42.

O banco, cuja distância à carteira é fixa por um estrado comum de madeira ou de ferro, é provido de encôsto, sendo parte do assento móvel de forma ao aluno poder entrar e sair mais livremente.

Este mobiliário é envernizado à côr da madeira amarela-clara, ou então a escuro.

O modelo «Lenoir», que recorda um pouco os modelos americanos, é também para dois lugares. A carteira e o banco são ligados por uma peça de ferro, que mantém inalterável a distância entre uma e outro. Tem uma barra de ferro destinada à criança descançar os pés, mas que, tendo o defeito de não estar a uma distância do banco proporcional à estatura da criança, obriga esta a sentar-se na beira daquele se quiser colocar os pés, ou então, estando bem sentada, aqueles não podem chegar à barra.

Finalmente o terceiro modelo de carteira-banco foi o primeiro mobiliário que veio para a Escola Normal desta cidade, há mais de trinta anos, servindo de tipo para a mobília das escolas primárias, que pouco a pouco se iam estabelecendo na cidade.

Este sistema para dois e três alunos assenta numa pesadíssima armação de ferro. O banco, demasiadamente baixo, é uma caixa, onde os livros se guardam e cuja tampa serve ao mesmo tempo de assento. Aderente às costas do banco fica a carteira, que é utilizada pelos alunos que estão posteriormente. A parte inclinada da carteira é móvel em todo o seu comprimento, podendo abaixar de forma a diminuir a distância entre ela e o banco, de grande utilidade nos trabalhos femininos.

O mecanismo desta disposição, tendo dado origem a que as crianças se magoem freqüentes vezes, era mais que suficiente para a condenação d'este modelo, não falando já na uniformidade das suas dimensões, no seu peso considerável, e nos mais defeitos que da sua descrição ressaltam.

Descritos muito sucintamente os três tipos de mobília, que as escolas primárias do Pôrto adoptam, dispensamo-nos de apontar os contras que cada um dêles apresenta, pois teríamos de fazer repetições, alongando demasiado êste capítulo, preferindo antes dizermos quais as bases em que, segundo o nosso parecer, deve assentar a construção dum bom mobiliário, higiénica e pedagogicamente considerado como tal.

Bases dum bom mobiliário

Entendemos que o sistema a adoptar nas nossas escolas primárias deve ser a carteira-banco de dois lugares, porque, se comportar mais alunos do que aquele número, não podem as crianças, que se sentam no meio, ser vigiadas nos seus trabalhos tam proficuamente pelos professores como aquelas que estão nas extremidades; além disso quando um dêsses alunos houver de abandonar o seu lugar terá fatalmente de fazer deslocar os outros, o que prejudica o sossêgo da aula e altera a disciplina.

Não deverá êsse mobiliário ser todo das mesmas dimensões, construindo-se cinco tipos, em relação com a estatura da criança; o tipo A para as crianças, cuja altura variar de um metro a um metro e dez centímetros; o tipo B, para as de um metro e onze a um metro e vinte centímetros; o tipo C, para as de um metro e vinte e um a um metro e trinta e cinco centímetros; o tipo D, para as de um metro e trinta e seis a um metro e cinquenta centímetros; finalmente o tipo E, para aquelas, cuja altura exceder um metro e meio.

Se não se estabelecer uma série de carteiras-bancos para as diferentes alturas das crianças numa sala de aula, sucede que numa carteira muito baixa para um

aluno de estatura elevada, êste será obrigado a inclinar o tronco para diante, comprimindo fortemente as vísceras abdominais, imobilizando a parte inferior do tórax, prejudicando desta forma a função respiratória ao mesmo tempo que aproximando demais a cabeça da escrivaninha, a criança contraírá o mau hábito de olhar os caracteres tipográficos muito de perto e depois os outros objectos.

Em consequência das horas prolongadas a que as nossas crianças são submetidas nesta péssima atitude, repetida quotidianamente, mais cedo ou mais tarde as perturbações visuais surgirão como que por encanto, sem que elas nem as próprias famílias saibam a que atribuí-las.

Se o banco fôr alto, o aluno, não podendo apoiar os pés na prancha, deixá-los há pendentes, balouçantes, produzindo-lhe em breve um mal estar e despertando-lhe uma sensação de cansaço, como se tivesse percorrido a pé grandes distâncias.

Quando a carteira é alta, se o aluno quer escrever, vê-se obrigado a curvar a coluna vertebral, afim de que o braço direito possa assentar todo, à vontade, sôbre a escrivaninha, produzindo-se desta maneira, não só um desvio na parte superior da coluna vertebral, como também na região lombar um outro, em sentido inverso, para manter o tronco em equilíbrio.

No modelo a adoptar a inclinação da escrivaninha será de 15°, e entre o bôrdô posterior desta e o bôrdô anterior do banco haverá uma distância negativa de quatro centímetros, pois se esta distância for positiva surgirão os inconvenientes, que apontámos, quando falámos nas carteiras demasiadamente baixas.

Ao contrário do que notámos em alguns sistemas de mobiliário, as carteiras terão uma prancha para as crianças descansarem os pés e cuja largura se regulará pelo comprimento daqueles.

A sua altura acima do solo variará entre dez e quinze centímetros, evitando-se por esta forma que os pés arrefeçam, provocando pequenas congestões cerebrais e nomeadamente do fundo do globo ocular.

Os bancos serão providos de encôsto, porque sem êle a criança será obrigada, para descansar, a apoiar-se sôbre a carteira, originando-lhe uma excessiva fadiga na região renal e uma curvatura anômala na coluna dorsal.

Compreendemos que devem ser êstes os requisitos primaciais a que tem de obedecer a construção dum bom mobiliário escolar, mas não temos a pretensão de apresentar um modelo especial a juntar às centenas dêles, que enchem todos os mercados. O problema é de-veras embaraçoso e complicado para que nos julgemos autorizados a pretender dar-lhe uma solução.

Agora, porém, que vai ser posta em vigor uma nova lei sôbre o ensino primário, pensamos que esta questão da mobília das escolas deve preocupar imenso os poderes públicos, e como tal não deverá fazer-se demorar a nomeação dum núcleo de entidades, de reconhecida competência em matéria de higiene escolar, afim de proceder ao estudo dum plano de carteira-banco a adoptar nas nossas escolas, necessidade que dia a dia se vem tornando cada vez mais urgente.

Apesar de recentes trabalhos sôbre higiene escolar não ligarem grande importância ao mobiliário, alegando que os perniciosos efeitos da carteira e do banco desaparecem desde que se diminua o número de horas de aula seguidas, não tendo nêsse caso influência de maior na saúde das crianças, nós não somos dessa opinião.

Reconhecemos que um defeituoso mobiliário, coadjuvado com uma iluminação insuficiente ou prejudicial, não só é um dos principais elementos da miopia escolar, como, pelas atitudes viciosas que determina, é também um poderoso factor dos desvíos, que se observam na coluna vertebral das crianças que o utilizam.

Um mau mobiliário, provocando grandes desordens nas funções respiratórias e circulatórias, altera profundamente a nutrição geral do aluno numa idade em que mais facilmente essas perturbações podem assentar arraiais, eternizando-se, nunca mais o abandonando e diminuindo-lhe todas as probabilidades duma vida longa, transformando assim as crianças, que se servem dêsse mobiliário, numa legião considerável de cifóticos, escolióticos, míopes e tuberculosos.

Número de logares e número de alunos

No mobiliário tipo, que esboçamos como mais próprio para as nossas escolas primárias, fixámos que cada carteira-banco teria apenas dois logares, e, em conformidade com as dimensões que arbitrámos às salas de aula, o número dessas carteiras não excederá dezoito, de maneira a dar um total de 36 alunos — frequência máxima de cada sala.

Ora sucede que em todas as escolas primárias do Pôrto, se não na totalidade das suas salas, pelo menos em grande parte delas, havia sempre um excesso de alunos sobre o número de logares cómodos, fornecidos por um mobiliário regular.

Exactamente como fizemos quando tratámos da superfície e da cubagem distribuídas a cada aluno, os cálculos, elaborados nêsse sentido, veem-nos dizer, que uma terça parte das crianças dessas escolas está de pé e mal sentada, adquirindo viciosas atitudes, inutilizando-se a pouco e pouco, dentro dum futuro bem próximo, à medida que vão passando por essas salas, cujo mobiliário além de anti-higiênico é deficiente.

Terminando êste capítulo, nós queremos mais uma vez acentuar que uma das primeiras reformas a intro-

duzir nas nossas escolas primárias é a do mobiliário, actualmente talvez a mais importante das causas que contribuem para definhar as crianças robustas, e aniquilar por completo aquelas a quem uma tara mórbida qualquer vem minando surdamente o seu pequenino organismo.



CAPÍTULO V

ÁGUA

A ÁGUA deve, também, merecer da parte do médico escolar um notável cuidado.

Em todos os tratados da especialidade se encontra, além dos requisitos a que tem de atender, quem escolhe um local para a construção duma escola, uma referência muito particular à fácil captação duma água, em condições de abundância e salubridade, de forma a ser utilizada, sem quaisquer inconvenientes, por todos aqueles, que freqüentarem a futura escola.

Para as grandes cidades a escolha do local, atendendo-se a êste ponto, é de somenos importância, porquanto, quasi sempre alimentadas por modernos sistemas de abastecimento, a água aparece em toda a parte, embora nos seja restituída a mais das vezes por um preço exorbitante.

O Pôrto tem a água do rio Sousa, que uma companhia francesa contratou levar a casa do consumidor, e cuja pureza sob o ponto de vista bacteriológico deixa muito a desejar. Não iremos repetir o que a tal respeito se tem escrito, porque seria tarefa inútil a reprodução

das opiniões dos distintos e abalisados higienistas, a quem êstes assuntos teem interessado, e que ainda não tiveram a ventura para êles, mas muito principalmente para a cidade, que se utiliza da água, de ser ouvidos.

Além da água do Sousa tem a cidade mananciais, que, remontando de velhas eras, alimentam algumas fontes, assim como também dispõe da água, que lhe é fornecida por numerosos poços, abertos indistintamente por todo o Pôrto.

As escolas primárias, que visitámos, utilizavam com ligeiras excepções ⁽¹⁾ a água da Companhia, embora nalgumas ⁽²⁾ houvesse poços, cuja água, segundo a afirmação que nos foi feita pelos respectivos professores, era apenas empregada nos serviços de limpeza.

Não obstante ser êsse o desejo e intenção dêsses professores, não era descabida uma rigorosa vigilância e fiscalização, porque numa ⁽³⁾ dessas escolas, por exemplo, a água do poço era elevada por meio de bomba até um reservatório, donde era depois distribuida por um sistema de canalização, cujas torneiras estavam ao alcance dos alunos, podendo-as abrir, e servir-se dessa água para beber.

Muito fácilmente ficaria tranqüila, em casos tais, a consciência daqueles que superintendem em cada uma dessas escolas, ordenando que, durante o período diário da actividade escolar, essa água se utilisasse apenas nas latrinas e mictórios, tendo as torneiras, destinadas a outros serviços de limpeza, um dispositivo especial, de forma a não poderem ser abertas pelas crianças, nem pelos próprios serventes.

Se incluímos no mesmo grupo, no assunto que vi-

(1) Obs. n.ºs 3, 23, 24, 31, 32, 34, 39 e 40. ●

(2) Obs. n.ºs 7, 9, 20, 33 e 41.

(3) Obs. n.º 33.

mos versando, alunos e serventes, é que nalgumas escolas ⁽⁴⁾ aqueles não vão buscar directamente às torneiras, a água de que precisam; os serventes enchem umas vasilhas, donde as crianças a bebem.

¿ Quem poderá garantir neste caso que essa água é da Companhia, havendo na mesma escola água do poço, também canalizada?

¿ Quem poderá evitar que uma criança, por ignorância ou por capricho, se vá utilizar da água do poço?

Com a disposição, que acima aconselhámos, não haverá mais receio de que uma ou outra coisa suceda; é nesse sentido que nós abordámos o assunto, propondo aquela solução, a que auguramos um bom êxito, e imensamente fácil de pôr em prática.

Nas escolas, que vimos servirem-se da água dos respectivos poços, não sabemos se por estarem fora da área onde chega a água da Companhia, se por qualquer outro motivo, que não averiguámos, a água desses poços estava sendo fornecida às crianças e ao pessoal escolar sem ter sido previamente submetida a uma análise.

Quantas doenças originadas pela ingestão dessas águas, e quem sabe, até talvez quantos óbitos a registar. Se houvesse uma inspecção médica nas escolas, era a quem competia velar por tal assunto, mandando analisá-la antes de começarem a servir-se dela. Mas, embora não haja essa inspecção, ninguém se preocupa com tal; as crianças continuam a beber a água impura, pois como tal consideramos a água dos poços do Pôrto, onde as fontes de inquinação são abundantes e variadas.

Pode-nos um professor dizer, que a água é boa «porque tem bom sabor, é límpida e muito leve»; pode

(4) Obs. n.ºs 3, 5, 6, 7, 9, 11, 17, 18, 20, 25, 26, 31, 32, 33, 34, 36, 39 e 42.

outro dizer-nos, que «ela nasce numa rocha e que tem tam boas qualidades que até uma família de Costa Cabral ⁽⁵⁾ a mandava em tempos buscar para o chá»; pode outro afirmar-nos, que não é de forma nenhuma conspurcada a água do poço da sua escola «porque êle tem a sua abertura, junto ao solo, bem vedada por grandes lages de granito, unidas a cimento», etc., etc., que nós retorqui-lhe hemos imediatamente, dizendo ao primeiro, que a sua escola está rodeada de casas, cujas fossas são permeáveis; ao segundo apontando as latrinas e mictórios da sua escola, colocados por cima do poço, assim como as suas canalizações, que mergulham no solo junto à parede do mesmo; finalmente ao terceiro chamando a sua atenção para a proximidade da fossa, cujas excelentes condições de permeabilidade tanto me exaltou, pois que nunca se lembra dela ter sido esvaziada, recebendo, além dos produtos de *sewage*, todas as águas das chuvas, que no inverno encharcam o telhado da sua escola, e como se isto não bastasse, nós lançaremos um golpe de vista pelos vastos campos de cultura que cercam a escola, adubados por estrumes de todas as espécies, ricos em azotatos e cloretos, e que serão abundante manancial de inquinação para água do seu poço.

E o rol das considerações a respeito das *boas águas dos poços* das escolas do Pôrto seguiria interminável...

Mas voltemos à água da Companhia. É esta que na maior parte das escolas é utilizada para as crianças beberem, e, apesar de ser considerada bacteriológicamente uma água imprópria para o consumo, apenas em duas escolas ⁽⁶⁾ nós vimos que ela era submetida primeiro a uma filtração, antes de ser ingerida.

⁽⁵⁾ Local distante da escola em questão.

⁽⁶⁾ Obs. n.ºs 18 e 41.

Efectivameute seria essa a norma a adoptar em todas as escolas. Deviam estas munir-se de filtros Chamberland, em número suficiente para o consumo, e cujas velas se esterilizariam por meio da água em ebulição, durante meia hora, esterilização que se repetiria de oito em oito dias.

Julgamos ser êste o meio mais prático, e ao mesmo tempo mais económico, para dotarmos as crianças das nossas escolas primárias com uma água, que poderiam beber sem receio de quaisquer futuras complicações.

Isto no que respeita à pureza das águas, porque a maneira como os alunos a aproveitam para seu uso, também é uma questão, que merece um pouco do nosso cuidado e da nossa vigilância.

Não é bebendo todos pelo mesmo copo, regra quasi sem excepção nas escolas do Pôrto, e cujos inconvenientes gravíssimos desnecessário será citar; não é buscando-a em vasilhas, como já atrás dissemos, e onde a criança para a tirar, mete o copo, que a todos serve, nessa água, ao mesmo tempo que lá mergulha a mão, não é, repetimos, assim que se observam as normas e os preceitos da hygiene em tal assunto.

A água, depois de devidamente purificada pela filtração, como acabámos de preconizar, ou por outro qualquer preceito, cairá num depósito de vidro ou de louça, convenientemente limpo e colocado a uma altura tal, que permita, por meio dum dispositivo na canalização, estabelecer uma fonte de jacto ascendente, que a criança fará funcionar, todas as vezes que queira, premindo um pedal. Desta forma o contágio, que se dá com o sistema do copo comum, não se realizará, porque o aluno receberá o jacto nos lábios a uma distância que não poderão aqueles pôr-se em contacto com qualquer parte da fonte.

Esta disposição, duma simplicidade em extremo, que já é adoptada nos liceus e na Escola Normal desta

cidade, realiza perfeitamente o *desideratum* do médico higienista a tal respeito, e custa-nos a acreditar como o exemplo não tem sido seguido nas escolas primárias, apesar dalguns dos professores, que ora estão à frente de muitas delas, se terem utilizado da água por êsse sistema, na escola onde se habilitaram para exercer o magistério.

Lavatórios

Não é sòmente para ser bebida que a água existe numa escola; a sua função como meio de limpeza, também é duma importância capitalíssima.

Devemos habituar as crianças, que andam nas escolas, a conservar sempre as suas mãos e o rosto num estado de irrepreensível limpeza, não só como esplêndida regra de higiene a seguir, como também como meio de educação e de estímulo, que aproveitarão nas suas relações familiares e sociais.

Neste sentido uma escola terá o número suficiente de lavatórios para serem utilizados pelos alunos, e distribuídos pelos recreios, pelos refeitórios e pelas latrinas.

Êsses lavatórios, cada um munido da sua toalha sem fim, ⁽⁷⁾ e do seu depósito de sabão líquido, funcionando automaticamente, serão de porcelana, com válvula escoante e torneira respectiva, ambas abrindo e fechando, por meio de pressão, que a criança exercerá sôbre os respectivos pedais, estando o esgôto munido de sifão.

Nas escolas do Pôrto não tem sido olhada, como deveria sê-lo, esta questão da limpeza da criança, pois nalguas delas ⁽⁸⁾ não encontrámos lavatórios; naque-

⁽⁷⁾ Obs. n.º 28.

⁽⁸⁾ Obs. n.ºs 5, 8, 9, 26 e 41.

las em que os havia, raras vezes tinham a competente toalha, ⁽⁹⁾ ou estavam fechados, ⁽¹⁰⁾ ou partidos, ⁽¹¹⁾ de forma que a criança começa desde a escola a habituar-se a ser imunda, quando exactamente era necessário que o contrário acontecesse.

Como medida de hygiene, cujo alcance não é preciso encarecer, o aluno, na ocasião em que chegasse à escola, deveria ser obrigado a lavar as mãos e o rosto, porque a maior parte das crianças das nossas escolas — torna-se indispensável dizê-lo nesta altura — só procedem a essa limpeza aos domingos.

Não pretendemos nós levar tam longe, como succede nas escolas primárias dalguns países, o zêlo pela hygiene, não consentindo que as crianças imundas, e cujos pais não olham pela sua limpeza, freqüentem a escola. Compreende-se, que é um tanto tirânico recusar a instrução a um aluno, pelo simples facto de êle, não por sua culpa mas por incúria familiar, se apresentar com o rosto e as mãos sujas; é exactamente para isso que lá está a escola, que em nosso parecer não deve apenas limitar-se a instruir, deve também educar, e bom professor será aquele que souber cumprir fiel e carinhosamente esta dupla missão.

Mas não seria sòmente na ocasião em que entrasse na sala de aula, que a criança deveria proceder a essa simples ablução; nos intervalos das aulas, em seguida aos recreios, antes e depois da refeição na cantina, e mesmo durante as aulas o professor vigiaria o estado em que se encontram as mãos dos seus alunos, cujos dedos, quási sempre manchados de tinta e com freqüência levados à boca, constituem um perigo para a

⁽⁹⁾ Obs. n.ºs 11, 18, 20 e 28.

⁽¹⁰⁾ Obs. n.ºs 6 e 11.

⁽¹¹⁾ Obs. n.ºs 4, 12, 27 e 40.

criança, para, quando tal se desse, obrigar imediatamente o aluno a dirigir-se aos lavatórios.

Balneário

Por aqui se estão deduzindo as vantagens duma instalação de lavatórios nos edifícios escolares, apesar da limpeza dos alunos se não limitar às mãos e ao rosto, devendo banhar-se pelo menos uma vez por semana.

No estrangeiro, e muito principalmente na Alemanha, isto preocupa por tal forma os poderes públicos, que nenhuma escola é edificada, sem que na respectiva planta, figure um local destinado ao balneário. E não é uma ideia relativamente moderna a que essa nação nos apresenta. Data de 1886, e para se avaliar como ela frutificou, basta dizer, que já em 1907 se elevava a cem o número das cidades, que instalaram os serviços de banhos nas suas escolas.

A Suíça, os Estados-Unidos e a Suécia seguiram-lhe o exemplo, e quando sucede, que nalgumas das suas escolas, por qualquer motivo, não podem dar-se banhos às crianças, estas vão tomá-los aos balneários públicos, onde os alunos pobres são recebidos gratuitamente, e os outros mediante uma quantia insignificantiíssima obedecem a essa regra de limpeza.

Falar nas nossas escolas primárias em banhar as crianças é fazer uma revelação importante. E de facto assim é. Pois se elas não tem lavatórios, nem toalhas, como hão dar-se ao luxo de ter um balneário, embora modesto.

Mas esta situação, mais que vergonhosa para o nosso interesse sobre higiene escolar, deverá um dia, talvez não muito distante, ter o seu termo. Nesse mo-

mento os edifícios escolares, expressamente construídos para tal fim, terão o seu balneário, aqueles que para isso sofrerem qualquer adaptação te-lo hão também, embora de reduzidas proporções, e quando impossível se torne dotar a escola com esta instalação, as crianças utilizar-se hão do balneário, que mais próximo lhe ficar, tendo apenas em vista, que de qualquer forma aos alunos não poderá faltar o seu banho semanal.

A forma como se pode conseguir um balneário razoável, de maneira a satisfazer os mais exigentes, e a preencher o fim, altamente higiênico, a que êle se destina, vamos dizê-lo em poucas palavras.

Sòmente o banho-duche permite lavar ao mesmo tempo um grande número de crianças, em muito pouco tempo, com pequeno gasto, e sem que necessite uma dispendiosa instalação.

Um banho-duche não é um banho nem um duche; a palavra banho faz-nos lembrar banheira, e quando falamos em duche logo se pensa num violento jacto de água. Ora o banho-duche não é bem uma combinação dos dois processos de balneoterapia, como à primeira vista poderia parecer. Chama-se banho-duche quando a água cai duma certa altura em forma de chuva, espalhada e muito fina, queda que o banhista pode parar à sua vontade.

É êste o melhor sistema, e que individualmente convem às crianças das escolas. Para isso, numa sala, serão dispostas duas fileiras de pequenos compartimentos, deixando, entre uma e outra, um corredor de um metro e dez centímetros, destinado ao professor vigiar as crianças, não só durante o banho, mas enquanto se despem e vestem.

Cada compartimento é dividido em dois beliches, de um metro quadrado cada um. O primeiro, cuja porta dará para a parede do salão, é destinado à criança se

vestir e despir, enquanto que o segundo é destinado ao banho.

Êste último, além duma banheira circular com os bordos duma altura de 0^m,12, terá na sua parte superior, a 2^m,50 do pavimento, uma espécie de *mão de regador*, com uma inclinação de 35° e por onde a água se escoará a uma temperatura de 35° a 37°.

Depois da criança se ter despido no primeiro beliche, passa ao segundo, onde receberá um jacto de água, em quantidade suficiente apenas para molhar todo o corpo. Em seguida ensaboar-se há, e novo jacto de água será projectado sobre o corpo, mais prolongado que o primeiro, ficando a criança pronta para se enxugar e vestir, dando logar a que outra vá ocupar o seu compartimento e assim sucessivamente.

Com êste sistema de balneação, está calculado em 20 minutos, o tempo gasto por cada criança em despir-se, tomar o banho e vestir-se novamente, sendo aproximadamente de 10 litros a quantidade de água dispendida com cada banho.

O sabão utilizado será o sabão negro, dissolvido em água, e que a criança colherá do respectivo reservatório, correspondente a cada beliche, por uma forma automática.

Quanto aos lençóis, serão fornecidos gratuitamente aos alunos pobres, e àqueles, cujas famílias tenham recursos, pode permitir-se-lhes que os levem de suas casas, querendo; no caso contrário, pagarão uma modesta importância, pelo aluguer do lençol da escola, auxiliando um pouco a despesa do balneário.

A balneação semanal deverá ser obrigatória para todos os alunos, com excepção daqueles que o médico-inspector julgar não deverem fazê-la.

Nas suas linhas muito gerais julgamos ser êste o tipo de balneários a adoptar nas escolas primárias do Porto. A sua simplicidade, e a insignificância da sua

despesa, não virão pôr entraves a que as ditas escolas sejam dotadas com instalações destas, cujos benefícios tanto se irão reflectir nas crianças que as frequentam.

Emquanto que isso não se realiza, como medida provisória, mas de necessidade urgente, poderiam aproveitar-se, para êsse fim, os balneários públicos, que nesta cidade existem, desde que êles reúnam as condições higiênicas indispensáveis.

Por turnos, formados entre as crianças mais imundas das diferentes escolas, quotidianamente funcionando êsses balneários, assim conseguiríamos, até certo ponto, aliás muito restrito, satisfazer um dos capítulos da hygiene escolar.



CAPÍTULO VI

CANTINAS

«A criança pobre, que freqüente uma escola, tem direito a uma refeição; a refeição escolar não só a atrai para a escola, e portanto convida a aprender, mas, mais do que isso, aumenta a capacidade de aprender.»

COSTA FERREIRA.

UMA falta, que notámos nas escolas primárias do Pôrto, foi a de cantinas anexas a cada uma delas, não só destinadas a alimentar as crianças pobres, que as freqüentam, como também a proporcionar àquelas que possuam meios de subsistência a fácil comodidade de poderem tomar uma higiênica refeição, por um preço relativamente mesquinho, dispensando-as de vir a casa à hora do descanso, ou então a aquecer-lhes os pequenos *lunchs*, que levam pela manhã, e que no momento de serem ingeridos estarão frios.

Esta falta, que acabamos de assinalar, não é contudo geral. Umas escolas ⁽¹⁾ tinham, à data da nossa

(1) Obs. n.ºs 5 e 6.

visita, a sua cantina, única e exclusivamente destinada aos alunos falhos de recursos, enquanto que noutras ⁽²⁾ a ideia da instalação de cantinas anexas começava a pôr-se em prática.

Nas primeiras, antes da publicação do decreto de 29 de Março de 1911, houve uma cantina de iniciativa dum grupo de alunos da Faculdade de Medicina, então Escola Médica, e da Faculdade de Ciências, então ainda Academia Politécnica, no que foram auxiliados por numerosos subscritores, que logo abraçaram a ideia com o maior entusiasmo.

Teve a duração de alguns meses essa instituição, pois quando o referido decreto, que organiza as cantinas, ⁽³⁾ se publicou, os corpos gerentes da «Cantina Escolar do Pôrto»—assim se designava essa pequenina obra de assistência infantil—julgando terminada a sua missão, ingénuamente acreditando ainda na eficácia e rapidez da iniciativa oficial, entenderam dever dissolvê-la. É, então, que a Junta de Paróquia da respectiva freguesia lança as bases da actual cantina, destinada às crianças dos dois sexos, tendo visto multiplicar sucessivamente o número dos seus protegidos, e sendo auxiliada, cada vez mais, por donativos de elementos particulares.

E ficam por aqui as cantinas das escolas primárias do Pôrto. Esta cidade não tem sabido tirar bons ensinamentos da obra gigantesca, que a capital do país vem criando há alguns anos para cá, com instalações desta natureza.

O nosso «burgo tripeiro» precisa dum pulso forte, duma vontade tenaz e enérgica e dum educado espírito de organização como é o médico Samuel Maia. Foi êle

(2) Obs. n.os 10, 11 e 12.

(3) Artigo 74.º-2.º

que em Lisboa, por meio duma intensa campanha no *Século*, conseguiu fazer despertar a atenção do povo da capital, para a resolução do importante problema, que é a alimentação da criança a dentro da escola; pode o ilustre clínico considerar-se plenamente satisfeito, porque a população lisbonense, acorrendo ao seu apêlo, espalhou a *larga manu* por toda a cidade nas escolas, tanto oficiais como particulares, cantinas, onde as crianças não buscam sómente a alimentação, mas também peças de vestuário e calçado, de que tanto necessitam por vezes para freqüentar a escola.

Organização

Cada edifício escolar deve ter uma sala destinada a refeitórios, já atrás o dissemos. Terminadas as aulas da primeira parte do dia, as crianças, depois de terem previamente lavado as mãos, dirigir-se hão ao refeitório, onde nas mesas respectivas farão a sua refeição.

Umas, as pobres, aquelas que pelas condições económicas e financeiras das famílias não possam levar de casa os seus *lunchs*, utilizar-se hão gratuitamente dos benefícios da cantina; outras, aquelas que pelo contrário forem munidas dos seus pequenos farneis, servir-se hão dêsses *lunchs*, depois de devidamente aquecidos; finalmente a terceira categoria dos pequeninos comensais, mediante uma quota reduzida, terá alimentação idêntica às crianças pobres, auxiliando assim a manutenção da cantina.

Emquanto as crianças sentadas tomam a sua refeição, os professores vigiarão todos os seus movimentos, corrigi-los hão no que êles tiverem de exagerados ou defeituosos, ao mesmo tempo que, em sucessivas palestras, lhes tornarão conhecidos alguns princípios

de higiene alimentar, que a criança possa fácilmente compreender e fixar, servindo-lhe de norma para dias futuros.

O médico escolar, umas vezes por outras, assistirá a estas refeições, chamando a atenção dos professores para o modo como as crianças comem, se mastigam bem os alimentos, e evitando que a sua ingestão se faça apressadamente.

Depois de finalizada a refeição, as crianças lavarão novamente as mãos, e a boca, fazendo uma metódica escovagem dos dentes.

Vantagens

As vantagens, que resultam da organização das cantinas, estão a ver-se claramente. A criança, que vai pela manhã para a escola, chegando o meio dia necessita de alimentar-se; uma por ser extremamente pobre não virá a casa, onde certamente não encontrará que comer; outra, embora de família remediada, em virtude da distância a que mora da casa da escola, perdendo todo o tempo em percorrer êsse caminho, ficará lá tomando uma refeição fria, que levou pela manhã.

Compreende-se bem que, se a primeira se não alimenta, a segunda, apesar da ingestão do seu *lunch*, não tirará dela grandes proveitos, dado o estado em que êle se lhe apresenta, frio, ressequido e por vezes nauseante, o que obriga a criança a arremessá-lo para um canto ou a dá-lo a um companheiro mais voraz.

Como se isto ainda não justificasse a criação de cantinas, anexas a cada escola, sucede muitas vezes, que a criança, que abandona a escola ao meio dia para ir a casa comer o seu *lunch*, por uma sugestão especial, não voltará de tarde, embora enganando a família

saía de casa, e vagueará pelas ruas ao acaso, sujeita a todas as eventualidades.

A confirmação de factos desta natureza foi-nos feita por diversos professores, que nos informaram que a frequência nas aulas do período da tarde era tanto menor quanto maior era o número de alunos, que ao meio-dia, a pretexto do *lunch*, abandonavam a escola.

Bases da refeição

Esboçada rápidamente a organização das cantinas, que mais convem às nossas escolas, falta-nos apenas, para ultimar êste assunto, falar da refeição em separado, dizendo como ela deverá ser constituída.

É um problema que tem preocupado bastante todos os que se tem dedicado a questões de higiene escolar, e como tal, não seremos nós, modestos aprendizes, que vamos propôr-lhe uma solução; no entanto não queremos que nestas páginas deixe de ficar o nosso parecer acêrca da refeição escolar.

O uso exclusivo do leite em refeições destas, como temos visto preconizado por alguns, condenamo-lo, embora o leite seja um alimento de grande valor nutritivo pela manteiga, pela lactose e pela caseína; as crianças assim alimentadas não só a breve trecho se enfasiariam, como a pouco e pouco se notaria, que nalgumas a anemia ia instalando os seus arraiais.

Na refeição quotidiana dos alunos devem, pois, entrar o pão, a carne e os legumes, podendo, nos dias em que não haja caldo, êste ser substituído pelo leite.

Todos os géneros destinados a consumir-se na cantina, antes de utilizados, deverão ser analisados por pessoa competente, afim de se investigar das suas condições de pureza e do seu grau alimentício. Desta forma

observar-se há uma elementar regra de higiene, ao mesmo tempo que, combatendo as falsificações alimentares, tam espalhadas no nosso país, iremos dando às crianças das nossas escolas, uma proveitosa lição de bromatologia.



CAPÍTULO VII

COLÓNIAS DE FÉRIAS

«Les colonies de vacances en même temps qu'un centre d'éducation morale, qu'une exquise leçon de solidarité et d'initiative, qu'une ingénieuse trouvaille pour rapprocher de la vie simple les petits déshérités prématurément dévoyés par les existences fictives de nos agglomérations malsaines, constituent, en outre, une des meilleures thérapeutiques et des plus simples pour régénérer une race qui s'étiolé, une activité qui décroît».

CARLE ROEDERER.

Origem

DEPOIS de se haver modificado as escolas e suas dependências, e depois de bem ventilar as suas salas, precisamos também de ter em vista, que o ar mais puro e vivificante não é o da cidade, e que portanto é conveniente tirar as crianças das nossas escolas dessa atmosfera perniciosa, onde durante meses cançaram e enfraqueceram os seus pequeninos organismos, já mais ou menos afectados.

Foi nesse intuito que Bion, na Suíça, em 1876, levou algumas crianças do cantão de Zurich para a montanha, onde as manteve durante semanas sujeitas à vigilância de professores. Este salutar exemplo de protecção às crianças das escolas foi-se alastrando a pouco e pouco pelas nações da Europa, inclusivé Portugal, onde devido à iniciativa particular alguma coisa se tem feito nesse sentido.

Colónias portuguesas

Como homenagem aos organizadores destas colónias, queremos, que, no presente estudo de higiene escolar, fiquem arquivadas todas as belas iniciativas do nosso país, até hoje levadas a cabo.

A primeira colónia de férias, que funcionou em terra portuguesa, foi a da Figueira da Foz, em 1903, organizada e mantida até hoje por uma sociedade filantrópica de Coimbra; desde esse ano da sua fundação até 1908 tinham utilizado dos seus benefícios mais de 450 crianças.

A seguir aparece a colónia de Carcavelos, fundada e sustentada pela Assistência Nacional aos Tuberculosos, a qual, segundo nos consta, tenciona, nos próximos meses de verão, estabelecer outra numa das praias vizinhas do Pôrto.

Depois a do Mont'Estoril, mantida por subscrição particular e organizada por iniciativa do distinto pianista Rey Colaço.

Em Lisboa, desde os tempos de mais activa propaganda republicana, que algumas agremiações partidárias, e mais tarde as juntas de paróquia do mesmo partido, vinham iniciando um esboço de colónias de férias, dando banhos na praia da Trafaria às crianças

das escolas, onde, depois de lhes ser servida uma pequena refeição, novamente regressavam à cidade.

No verão passado, não só continuaram com essa utilíssima obra de assistência infantil, como também, com o auxílio do ministério da guerra, que lhes cedeu umas dependências da cidadela de Cascais, as juntas fundaram uma colónia de férias nessa praia, onde durante um mês permaneceram dois turnos, compostos de 75 crianças cada um.

Alguns colégios particulares do Pôrto teem também colónias de férias, para aqueles alunos que são obrigados a permanecer no colégio durante as férias grandes; o colégio «Barbosa Gama» possui a sua colónia em Vila do Conde, enquanto na praia de Espozende fica a do colégio da Boavista.

Durante esta sucinta exposição das colónias de férias portuguesas, propositadamente deixamos para o fim a «Colónia Figueirinhas», fundada por iniciativa do antigo inspector escolar dr. Simões Figueirinhas, auxiliado por pessoas das suas relações.

Esta colónia, que era destinada aos alunos das escolas primárias do Pôrto — e é êsse o motivo porque a ela nos referimos em último lugar — inaugurou-se em 31 de Agosto de 1908, com vinte crianças do sexo masculino, e funcionou, durante quatro anos seguidos, no edificio da escola de Nevogilde ⁽¹⁾ com brilhantes resultados.

Em cada uma das escolas do sexo masculino eram escolhidos dois ou três alunos, entre os que apresentavam mais evidentes manifestações de escrofulismo, organizando-se assim a população da colónia, que funcionava durante o mês de Setembro.

Embora a casa da escola em si não reunisse con-

(1) Obs. n.º 42.

dições para o fim a que acidentalmente a destinavam, a sua proximidade do oceano e o vasto quintal, onde foi construído um pavilhão para as crianças fazerem a sua cura durante o dia, tornavam-na até certo ponto aceitável, não se podendo exigir mais duma iniciativa particular, que pela primeira vez se afirmava no Pôrto.

O que de-veras lastimamos, é que essa cruzada, empreendida pelo Dr. Simões Figueirinhas fraquejasse ao fim de quatro anos, e até hoje não ressurgisse, nem o seu belo exemplo frutificasse.

Tipos de colónias e selecção dos alunos

Como se vê pelo que acabamos de expôr, as colónias de férias portuguesas são todas estabelecidas à beira-mar; o motivo desta preferência encontramos-lo apenas na extensão da nossa costa, mas convem dizer desde já, que não é indiferente mandar uma criança para uma colónia marítima, ou para as montanhas. Para aquela irão os linfáticos, os raquíticos, os escrofulosos, e os convalescentes, enquanto que ganharão com a sua estada numa colónia de montanha as crianças nervosas e anémicas.

Preciso, por conseguinte, se torna fazer uma selecção, cuidada e rigorosa, dos alunos das nossas escolas, que pelos seus padecimentos, ou pela sua constituição, necessitam usufruir os benefícios duma estada nessas colónias. Essa selecção será feita pelo médico-inspector, que, durante os seus exames aos alunos, irá desde o princípio do ano, à medida que os vai observando, separando aqueles que devem constituir a próxima colónia marítima ou rural dessa escola.

Funcionamento

¿Qual deverá ser o regímen numa colónia marítima e numa colónia instalada na montanha?

Na sua estada à beira-mar, as crianças levantar-se hão às seis horas e, abandonando o recinto da colónia, irão banhar-se em conjunto ao oceano, devidamente vigiadas pelos professores e por banheiros profissionais, que as adestrarão nos exercícios natatórios, de tam grande importância sob o ponto de vista do desenvolvimento físico, como também no tirocínio para futuras eventualidades, e muito principalmente na ocasião em que se incorporarem nas fileiras do exército, onde se apresentarão com mais um conhecimento a elogiar, e de vantagens enormes na táctica guerreira.

Depois de enxutas e vestidas, ainda na praia lhes serão distribuidas fatias de pão com manteiga ou biscoitos, e uma chávena de leite; terminada esta ligeira refeição, passearão ao longo da praia, ou terão meia hora de brinquedo na areia, finda a qual recolherão à colónia, que deve ficar o mais próxima que seja possível do mar, e onde cuidarão do arrumo e limpeza dos diferentes compartimentos, iniciando-se assim as crianças nas regras da higiene e de educação caseiras mais vulgares, donde grandes ensinamentos terão a colher.

Em seguida entregar-se hão a trabalhos de leitura, à confecção do seu pequeno e interessante diário e da correspondência para as famílias, que será obrigatória, conseguindo-se do Estado a dispensa de franquia.

No fim de jantar, que deve realizar-se ao meio dia, os pequenos colonos irão para a praia descansar, sob um pavilhão construído para êsse fim, caso a grande

distância do mar ao edifício da colónia não permita o seu estabelecimento no terreno adjacente.

Ali permanecerão até à tarde, depois de terem executado alguns exercícios ginásticos, acompanhados de canto coral e ouvindo dos professores prelecções sobre assuntos instrutivos, que devem prender a sua atenção, e travando conversas familiares de grande alcance educativo.

Recolhidos à colónia ser-lhes há servida a ceia, passando, depois de meia hora de recreio, aos dormitórios, onde às nove horas da noite reinará um completo sossego.

O regime da colónia rural assenta quasi sobre os mesmos moldes. As seis horas da manhã toda a colónia estará a pé, pronta a tomar o seu banho quotidiano em qualquer rio ou regato, que haja nos arredores, em seguida ao qual os alunos comerão alguns biscoitos, que levaram consigo.

Regressando à casa onde a colónia se instalou, depois dum copo de leite ou dum prato de sopa, recrear-se hão nos terrenos circunvizinhos, organizando exercícios ginásticos, elaborando também a sua correspondência e o diário da colónia, para depois irem jantar ao meio dia.

Terminada esta refeição, farão excursões pedestres pelos arredores, levando cada qual um pequeno *lunch*, de que fará uso no local onde a colónia acampar por volta das quatro da tarde. Estes passeios serão, nuns dias por outros, intermeados de exercícios ginásticos regulamentados.

As sete horas da noite terão regressado à colónia, onde depois da última refeição, seguida de meia hora de recreio, recolherão ao dormitório por volta das nove horas.

Tanto numa colónia marítima como rural devem admitir-se em conjunto crianças de ambos os sexos,

escolhendo-se portanto para seus directores professores casados, de forma às professoras juntamente com rudimentos de culinária, que ensinarão às suas pupilas, dirigirem os trabalhos de costura.

O tempo que as crianças permanecerão nestas colónias não será inferior a um mês, e caso o médico escolar, que aliás deve visitá-las assiduamente, entenda que para algumas será de utilidade o prolongar-se a sua estada, essas ficarão outro mês, porque, segundo o nosso parecer, as colónias de férias funcionarão nos meses de Agôsto e Setembro, dividindo-se assim a colónia em dois turnos, de um mês cada um.

Durante êsse mês, o médico arquivará na caderneta sanitária de cada criança, o seu pêso, a estatura, o perímetro torácico na inspiração e na expiração, assim como todas as modificações, que o estado do aluno sofrer, vindo sucessivamente comparando os elementos colhidos, com aqueles que a criança apresentava nas vésperas da sua partida para a colónia.

Pelo que vimos expondo neste capítulo, vê-se qual deverá ser o sistema, que mais se apropria às colónias de férias, destinadas às crianças das escolas do Pôrto.

Preferimos o tipo colectivo, repudiando por completo o sistema familiar, que algumas cidades adoptam e cujos benefícios para as crianças, que delas se utilizam, julgamos ser de número bastante reduzido, e não nos teremos na conta de pessimistas, se chegarmos a afirmar que tal sistema é mais prejudicial que útil.

Com relativa facilidade, poderão os poderes públicos dotar as escolas primárias do Pôrto com colónias de férias, em número suficiente para as suas necessidades.

A proximidade do oceano para as colónias marítimas, e os cómodos meios de transporte para qualquer região montanhosa vizinha da linha férrea do Douro, resolveriam até certo ponto a dificuldade na escolha

dos locais; quanto à própria instalação da colônia, se, nos logares escolhidos, não houvesse prédios em condições de ser adaptados provisoriamente para tal fim, satisfazer-se hia a higiene com a cedência dalgumas tendas de campanha do nosso exército, que alguns países, como a Alemanha e a Inglaterra, veem empregando em instituições congêneres com esplêndidos resultados.

Isto para a realização imediata dêste importante capítulo de higiene escolar, porque, decorridos alguns anos, essas instalações devem ir surgindo aqui e além, com o aspecto definitivo e permanente.



CAPÍTULO VIII

ESCOLAS AO AR LIVRE

«C'est un nouveau type d'école, où les enfants malades doivent être guéris et instruits en même temps. Si ces enfants restent dans les écoles ordinaires, ils peuvent s'instruire, mais leurs maladies ne seront pas guéris. S'ils sont traités dans les maisons de traitement uniquement, leur instruction en souffrira. L'école de guérison par le plein air résout la difficulté.

En résumé, c'est une coopération du médecin et de l'éducateur.»

FREDERICK ROSE.

Vantagens

CONDUZIR as crianças das nossas escolas primárias ao campo, às florestas, ao sol, ao bom e puro ar para lhes ser proporcionada uma sã e abundante alimentação, procurando despertar-lhes a alegria de viver, a esperança e a coragem de lutar, tal será a missão das futuras escolas ao ar livre, criadas pelo decreto de 29 de Março de 1911.

Que nós saibamos, no nosso país ainda não existe alguma, e é esta a primeira vez em que um documento,

emanado das regiões oficiais, nos fala nelas, embora a ideia da sua criação tenha nascido em 1904 na Alemanha, que já nesse ano possuía uma escola desta natureza na floresta de Charlottembourg, no que foi logo imitada pela Inglaterra, pela França, pela Dinamarca, pela Itália e pelos Estados-Unidos, onde a tendência actual é de abrir aulas ao ar livre dentro das escolas ordinárias.

Sete anos foram necessários para que este novo sistema de educação invadissem as nossas fronteiras, e quem sabe quando se transformará em realidade a letra do referido decreto, atenta a nossa característica morosidade em pôr em prática, tudo quanto é útil e proveitoso, para o revigoração da raça portuguesa.

É principalmente nas cidades que a criação destas escolas se impõe, e quando dizemos nas cidades não queremos de modo algum afirmar que elas deverão ser instaladas no seu seio, mas sim que se tornam de grande utilidade para as crianças das cidades, muito mais enfraquecidas e depauperadas, por causas variadíssimas e múltiplas, do que os sadios filhos das robustas populações das nossas aldeias.

Urge, pois, quanto antes remediar esta falta, levando as crianças doentes e fracas, que abundam nas escolas do Pôrto, para os arredores, organizando-se núcleos escolares ao ar livre, em locais diversos, de forma a poder-se até certo ponto promover um ataque formidável e enérgico contra a crescente decadência duma raça, que vemos definhando-se dia a dia.

Tipo adoptado e escolha do local

¿ Como devem ser essas escolas? ¿ Qual a sua orientação? É isso que nos propomos dizer nas poucas linhas que vamos dedicar a este assunto.

Para o Pôrto o tipo de escola ao ar livre que mais convem, e que por conseguinte deverá ser o adoptado, é o tipo alemão; é a escola ao ar livre com externato; as crianças irão de manhã para o local da escola, onde passarão o dia, regressando à noite a suas casas.

Para estas escolas escolher-se hão de preferência os locais facilmente acessíveis por meios rápidos de comunicação; uns pinheirais para os lados de S. Mamede de Infesta, de Águas Santas, da Venda Nova, do Carvalhido ou da Vilarinha seriam óptimos para essas instalações escolares, dada a rapidez e comodidade com que as crianças ali poderiam ser conduzidas, em virtude da existência de linhas de eléctricos para aqueles pontos.

Preferimos para escolas desta natureza que os terrenos sejam arborizados, por causa da constância da temperatura, que neles se observa, pela pureza da atmosfera, que se respira, não só isenta de poeiras como mais carregada de ozone, assim como também pela sombra, que as árvores nos dão, emquanto por outro lado nos abrigam do vento.

A nossa predilecção pelas matas de pinheiros resulta dêstes deixarem penetrar mais o sol, através da sua folhagem, ao mesmo tempo que permitem uma melhor circulação do ar.

Nestes pinheirais construir-se hão barracões de madeira e zinco, facilmente desmontáveis, e que servirão de abrigo às crianças nas ocasiões de vento mais forte ou de chuva, para instalar a cosinha, onde serão confeccionados os alimentos para as refeições quotidianas, e para as crianças guardarem as roupas e o calçado, que diáriamente trocarão pelo que levam da cidade.

É importante também a proximidade de qualquer rio ou regato, onde as crianças possam banhar se, mas, quando isso não seja possível conseguir-se, ao menos que no local da escola, ou muito perto, haja água em

abundância, que não deverá ser utilizada sem que tenha sido previamente submetida à análise química e bacteriológica.

Seleção dos alunos

A escolha dos alunos, que devem gozar dos salutareis e benéficos resultados deste sistema educativo, será feita pelo médico escolar entre os pequenos cardiopatas, escrofulosos, anémicos, raquíticos, nevropatas, débeis e convalescentes.

Com a estada de alguns meses, usufruindo os efeitos proveitosos destas escolas, regressarão de novo à escola citadina, donde foram retirados, mais fortes, completamente restabelecidos, e com mais intensas faculdades de trabalho.

Funcionamento

O número de alunos que freqüentará cada escola depende da extensão desta, não devendo no entanto exceder trinta os sujeitos à vigilância de cada professor.

Nestas escolas predominará o regímen mixto, isto é, serão admitidas crianças dos dois sexos, habituando-as assim a lidar em comum e começando-lhes a fazer criar uma atmosfera de consideração e respeito mútuos, como também seria dispendiosa a montagem de duas escolas no mesmo local e destinadas a servir a mesma zona, sem que em qualquer delas se preenchesse por completo o número de crianças.

O regímen, a que serão submetidos os alunos durante o dia, pode dividir-se em três partes: uma diz

respeito à alimentação, outra ao trabalho e outra ao descanso.

A alimentação, sempre ao ar livre, todas as vezes que o tempo o permita, constará de quatro refeições: a primeira, às oito horas da manhã, hora da chegada à escola, será constituída por uma chávena de leite e um pão, barrado de manteiga, ou então por um prato duma farinha alimentar e fatias de pão torrado; ao meio dia a refeição constará dum prato de sopa, seguido de dois de peixe, carne, legumes, etc., havendo para sobremeza fruta no seu tempo e na falta daquela dôce de fruta; às três horas e meia um pequeno *lunch* de fruta ou biscoitos; e às seis da tarde, hora do regresso às suas casas, tomarão uma chávena de leite, de chá com muito leite, ou de cacau e as competentes torradas com manteiga.

Como se vê não pretendemos que as crianças tenham um regímen de super-alimentação, tam preconizado por Grancher, e que o Dr. Vignes adopta na escola ao ar livre de Lyon; temos apenas em vista dar-lhes uma alimentação suficiente, e harmónica com o seu dispêndio de energia.

O trabalho educativo dos alunos estará repartido pela parte pedagógica e física. Esta constará de jogos regionais e tradicionais, cujas regras serão fiscalizadas pelos professores; de trabalhos de jardinagem, duma tam grande variedade de exercícios applicados às fôrças, às aptidões e ao gôsto das crianças, como não existe em nenhuma outra espécie de trabalho manual; de trabalhos de modelação em barro, construções em madeira, vêrga e cartão; de trabalhos de costura e de culinária para as alunas; de exercícios de natação; de exercícios ginásticos, indicados pelo médico inspector e algumas vezes executados sob a suas vistas; de cantos patrióticos regionais acompanhados de movimentos; e de passeios nos arredores da escola.

A parte pedagógica limitar-se há, o mais possível, à descrição oral dos objectos próximos, à resolução de problemas, que se relacionem com a medição do comprimento dos arruados e das vedações, da superfície de diferentes áreas da escola, da circunferência das árvores; ao desenho de objectos, que existam na escola ou daqueles que foram vistos nos passeios extra-escolares e tenham impressionado mais a imaginação das crianças; rudimentos de história natural com exemplos à vista; reduzidos exercícios de leitura; representação de pequeninos e interessantes episódios da nossa história; prelecções sucintas de higiene rudimentar individual e geral, etc., etc., tudo quanto, enfim, represente para a criança qualquer parcela de instrução, ao mesmo tempo que distraia sem a fatigar, o que certamente deturparia o fim dêste êxodo quotidiano.

Finalmente o lapso de tempo, destinado ao descanso, será de duas horas a seguir à refeição do meio dia e em que as crianças se deitarão nas cadeiras-camas, obrigando-as a dormir.

Estas escolas deverão funcionar desde Abril a Setembro, sem que haja quaisquer dias de interrupção, inclusivamente nos dias feriados e nos domingos.

No primeiro dia de entrada na escola a criança será pesada e medida, assim como, durante a sua frequência, será submetida a estas medições, de quinze em quinze dias, para se poder avaliar dos bons resultados colhidos com a sua estada, resultados que se arquivarão na sua caderneta individual.

O professor se encarregará de fazer êsse serviço, apresentando as cadernetas ao médico-inspector na sua visita mensal à escola, onde também comparecerão as vezes necessárias os médicos especialistas para fazerem os exames das crianças.

CAPÍTULO IX

ESCOLAS DE ANORMAIS

«Le nombre des enfants anormaux — êtres difformes, futurs criminels, aliénés, prostituées, etc. — augmente de jour en jour, compromettant l'avenir du pays, de la société et de la race.»

RAOUL DUPUY.

Em Portugal

As crianças anormais não podem colher proveito do ensino, que é ministrado em conjunto nas nossas escolas, e, não passando dum perpétuo estôrvo para as outras crianças suas companheiras de estudo, demandam da parte dos professores uma considerável perda de tempo.

Por êste motivo torna-se indispensável fazer a selecção entre umas e outras, afim de que as anormais sejam enviadas às escolas, criadas expressamente para êsse fim, e onde o ensino será feito, segundo outros moldes, muito diversamente orientados daqueles que se adoptam para as crianças sãs.

No nosso país, que nós saibamos, exceptuando as

tutorias para menores delinquentes, até hoje só existe uma escola desta natureza, e essa mesma, muito recentemente fundada. Queremos referir-nos à Colónia Agrícola de S. Bernardino, instalada pela Casa Pia de Lisboa, na praia de Peniche, em Outubro do ano findo e destinada a anormais físicos e pedagógicos daquele estabelecimento de instrução.

No estrangeiro

Enquanto que Portugal se mantém com esta escola, e outras em projecto, ⁽¹⁾ no que aliás, desde muito tempo, vem sendo duma fecundidade assombrosa, a Inglaterra contava em 1911, noventa escolas destas; a Alemanha que as tem desde 1863, possui mil e quinhentas aulas, que recebem 35.000 alunos, havendo só em Berlim 91 aulas, que acolhem mais de 1.600 crianças; a França cuja percentagem de atrasados mentais é de 6 nas escolas primárias, só na cidade de Lyon, em 1910, tinha seis escolas, não falando na Austria, que em Gratz, cidade de 150.000 habitantes, tem quatro escolas de anormais, frequentadas por 306 alunos, cuja educação é dirigida por vinte professores.

Algumas nações há que, dedicando a este assunto um tam grande interesse, e assim deve ser, tem até médicos especialistas propositadamente para os exames das crianças anormais, como sucede na Suíça.

(1) Decreto de 29 de Março de 1911.

Definição e classificação

¿Mas o que devemos nós entender por uma criança anormal?

Vamos dizê-lo muito resumidamente, porque não o permite mais a índole dêste nosso trabalho. Teríamos assunto para escrever muitos capítulos, sôbre esta parte da higiene escolar, e só ela dar-nos hia logar a uma longa dissertação. Para alguêm, de mais largas vistas do que nós, aqui deixamos a ideia, para que um dia possa fazer um trabalho criterioso acêrca dos anormais, que freqüentam as nossas escolas primárias.

No entanto, já que abordamos o problema da criação de escolas, apropriadas para êsses alunos, devemos fazer umas ligeiras considerações sôbre as crianças anormais.

Um anormal intelectual é, segundo a opinião do dr. Abadie, de Bordeus, uma criança que, sem ser idiota ou imbecil no sentido que em medicina se dá a estas palavras, apresenta contudo no desenvolvimento das suas faculdades mentais, quer um atrazo relativo aos seus companheiros da mesma idade, quer uma fraqueza constitutiva das mesmas faculdades.

Nos anormais, assim definidos, temos a considerar duas classes: os pedagógicos — falsos anormais e os anormais físicos e psíquicos — verdadeiros anormais.

Os primeiros são em grande número, pois que se categorizam nesta classe todos os alunos fracos de ouvido e de vista, os convalescentes, os anormais temporários por crescimento rápido ou por insuficiência alimentar, os irregulares na freqüência da escola e os simuladores não nervosos. Os que pertencem a êste grupo são de fácil correcção, sendo as mais das vezes

bastante o suprimir uma causa mínima, para que a criança se torne um aluno aplicado, diligente e activo, e sem que sobre elle mais carregue a assídua e severa vigilância do professor. Como exemplo de anormais desta espécie citam-se as crianças, que antes de vir para a escola, nas primeiras horas da manhã, auxiliam os pais nos mais variados misteres; as que com elles se entregam ao vício do alcoolismo; as fracas de ouvido e de vista, etc.

Subtraíndo os primeiros, quer ao trabalho extra-escolar, quer à companhia nefasta da família, e os últimos, desde que sejam convenientemente medicados e a tempo, fazendo desaparecer essas afecções e collocando-os nos logares mais próximos da mesa do professor e do quadro preto, estes pequeninos seres facilmente se corrigirão, sem que seja preciso isolá-los dos seus companheiros de trabalho, instalando-os em escolas especiais, onde occupariam logares, que com mais razão a outros pertenceriam.

Quanto aos de segunda classe os anormais físicos, tais como cegos, surdos-mudos, aleijados, e os psíquicos portadores de enormes taras mórbidas, pessoais ou hereditárias, esses precisam dum minucioso e atento exame feito pelo médico com a coadjuvação do professor.

Exame do anormal

Binet e Simon aconselham três provas para este exame: uma de leitura, outra de cálculo e a terceira ortográfica. Toda a criança, que nestas três provas demonstrar um atraso de dois a quatro anos sobre a média escolar das crianças da sua idade, deve ser considerada como um anormal.

Depois de feita esta grande selecção, vai o médico proceder ao exame directo do aluno, durante várias sessões.

Investiga primeiramente os estigmas de degenerescência: deformações cranianas (microcefalia, hidrocefalia, assimetria fronto-facial), deformações dos ouvidos (orelhas assimétricas, falta de lóbulo, lóbulo aderente), deformações bucais (forma ogival do véu do paladar, língua desviada ou mordida, dentes d'Hutchinson), alterações visuais (desigualdade pupilar, desigualdade de côr, estrabismo, reflexos, extensão do campo visual) nariz achatado, desviado, etc., prognatismo. Em seguida a atenção do médico deve recair sobre outras anomalias, como: insuficiência tiroideia, infantilismo, exagêro de reflexos, perturbações de palavra, gaguez, acondroplasia, hipertrofias e atrofia, etc.

Por intermédio da família da criança tratará de saber se ela é frequentemente atacada de convulsões, se tem tics, paralisias, quaisquer perturbações de sono, maus instintos, se é dotada de espírito imitativo e qual o sistema e processos de educação a que ela vem sendo submetida, assim como indagará os antecedentes hereditários, pesquisando origens alcoólicas, sífilíticas, tuberculosas, nevropatas, etc.

Fazendo a concatenação de todos os dados, colhidos nêsse exame, e que serão inscritos na ficha sanitária da criança, o médico estabelecerá o seu diagnóstico, classificando o anormal e promovendo a sua transferência para a escola respectiva.

Encontrará o médico, da parte de algumas famílias, grande animosidade pela classificação que fez do aluno, que lhes pertence. Compreendemos que será esta uma das dificuldades a vencer nos primeiros tempos, emquanto entre nós não houver conhecimento consciencioso das vantagens de tal classificação.

É por êsse motivo que se torna de grande utili-

dade fazer saber que, se uma tal criança não frequentasse a escola de anormais, ficaria totalmente desprovida de instrução. Poderia andar anos sucessivos na escola, onde os pais a matricularam, vendo avançar os companheiros mais novos, assistindo às suas provas de aplicação no fim de cada período escolar, enquanto ela permaneceria sempre madraça, pouco aplicada, indiferente às chufas e invectivas dos colegas, ouvindo em casa os pais maldizendo da competência do mestre, e resolvendo transferi-la de escola, onde a via-sacra se repetiria, até que chegando a certa idade, indócil, surda a conselhos e repreensões, tentando orientar a sua vida por si própria, detestando os livros, as escolas, enfim tudo onde visse uma causa do seu estirado martírio, iniciaria uma vida, que lhe abriria as portas dum manicómio ou duma cadeia.

É este quadro, profundamente triste, que é preciso mostrar, em toda a sua nudez, à família dum anormal, e se isso não bastar, impôr-se há, como reguladora dêste estado de coisas, a criação duma lei, tornando obrigatório o internato das crianças anormais nas respectivas escolas.

Mas depois do que aí fica dito, muito sumariamente, sobre a educação dos atrasados das nossas escolas, ocorre uma pergunta. ¿Quem fará a selecção dessas crianças e procederá ao seu exame? Sem uma inspecção médica única e exclusivamente destinada à escola primária, a criação dessas escolas especiais resultará infrutífera, senão disparatada. E custa mesmo a compreender-se como o decreto de 29 de Março de 1911, que encerra numerosos capítulos de higiene escolar, a criar e a desenvolver no nosso país, não fale sequer ao de leve na instituição dum serviço médico, adstrito às escolas a que êle se refere.

CAPÍTULO X

INSPECÇÃO MÉDICA

«Pédagogue et médecin doivent se prêter un mutuel concours. L'inspecteur médical est le collaborateur assidu du pédagogue. Tous deux concourent au même but; l'un en développant les aptitudes physiques, l'autre en cultivant les facultés intellectuelles.»

DUFESTEL.

APESAR de na ocasião em que visitámos as escolas primárias ainda estas estarem sob a alçada duma lei, ⁽¹⁾ estatuindo a inspecção médica, desde há muito tempo que tal inspecção se não fazia, e mesmo durante a época em que ela existiu, embora da parte dos funcionários que a executavam houvesse a maior soma de energia, e uma enorme força de vontade os seus serviços quasi resultavam improficuos.

Os motivos dos poucos beneficios, colhidos com tal inspecção, provinham, até certo ponto, de haver apenas dois médicos à frente dêsse serviço, sobrecar-

⁽¹⁾ Decreto de 24 de Dezembro de 1901, e seu Reg. de 19 de Setembro de 1902. Art. 369.º e seguintes.

regados ainda com inspecções a colégios particulares e aos dois liceus da cidade. Só êstes últimos bastavam para entreter as horas de trabalho, que cada inspector devia dedicar por dia às obrigações do seu cargo.

Mas eis que decorridos seis anos, tantos foram os que essa inspecção durou, uma tentativa de remodelação nos serviços de sanidade escolar vem pôr-lhe termo, reduzindo a inspecção apenas aos estabelecimentos de ensino dependentes da Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial. ⁽²⁾

O decreto, que reformou o ensino primário, ⁽³⁾ não faz a menor referência à inspecção médica às escolas, que êle reorganisa e reforma, de maneira que as escolas primárias são actualmente em Portugal os únicos institutos de instrução pública, que não possuem inspecção médica, necessitando êles tanto, ou mais do que aqueles, para os quais ela efectivamente existe.

Estamos convencidos de que isto não passa de um lapso dos poderes públicos, em matéria legislativa, e que, mal reconheçam essa deficiência, não tardarão em tornar extensiva à escola primária a inspecção médica, presentemente vigorando nos liceus, ainda que um pouco imperfeita no que se refere à sua organização legal.

No decorrer do trabalho, que viemos elaborando, puzemos sempre em flagrante a falta, que notámos nas escolas primárias, do Pôrto, duma inspecção médica. É na parte que diz respeito aos edificios, cuja construção deve estar sob as vistas do médico; são as salas de aula, cujas condições de iluminação, principalmente, devem merecer a atenção do inspector sanitário; são as carteiras-bancos, condenadas pela hygiene, e que o médico fará substituir por outras, com todos os re-

⁽²⁾ Decreto de 26 de Maio de 1911.

⁽³⁾ Decreto de 29 de Março de 1911.

quisitos dum bom mobiliário; é a profilaxia das doenças transmissíveis, que o sanitarista escolar superintenderá; são os exercícios de educação física, que êle aconselhará e fiscalizará; enfim, não só nos assuntos que versámos nos capítulos anteriores, como em muitos outros, é sempre chamada a personalidade do médico escolar para emitir um parecer, resolver uma dificuldade ou para discutir uma questão.

Em tudo isso efectivamente êle tem de ser ouvido, mas há uma parte muito importante da sua missão a dentro da escola, e que agora vamos tocar muito levemente nos seus pontos mais essenciais: é o exame do aluno.

Exame antropométrico

Êste exame tem por fim verificar o desenvolvimento físico do aluno, que, quando não se efectua em circunstâncias normais, previne-nos de que qualquer coisa de irregular se vem passando na criança, obrigando-nos a conservá-la mais atentamente sob a nossa vigilância, ao mesmo tempo que o professor, tendo conhecimento disso pelo médico escolar, lhe dispensará um certo número de cuidados, que a sua precária saúde exige.

Êste exame consistirá em pesar o aluno, medir a sua altura, determinar o seu diâmetro bi-acromal, a amplitude torácica, a capacidade respiratória pelo espirometro e avaliar da sua fôrça muscular.

Nêste mesmo exame o médico tomará nota das deformações cranianas e dos membros, estas últimas a maior parte das vezes a tempo de ser corrigidas, verificará se existem desvios da bacia ou da coluna vertebral, praticará a percussão e a auscultação torácicas reparará no aspecto do couro cabeludo e da pele, inves-

tigando da existência de cicatrizes, atentará na existência de hernias e de pleiades ganglionares, etc.; procederá enfim, à pesquisa de todos aqueles elementos, com que possa fundamentar a classificação do aluno pelos variados estigmas de degenerescência, a que já aludimos, quando falámos nas escolas de anormais.

Exame odontológico

A higiene dos dentes nos nossos estabelecimentos de instrução primária tem sido completamente desprezada. No nosso país, que nós saibamos, os exames odontológicos, até hoje feitos, teem-se limitado a dois liceus de Lisboa, a uma escola primária não oficial e ao extinto colégio de S. Fiel.

Nos liceus da capital e na Escola Primária da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres encarregaram-se dêsse serviço dois distintos médicos, os drs. Diogo Marques e Costa Sacadura; êste último, que há muitos anos vem dedicando grande parte da sua energia a importantes trabalhos de higiene escolar referentes ao nosso país, procedeu durante o ano de 1910 ao exame odontológico dos alunos do liceu «Camões», e em 1911 ao das crianças que freqüentavam a escola primária, a que acima nos referimos; o dr. Diogo Marques desempenhou uma missão idêntica no ano lectivo de 1909-1910, no liceu «Passos Manuel».

Êstes dois ilustres higienistas, em virtude dos resultados obtidos com êsses exames, chegaram à conclusão de que 46 % dos alunos inspeccionados tinham os dentes cariados, havendo uma notável preferência da cárie para os primeiros molares do lado esquerdo (maxilar superior), emquanto que gozam duma relativa imunidade os incisivos e os caninos.

Por esta ligeira referência, e que nos diz respeito, pois trata-se de crianças portuguesas, se vê quam grande é a necessidade que há em estabelecer uma inspecção odontológica aos alunos das diferentes escolas, e muito principalmente das escolas primárias, onde por vezes o número de crianças, que precisam de urgentes cuidados dentários, atinge 85 %.

Tem-se atribuído, em parte, esta cifra considerável ao trabalho prematuro a que a criança se entrega, quando vai para a escola, originando também, às vezes, o aparecimento antecipado dos dentes definitivos, que então saem de má qualidade.

O exame odontológico, feito por um médico especialista, tem por fim imediato combater, por todas as formas, o desenvolvimento e a propagação da cárie, evitando-se assim, muito a tempo, as conseqüências funestas, que mais tarde hão de surgir, devido à incúria a que se entregaram os dentes da criança.

Mas além disso o dentista escolar exercerá a sua acção profilática sobre todas as afecções da bôca, tais como estomatites, gengivites, alveolites, etc., prevenindo os pais dos alunos, e enviando-lhes um boletim com o esquema dentário, onde marcará as anomalias e o tratamento a seguir.

Os pais serão obrigados a mandá-los ao seu dentista ou, no caso de não terem recursos, às clínicas dentárias gratuitas, que as haverá em todas as cidades.

Não é sómente, porém, no que respeita aos padecimentos dos dentes, que o médico limitará a esfera da sua missão; nas conferências, que fizer às crianças das escolas da sua circunscrição, tornará bem conhecidas as regras de higiene dentária, da forma mais comprehensível para alunos e professores, pois que é a êstes últimos a quem compete o vigiar, mais de perto, a limpeza dos dentes dos seus discípulos.

Êstes farão diáriamente, quando chegarem à escola

e no fim das refeições, uma escovagem com água e greda pulverisada; é uma prática muito simples, demandando uma reduzida despesa, e que habituará as crianças, cujas famílias não velem pela higiene bucal, a conservarem a sua boca isenta de detritos alimentares, que um freqüente desleixo acumula, e cuja permanência provoca o mau hálito, origina a formação do tártaro e produz a cárie.

Para se avaliar da importância que no estrangeiro se liga à dentadura das crianças das escolas, basta dizer que em Strasburgo o tratamento dos dentes é obrigatório para as crianças, dos três aos seis anos, e que nenhuma pôde fazer parte duma colônia de férias, sem que apresente um atestado da clínica dentária escolar, em como prove ter a boca completamente sã.

Exame oftalmológico

A ideia do exame oftalmológico das crianças das escolas remonta sem dúvida aos primeiros trabalhos de higiene escolar. Últimamente, porém, os estudos que se tem feito sobre a miopia escolar, e as consequências de higiene social que daí resultam tem contribuido imenso, para que este capítulo de inspecção médica não seja de forma a desprezar-se.

Nesse sentido deverão as nossas escolas, e nomeadamente aquelas onde se professa o ensino primário, ter montados os seus serviços de forma a poderem ser submetidas todas as crianças, que as freqüentam, a um exame oftalmológico, que será feito duas vezes por ano, e cujos elementos colhidos farão parte da caderneta escolar.

Esse exame consistirá não só em apreciar quaisquer deformações ou lesões externas do órgão da visão,

tais como blefarites, conjuntivites, queratites, perturbações lacrimais, estrabismo, etc., como também em determinar rigorosamente, por meio das escalas optométricas de Snellen ou de Monoyer, colocadas na sala da aula ou no recreio, a agudeza visual de cada aluno.

A iluminação, quer do recreio, quer da sala da aula, será determinada antes de qualquer exame pelo fotômetro, de maneira a poderem comparar-se os exames feitos em dias diferentes, e a diversas horas do mesmo dia. Medindo-se a agudeza visual, correspondente a cada um dos olhos, e notando-se que ela é inferior à normal a criança será submetida a um exame complementar, onde, além da rectificação do primeiro exame, se fará a queratoscopia, a oftalmoscopia e a cromotopsia, completando-se, se preciso fôr, com os dados fornecidos pela tonometria, pela medição do campo visual e pela amplitude da acomodação.

O médico oftalmologista chamará a atenção do professor para aqueles alunos, cuja acuidade visual esteja comprometida, indicando-lhe os logares, que deverão ocupar na sala de aula de maneira a poderem seguir, tam proficuamente como os seus camaradas hígidos, as explicações e demonstrações feitas na pedra. Da mesma forma que para o exame odontológico, participar-se há às famílias as afecções de que as crianças são atingidas, afim de providenciarem, iniciando o tratamento respectivo, ou então enviando, directamente às clinicas oftalmológicas gratuitas, quando as houver, as crianças desprovidas de recursos.

Exame oto-rino-laringológico

Este exame, feito de preferência por um médico especialista, constará duma inspecção às funções au-

ditivas, nasais e laringeas e será dividido em duas partes.

Na primeira medir-se há o grau de audição mandando colocar o aluno no fundo da sala, a uma distância do médico, previamente determinada, e obrigando-o a repetir as palavras que aquele tenha pronunciado em voz baixa. Como este processo não seja muito rigoroso, modificando-se com várias circunstâncias, é preferível fazer a sua correção, substituindo a voz pelo tic-tac dum relógio, que se vai afastando dos ouvidos, até que a criança o não ouça, marcando-se, então, a distância máxima dessa audição.

Submetendo a estas duas operações, ou só à última, o ouvido direito tendo obturado o esquerdo, e este tendo obturado aquele, seleccionaremos assim os alunos disacúsicos.

Ao mesmo tempo que o médico procede a este exame, anotará e separará as crianças, que tenham dores de ouvidos, que sintam zumbidos, ou que através dos seus canais auditivos deixem sair algum corrimento.

Isto no que se refere à primeira parte do exame otológico. Quanto às funções respiratórias e fonativas marcar-se-hão os alunos, que respirem habitualmente pela boca, que tenham a voz enrouquecida ou nasalada, que sejam sujeitos a frequentes dores de cabeça, que façam hemoptises nasais ou cujas corizas sejam persistentes, recidivando a miudo.

Aqueles que, com estas provas de verificação prévias, forem considerados como anormais serão submetidos, exactamente como no exame oftalmológico, a uma nova inspecção complementar, muito mais minuciosa, e que consistirá em observar o tímpano, o canal auditivo, a oro-faringe, as fossas nasais pela rinoscopia anterior e posterior, procedendo-se também ao toque faríngeo.

A respiração bucal, tam vulgar nas crianças atacadas de vegetações adenoides, coloca-as às vezes num estado de equilíbrio instável sob o ponto de vista hígido; respirando-se pela bôca, o muco, dessecado durante a noite, altera os dentes; o ar não entra isento de poeiras nos pulmões, nem é aquecido e saturado de vapor de água; a criança constipa-se com facilidade, e é freqüentemente prêsa de bronquites, não contando já com as deformações torácicas, que um tal tipo respiratório provoca. Tudo isto é uma soma de motivos, mais que suficiente, para a inspecção rinológica se fazer.

Na parte da caderneta sanitária individual, correspondente ao exame oto-rino-laringológico, as diversas observações colhidas serão arquivadas, participando-se igualmente às famílias, as afecções que carecem de tratamento urgente, assim como se indicarão aos respectivos professores os alunos que ouvem mal.

As crianças, cuja acumetria nos vem revelar uma diminuição auditiva, se não fosse êste exame, perderiam anos sucessivos pelas suas *soi-disants* faltas de atenção, e à medida que fossem crescendo e desenvolvendo-se, freqüentando sempre uma mesma sala, iriam ocupar os últimos lugares, donde cada vez ouviriam menos. Idêntico facto se dá com os míopes, quando êles não sejam reconhecidos pela inspecção médica.

Tanto uns como outros, desde que a sua disacusia ou a sua miopia sejam completas, a sua transferência para as escolas de anormais impõe-se.

Muitas das crianças, que passam sucessivamente por esta série de exames na escola, talvez a sua grande maioria, se não forem convenientemente tratadas, essas diversas afecções, que apresentam na idade escolar, tornar-se hão crônicas, acarretando mais tarde graves alterações nos órgãos atacados, e chegando por vezes a inutilisá-los completamente.

É por isso que vantajosa se torna a inspecção médica nas escolas primárias, pois que, tendo sido submetidos os alunos a êstes diferentes exames, evitar-se há, que se aniquilem por completo muitos dos futuros cidadãos, cuja higidez contribuirá imenso para o engrandecimento da Pátria, que soube quando crianças proporcionar-lhes todos os meios de que dispunha para os robustecer, curando-os dum certo número de afecções, e ao mesmo tempo prevenindo que muitas outras os atingissem.

É esta a sagrada e nobilíssima missão dos médicos escolares.



SEGUNDA PARTE

Isto escolas!... Que indecencia!
Escolas, esta farçada!
São açougues de inocencia,
São talhos d'anjos, mais nada!

GUERRA JUNQUEIRO.

OBSERVAÇÕES

(Junho—Julho de 1912)

OBSERVAÇÃO N.º 1

Freguesia da Sé — Sexo masculino

R. do Sol n.º 14

O prédio onde está instalada esta escola pertence à Câmara Municipal e foi em tempo moradia particular. Tem duas salas de aula: uma destinada à 1.ª e 2.ª classe e outra à 3.ª e 4.ª cl. Na ocasião da nossa visita, as quatro classes funcionavam todas numa sala, o que aliás acontecia há mais de dois anos por falta de professor.

Essa sala tem as seguintes dimensões:

Comp. 7^m,30; larg. 6^m,88; e alt. 3^m,25. A sua sup. é de 50^m²,24 e a cub. 163^m³,228. As paredes são caiadas, mas na parte inferior tem uma faixa de 1^m,30 de largura, pintada de cinzento claro. O teto, com frisos e formando ângulos com as paredes, é abundante em ornatos.

Há três janelas voltadas ao sul, tendo a janela do centro transformada a sua metade superior em bandeira móvel; uma janela ao norte projecta a luz de frente sobre as carteiras.

Iluminação lateral direita e de frente.

Porta em frente às janelas do sul. O mobiliário é constituído por vinte carteiras-bancos de dois logares — sistema Lenoir — todas das mesmas dimensões. Três crianças em cada carteira.

Estão matriculados 101 alunos, sendo a frequência normal de 65.

A sala onde deviam estar a 3.ª e 4.ª cl. tem de comp. 6^m,35; larg. 5^m,80; e de alt. 3^m,20. Sup. 36^m²,83; cub. 117^m³,856.

Duas janelas voltadas ao sul iluminam a sala, tendo uma delas o mesmo dispositivo para a ventilação que a da sala anterior. Tetos e paredes idênticos aos da outra sala, assim como o soalho.

O mobiliário consta de doze carteiras-bancos duplos — sistema A. de Matos.

Iluminação lateral direita.

Na escola utiliza-se a água da Companhia. Copo comum para todos os alunos.

O recreio é uma loja imunda, mal iluminada, húmida e fria, com o pavimento em pedra. O vestiário fica numa outra loja, mais pequena que aquela, mas nas mesmas condições higiénicas. Poucos cabides e indistintos. Os chapéus e as peças de vestuário dos alunos espalham-se pelo chão, ou acumulam-se sobrepostos nos cabides.

A escola tem três urinóis — tinas de porcelana, bastante altos para a estatura das crianças. A latrina — bacia cónica de louça é de autoclismo, embora também de dimensões exageradas. Os compartimentos onde estão os mictórios e a latrina são bem arejados; as paredes revestidas de azulejo e o pavimento cimentado.

OBSERVAÇÃO N.º 2

Freguesia da Sé — Sexo feminino

R. Duque de Loulé

Prédio nas mesmas circunstâncias que o anterior, e tendo duas salas também.

A da 1.ª cl. com as seguintes dimensões:

Comp. 5^m,38; larg. 4^m,60 e alt. 2^m,90, tem de sup. 24^{m²},64 e de cub. 71^{m³},439.

Duas portas envidraçadas e uma janela iluminam a sala pelo lado esquerdo das alunas. No inverno, principalmente, não é possível ventilá-la, porque existindo apenas janelas e portas numa das paredes, caso se tente abrir qualquer delas, a chuva entra até ao meio da sala.

Paredes caiadas. Teto formando ângulos com estas. Pavimento de madeira vulgar. Era freqüentada por 48 alunas.

Carteiras-bancos de quatro logares — sistema francês antiquíssimo.

A sala, onde funcionavam as três últimas classes, tinha as seguintes dimensões:

Comp. 7^m,28; larg. 5^m,38 e alt. 2^m,88 donde uma sup. 39^{m²},16 e cub. 112^{m³},799.

Duas janelas e uma porta; do lado oposto à porta da entrada há uma janela.

Iluminação bilateral, diferencial.

O mobiliário constava de carteiras-bancos — sistema francês antigo. Estavam na sala 52 alunas.

Paredes, teto e pavimentos iguais aos da outra sala. Cabides nas paredes indistintos.

Água da Companhia. Copo comum para todas as crianças duma mesma sala.

Há uma só latrina, imunda, de sifão, mas excessivamente alta para as alunas

Este prédio é bastante húmido, e possui ao lado uma refinação de açúcar.

Durante o inverno as crianças brincam nas salas de aula, por falta de recreio coberto, e no verão utilizam como recreio ao ar livre um terreiro completamente desarborizado, à entrada da escola e comunicando com a rua por um portão de ferro constantemente aberto.

OBSERVAÇÃO N.º 3

Freguesia da Sé — Sexo masculino

R. Trás da Sé

Prédio de aluguer; casa apalaçada com um pequeno jardim, muito próxima da Sé Catedral e duma torração de café.

Tem quatro salas. A da 4.^a cl. média de comp. 5m,8; larg. 5m,6; e alt. 4m,5. Sup. 32m²,48; e cub. 146m³,160. O pavimento foi pintado em tempos; as paredes são pintadas côr de rosa até ao teto, que forma com elas ângulos e tem ornatos. Janelas viradas ao sul e ao nascente com transparentes.

Iluminação lateral esquerda deficiente. Uma carteira recebe luz pela direita e por detrás.

Carteiras-bancos de dois logares, onde se sentam 28 alunos.

A sala da 2.^a cl. com uma só janela, à esquerda dos alunos, tem de comp. 6m,4; larg. 5m,6; alt. 4m,5; sup. 35m²,84; e cub. 161m³,280.

Iluminação lateral esquerda, muitíssimo deficiente.

Porta de entrada em frente à janela. Paredes pintadas como na sala antecedente. Teto e pavimento vulgares.

30 alunos sentavam-se em carteiras-bancos de dois lugares.

A sala da 1.^a cl. tem três janelas do lado sul e duas do lado nascente. As suas dimensões são: comp. 7^m,75; larg. 6^m,75; alt. 4^m,5; sup. 52^m²,31; e cub. 235^m³,406.

Iluminação pela esquerda e pela rectaguarda dos alunos.

O mobiliário era constituído por carteiras-bancos de dois lugares, mas em pequena quantidade para os 60 alunos, que frequentavam esta classe. Por isso grande parte deles sentava-se no chão, e no estrado do professor.

Estas três salas ficavam no 1.^o andar, onde nos conduzia uma escadaria de pedra bastante escura. No rés-do-chão ficava a sala da 3.^a cl. com o comp. 7^m,5; larg. 6^m,5; alt. 3^m,2; sup. 48^m²,75; e cub. 156^m³. Sala húmida, escassamente iluminada por uma janela voltada ao sul e uma outra, de dimensões mais pequena, virada ao nascente. Porta de entrada fronteira a esta última. Paredes e teto caiados e este último formando ângulo com aquelas. O pavimento em madeira deixava muito a desejar pelo seu estado de conservação, pois a um canto estava apodrecido.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda dos alunos. Iluminação artificial pelo bico de incandescência.

Carteiras-bancos de quatro lugares suficientes para o número de crianças.

Água da Companhia e dum poço. A dête último é tirada por uma bomba de volante para um regador, donde a bebem, ou, então, às vezes utilizam-na, bebendo-a directamente da torneira. Copo ou *regador* comum.

Há três latrinas de bacia cónica, de porcelana, com sifão, isoladas umas das outras. Não são de autoclismo; teem canalizada a água da Companhia e do poço.

Os mictórios de tina de porcelana teem também água, e a sua altura está em desproporção com a estatura dos alunos. Aqueles e as latrinas estão situados num pavilhão expressamente construído para isso no jardim, e completamente isolado do edificio escolar. O pavimento é de mosaico e as paredes até meia altura são cobertas de azulejo. A ventilação é suficiente, e o estado de limpeza em que se encontravam é para registar.

O recreio dos alunos ou é nas escadas de pedra do edificio, ou nas salas de aula. Por vezes, enquanto pela manhã esperam a hora da escola abrir, é que brincam no pequeno jardim anexo.

No patamar encontram-se os cabides, que não vimos utilizados, mas que são indistintos, segundo nos informou o regente desta escola.

OBSERVAÇÃO N.º 4

Freguesia da Sé — Sexo feminino

Largo do Corpo da Guarda

Prédio de aluguer, com a frontaria orientada para o sul, com quatro salas de aula.

A sala da 1.^a cl. com um comp. 8,33; larg. 6,33; alt. 3,65 tinha de sup. 51m²,46 e de cub. 187m³,829, e era dividida, segunda a largura, por um arco, de forma que, duas janelas ficavam para cá do arco, e outra para lá, todas três viradas ao sul. Em frente a estas, duas portas davam ingresso na sala.

Paredes caiadas, tendo do soalho até quasi metade da altura uma faixa, fingindo carvalho do norte. Teto com ornatos e formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada.

Iluminação lateral esquerda. Mobiliário A. de Matos. Frequentavam esta classe cento e dez alunas.

A sala da 2.^a cl. tinha janelas, com bandeiras móveis, em frente à porta de entrada.

Iluminação lateral esquerda.

Esta sala media de comp 6m,44; larg. 5m,20; alt. 3m,66; sup. 33m²,48; e cub. 122m³,536.

Estavam nesta sala 30 alunas. Paredes caiadas. Teto e pavimento idênticos ao da sala anterior.

A sala da 3.^a cl. tinha as seguintes dimensões: comp. 6m,4; larg. 4m,7; alt. 4m,8; sup. 30m²,80; cub. 144m³,284. Janelas, com bandeiras móveis, em frente à porta. Teto e pavimento idênticos ao das duas primeiras salas. Paredes iguais às da sala da 1.^a cl.

As vinte e três alunas desta sala recebiam a luz pela sua esquerda.

A sala da 4.^a cl., tendo uma só janela em frente à porta, media de comp. 5m,27; larg. 3m,54; e alt. 4m,32; sup. 18m²,65; e cub. 78m³,727. Paredes caiadas; teto formando ângulo com estas. Pavimento pintado.

As 9 alunas, que constituíam esta classe, recebiam luz pela frente.

Nesta escola encontrámos latrinas independentes para alunas e professoras. O seu sistema é antiquíssimo, tendo sifão apenas a que é destinada às professoras. São pouco ventiladas e metidas dentro do edifício. As destinadas às alunas são em número de duas.

Água da Companhia. Copo comum. No quintal há uma pequena fonte, que as alunas não utilizam (?), e cujo grau de salubridade se desconhece. Alimenta um grande tanque em que no momento da nossa visita as crianças lavavam as mãos por o lavatório da escola estar partido.

O recreio é um quintal com arruamentos, ajardinado, e a que algumas poucas árvores dão uma escassa sombra. É, porém, pequeno para a população escolar. Quando chove, as crianças brincam nos estreitos corredores do edifício.

OBSERVAÇÃO N.º 5

Freguesia da Vitória — Sexo masculino

R. da Picaria n.º 103

Prédio de aluguer com a fachada para o nascente. No 1.º andar, para a frente, está a sala da 3.ª e 4.ª cl. com as seguintes dimensões: comp. 8^m,12; larg. 4^m,90; alt. 3^m,50; sup. 39^{m²},78; e cub. 139^{m³},258.

Duas janelas, voltadas para o nascente, ficam em frente à porta de entrada da sala, cujas paredes são forradas a papel. O teto, provido de ornatos, forma ângulos com aquelas.

O pavimento, já bastante usado, é de madeira e com largas frestas dumas tábuas às outras.

Iluminação lateral esquerda, deficiente não só pelo comprimento da sala, como pela altura dos prédios fronteiros.

Carteiras-bancos de dois lugares, onde se sentam quarenta e oito alunos.

Para as traseiras, neste mesmo pavimento, encontra-se a sala de 1.ª e 2.ª cl. com o comp. 8^m,10; larg. 4^m,80; e alt. 3^m,50; sup. 38^{m²},88; e cub. 136^{m³},080.

Duas janelas ao poente. Porta de entrada em frente às janelas. Paredes caídas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda deficiente. Era freqüentada por 75 alunos, que se distribuíam por vinte e quatro carteiras-bancos de dois lugares. Muitas crianças estavam sentadas no chão, enquanto que outras se sentavam em longos bancos sem encôsto, estendidos ao longo das paredes.

No 2.º andar, para as traseiras também, havia uma sala, onde se encontravam parte dos alunos da 1.ª cl., embora sem professor, que há mais de um ano o regente da escola vinha requisitando.

Esta sala com o comp. 5^m,35; larg. 5^m; alt. 2^m,75; sup. 26,2^m²,75; e cub. 73,2^m³,562 tinha duas pequenas janelas, voltadas para o poente e fronteiras à porta de entrada. Paredes caiadas. Teto formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira.

Iluminação lateral esquerda deficiente.

Dez carteiras-bancos de dois logares eram destinados a trinta e seis alunos, que freqüentavam esta sala, de forma que se repartiam em grupos de três por cada carteira, enquanto o resto se sentava em bancos encostados às paredes.

Tem esta escola três latrinas, uma em cada uma das varandas das traseiras. Modêlo antigo, sem sifão e com sistema manual de obturação e esvasiamento da bacia. Como não havia mictórios, encontravam-se as latrinas num estado de imundície difficil de descrever.

O recreio é um quintal pequeno com poucas árvores. Como recreio coberto utiliza-se, nos dias de chuva, uma loja, que há ao rés-do-chão e que comunica com o quintal; outras vezes os alunos brincam mesmo dentro das salas de aula.

Na tal loja, que serve de recreio coberto, há cabides indistintos e em número insufficiente.

Água da Companhia. O regímen do copo comum não é geral, porque muitos alunos utilizam copos de papel individuais. A água da Companhia é lançada pelo servente num caneco, onde as crianças a vão buscar. Vazio o caneco o servente volta a enchê-lo e assim sucessivamente.

Por iniciativa do professor há nesta escola canto coral, assim como uma pequena farmácia para casos de urgência e que já tem servido algumas vezes. São dois factos que assinalamos nesta observação com o maior prazer, e que mereceram no momento da visita os nossos elogios.

Esta escola tem anexa uma Cantina, mantida a expensas da Junta de Paróquia da respectiva freguesia e dalguns donativos particulares. Começou a funcionar em 21 de Janeiro de 1912, e na ocasião da nossa visita distribuía um caldo e um pão ao meio-dia a dezanove alunos desta escola e a dezassete da escola do sexo feminino. Consta-nos, porém, que êste número tende a aumentar.

Os alunos vão desta escola, à sede da Cantina, na P. Carlos Alberto, todos os dias à hora própria, acompanhados pelo servente; a sua escolha é feita entre os mais necessitados, dos quais

se organizam duas turmas, que em dias alternados se utilizam dos benefícios da Cantina, o que sucede também com as crianças do sexo feminino.

As alunas comem em sala separada dos alunos, sendo a refeição servida numa tijela com o respectivo prato, que são pertença da Cantina.

OBSERVAÇÃO N.º 6

Freguesia da Vitória — Sexo feminino

P. Carlos Alberto

Está esta escola instalada num antigo prédio de habitação, agora pertença da Junta de Paróquia por legado do benemérito João Caetano de Carvalho, e cuja fachada olha para o sul.

No 1.º andar, para a frente, fica a sala da 1.ª cl. com as seguintes dimensões: comp. 6^m,8; larg. 4^m,95; e alt. 3^m,23; sup. 33^{m²},66; e cub. 108^{m³},721. Duas janelas com bandeira móvel voltadas para o sul; porta de entrada em frente a estas.

Iluminação lateral esquerda.

Paredes forradas a papel; teto apresentando ornatos e formando com aquelas ângulos. Pavimento de madeira vulgar.

Trinta e seis alunas estavam nesta sala distribuídas por treze carteiras-bancos de dois lugares — antigo modelo francês; algumas delas, em diferente posição do restante mobiliário, recebendo luz pela direita.

Para as traseiras, neste mesmo pavimento e com duas janelas, voltadas ao norte, que se abrem sobre uma varanda, ficava a sala da 2.ª, 3.ª e 4.ª cl. As janelas teem bandeiras móveis e ficam fronteiras à porta de entrada.

Iluminação lateral esquerda muito deficiente devido ao comprimento da sala, cujas dimensões são: comp. 8^m,42; larg. 4^m,80; e alt. 3^m,20; sup. 40^{m²},41; e cub. 129^{m³},331. As paredes são caídas, mas na sua metade inferior há um revestimento de azulejo escuro. Teto com ornatos e formando ângulo com as paredes. Pavimento de madeira vulgar.

Em dezoito carteiras-bancos de dois lugares — antigo modelo francês — sentam-se cinquenta alunas, mas antes do desdobramento da classe estavam nesta sala oitenta e uma.

Esta casa é muito fria e por vezes atravessada de emanações nauseantes.

Há duas latrinas, uma na varanda do 1.º andar, outra ao rés-do-chão, com os competentes sifões, embora sejam de sistema muito antigo; a latrina do 1.º andar não é utilizada pelas crianças, que na ocasião das aulas teem de descer as escadas para se dirigirem à do rés-do-chão.

Água da Companhia. O sistema do copo comum já não está tam generalizado, porque algumas alunas trazem nas cestas dos *lunchs* copos de vidro para seu uso exclusivo; as alunas tiram a água de duas talhas de barro, mal cobertas por uma tampa de madeira, colocadas a um canto do refeitório, e cuja água é renovada de dois em dois dias!

O refeitório fica no rés-do-chão para as traseiras; é uma loja, com pavimento de pedra, muito húmida e fria, mal iluminada e mal ventilada; a parede, até meia altura, é revestida de azulejo e na parte superior tem cabides indistintos. Encostados às paredes há uns bancos-caixas e outros bancos de sistemas variados.

Neste refeitório, que acumula nos dias de chuva e de frio as funções de recreio coberto, há dois lavatórios, sem toalha, e cujas torneiras não podem ser abertas pelas crianças, em virtude das chaves estarem em poder das professoras.

Como recreio ao ar livre há um quintal não muito espaçoso, com uns canteiros ao longo dos muros, tendo apenas duas ou três árvores.

Esta escola tem anexa a cantina a que nos referimos na obs. antecedente.

OBSERVAÇÃO N.º 7

Freguesia do Bomfim — Sexo masculino

R. do Bomfim

Antigo palacete, destinado a moradia e que foi adquirido pela Junta de Paróquia para instalação das suas escolas, tem a sua fachada voltada para o norte.

Um átrio vasto, mas escuro e húmido, dando serventia à esquerda para a regedoria e à direita para a Junta de Paróquia e biblioteca popular, dá-nos passagem até umas escadas de pedra, que nos conduzem ao 1.º andar, onde estão as salas de aula

A sala da 4.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 10m,85; larg. 4m,30; e alt. 4m,55; sup. 46m²,65; e cub. 212m³, apre-

senta-nos uma janela ao norte com bandeira móvel e três viradas ao poente; a sala tem duas portas, uma em frente à janela norte e outra às janelas poente com bandeira móvel. Paredes caiadas, tendo uma faixa de azulejo branco, que ocupa aproximadamente $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto com frisos ornamentais e formando ângulos com as paredes. O pavimento de madeira foi pintado em tempos idos, não restando hoje mais do que a calafetação das juntas.

Iluminação lateral esquerda em pequena quantidade, sendo-lhe muito superior a luz que os alunos recebiam pela rectaguarda.

Quinze carteiras-bancos, modelo A. de Matos, eram ocupadas justamente por trinta alunos.

A sala da 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,75; larg. 6^m,34; e alt. 4^m,55; sup. 55^m²,47; e cub. 252^m³,411, tinha duas janelas viradas ao norte com bandeira móvel. Porta de entrada com bandeira móvel em frente às janelas. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda, excepto para os alunos que ocupavam as carteiras, cuja iluminação se fazia pela frente, e pela direita, estando algumas colocadas atrás da mesa do professor de forma que recebiam pouca luz. A iluminação artificial é feita por quatro bicos de incandescência.

Havia vinte e cinco carteiras-bancos de dois lugares destinadas a cinquenta e três alunos.

A sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,35; larg. 5^m,75; alt. 4^m,65; sup. 48^m²; e cub. 223^m³,258 tinha uma janela, com bandeira móvel, voltada para o norte. Porta de entrada em frente à janela e também com bandeira móvel. Paredes, teto e pavimento iguais aos das salas antecedentes.

Iluminação lateral esquerda, muito deficiente devido do comprimento excessivo da sala.

Em vinte carteiras-bancos de dois lugares sentavam-se sessenta e cinco alunos.

A sala da 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,10; larg. 6^m,15; e alt. 4^m,55; sup. 49^m²,81; e cub. 226^m³,658, tinha duas janelas voltadas para o norte, com bandeira móvel. Porta de entrada em frente às janelas e também com bandeira móvel. Pavimento, paredes e teto idênticos aos das outras salas.

Iluminação lateral esquerda, excepto para uma carteira, que recebe a luz pela frente.

Em vista de grande frequência nesta classe há desdobramento, vindo pela manhã noventa e cinco alunos e de tarde sessenta e sete. O mobiliário é constituído por vinte e quatro carteiras-bancos de dois lugares.

Nesta escola há três mictórios, colocados num espaço muito acanhado e providos de água. Tem também três latrinas, de sistema antigo, sem sifão apesar de serem instaladas muito recentemente. São separadas umas das outras e estão bem ventiladas. Tanto o pavimento destas como o dos mictórios é de mosaico, e as paredes são revestidas de azulejo. No andar térreo há também duas latrinas do mesmo sistema e um mictório de louza. Água da Companhia e de pôço. Esta última, porém, é só utilizada para a lavagem da escola; os alunos com um copo comum vão tirar a água a um regador, onde foi previamente deitada pelo servente. Tem a escola um lavatório sem toalha.

Para recreio há um reduzido espaço não ajardinado, e a que três belas austrálias proporcionam bastante sombra. Quando chove as crianças brincam pelas escadas de pedra e no átrio, que comunica com o quintal, com as repartições anexas a que já nos referimos e com a rua; nesses momentos as crianças misturam-se com os operários das fábricas vizinhas, que ali vão fazer as suas refeições, ou abrigar-se da chuva, chegando por vezes a servir-se dos mictórios e latrinas dos próprios alunos.

O vestiário reduz-se a uns indistintos cabides, espalhados pelos corredores, e a um dispositivo de madeira e zinco colocado num desses corredores e onde as crianças deixam ficar os guarda-chuvas.

Esta escola tem como vizinhos uma serração de madeiras, uma serralharia e a fábrica dos tabacos, cujo cheiro nauseante em certos dias se torna insuportável.

OBSERVAÇÃO N.º 8

Freguesia do Bomfim — Sexo feminino

R. Duque de Saldanha

Instalada no mesmo edifício que a escola a que nos referimos na observação anterior, tem a sua entrada pela rua Duque de Saldanha. Uma escada estreita, de madeira já gasta, e muito sujas conduzem-nos ao 1.º andar, onde logo encontramos a sala da 3.ª e 4.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 10^m,93; larg. 4^m,42; e alt. 4^m,35; sup. 48^m²,31; cub. 210^m³,151.

Três janelas ao nascente e uma janela com bandeira móvel ao norte dão luz à sala. Porta de entrada em frente à janela do norte. Paredes caídas, tendo até um $\frac{1}{3}$ da sua altura um revesti-

mento de azulejo branco. Teto com frisos ornamentais formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira vulgar.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda das alunas; algumas crianças sentam-se de forma, que recebem luz pela frente.

Vinte carteiras-bancos de dois logares — modelo A. de Matos são destinadas a sessenta alunas.

A sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,05; larg. 6^m,18; alt. 3^m,57; sup. 43^{m²},56; e cub. 155^{m³},541, tem duas janelas voltadas ao sul, uma das quais com bandeira móvel; a porta de entrada está na parede oposta às janelas. Paredes e teto idênticos ao da sala antecedente; quanto ao pavimento, que foi pintado há tres anos, já não tem disso senão ligeiros vestígios.

Iluminação lateral esquerda.

Carteiras-bancos de dois logares—antigo modelo francês, em número de quinze, destinavam-se a 50 alunas.

A sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 10^m,95; larg. 6^m,75; alt. 4^m,35; sup. 73^{m²},91; e cub. 321^{m³},519 apresenta-nos três janelas ao nascente e três ao poente. A porta não é frente às janelas. Paredes mal caídas, tetos esburacados, formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar.

Esta sala apresenta uma interessante disposição no seu mobiliário. Metade das carteiras estão dispostas de maneira que a luz incide pela frente (poente) e pela rectaguarda (nascente), enquanto outra metade recebe luz pela direita e pela esquerda. Esta disposição obedeceu a um desdobramento da classe. O mobiliário é constituído por cincoenta e quatro carteiras-bancos de dois logares—antigo modelo francês—algumas delas escangalhadas. Em Dezembro de 1911 estiveram nesta sala com esta mesma mobília duzentas crianças; na ocasião da nossa visita êsse número era menor. Esta sala mostra-nos na sua parede sul alguns cabidos.

Há oito latrinas de sistema antigo sem sifão; quatro no andar onde estão as salas de aula, e quatro no rés-do-chão, que as crianças utilizam na ocasião de recreio; tem água canalizada, mas que pouco lhes aproveita em vista da sua fraca pressão.

A escola tem recreio coberto, de reduzidas dimensões, no rés-do-chão e em comunicação com o recreio ao ar livre, também pequeno e pouco arborizado. O recreio coberto tem o pavimento cimentado; é bastante escuro e as paredes estão constantemente húmidas; serve também de vestiário porque tem alguns cabides indistintos que só são utilizados nos dias de chuva.

Esta escola, além de ser húmida, tem as mesmas vizinhanças que a escola da observação antecedente, indo também para o portal as operárias das fábricas próximas, na refeição do meio-dia.

OBSERVAÇÃO N.º 9

Freguesia do Bomfim — Sexo feminino

R. S. Vitor n.º 161

Prédio de aluguer. Numa sala ao rés-do-chão, dividida ao meio por um arco, estavam as quatro classes desta escola. A sala com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,5; larg. 4^m,5; alt. 3^m,5; sup. 29^m²,25; e cub. 102^m³,375, tinha três janelas viradas ao poente, com os vidros da parte inferior fôscos. Porta de entrada em frente às janelas. Teto e paredes vulgares, formando ângulos entre si.

O pavimento foi pintado em tempo, mas com o uso a tinta desapareceu.

Iluminação lateral esquerda muito deficiente.

O mobiliário era constituído por vinte carteiras-bancos de dois lugares — antigo modelo francês — e destinava-se a oitenta alunas. As crianças em excesso espalhavam-se por bancos heterogêneos, colocados no meio da sala, ou sentavam-se no chão.

Na ocasião da nossa visita, quinze alunas davam lição de pé.

Para recreio coberto utiliza-se uma sala de pequenas dimensões, situada para as traseiras e onde há cabides indistintos, em número muito reduzido. Tem a escola um pequeno quintal com algumas plantas, onde as crianças brincam.

Há uma latrina de sistema antigo, sem sifão, e em que obtenção e esvaziamento da bacia se faz manualmente.

Água da Companhia e do pôço. Esta última não é utilizada. Régimen do copo comum, que as crianças vão encher a uma bilha, previamente cheia pela servente na torneira da cosinha, única torneira que existe na casa.

Esta escola está situada numa das ruas que conta mais *ilhas*.

OBSERVAÇÃO N.º 10

Freguesia do Bomfim — Sexo masculino

R. Heroísmo n.º 102

Prédio de aluguer, construído recentemente, com a fachada voltada para o sul. A sala da 3.ª e 4.ª cl. situada no 1.º andar, para as traseiras, tinha as seguintes dimensões: Comp. 7^m,25; larg. 4^m,9; e alt. 3^m,4; sup. 35^m²,60; e cub. 150^m³,785. Três janelas,

com bandeiras móveis, voltadas para o norte, davam para uma varanda envidraçada; a porta da entrada fica em frente às janelas. Parede caiada, tendo ao pé do quadro preto um revestimento de azulejo branco; o teto, provido de frisos, forma ângulos com as paredes; pavimento vulgar de madeira.

Iluminação pela rectaguarda dos alunos muito deficiente.

Dezoito carteiras-bancos de dois logares, — modelo A. de Matos, eram destinadas a 48 alunos; algumas delas tinham três alunos.

No pavimento superior, também para as traseiras, estava a sala da 1.^a e 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,25; larg. 4^m,9; e alt. 3^m,3; sup. 35^m²,60; e cub. 117^m³,500. Três janelas, com bandeiras móveis, olham para o norte; a porta de entrada em frente àquelas. Paredes caiadas, e com uma faixa de azulejo branco na parede poente e parte da do sul. O teto e o pavimento são idênticos aos da sala anterior.

Iluminação pela rectaguarda dos alunos, deficiente, porém, não tanto como a da sala da 3.^a e 4.^a cl.

Vinte e duas carteiras-bancos, de dois logares, destinavam-se a sessenta e seis alunos.

Tanto na varanda do 1.^o andar, como na do pavimento superior, há uma latrina de sifão — bacia cônica de porcelana, e cujo afluxo de água se regula por uma torneira, assim como um mictório, em cantoneira, também com água. Latrina e mictório estão no mesmo compartimento, que tem as suas paredes revestidas de azulejo e o pavimento cimentado.

Na varanda do 1.^o andar há um lavatório sem toalha. Água da Companhia. Copo comum.

O recreio descoberto é um pequenino terraço sem vegetação e um pátio cimentado. Quando chove brincam nas salas de aula.

Ao rés-do-chão há uma sala com cabides indistintos.

Trata-se de criar uma cantina anexa a esta escola, havendo já alguns donativos.

Convém registar que ficamos desta escola com as melhores impressões no que respeita a limpeza.

OBSERVAÇÃO N.º 11

Freguesia de Santo Ildefonso — Sexo feminino

R. Gonçalo Cristóvão

Edifício construído expressamente para esta escola em 1886. O sexo feminino funciona no 2.º andar e tem a sua entrada pela rua Gonçalo Cristóvão, lado norte, enquanto o masculino, que ocupa o 1.º andar e também uma parte do 2.º, tem a sua entrada pela rua do Bomjardim, lado nascente.

Este edifício, encaixado entre outros prédios, é bastante húmido, e por vezes há nele umas exalações nauseantes, cuja origem os professores ignoram.

A sala da 3.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,2; larg. 6^m,2; e alt. 4^m,5; sup. 38^m²,44; e cub. 172^m³,980, tem duas janelas, com bandeira móvel, voltadas ao norte. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas; teto liso, não formando ângulo com as paredes. Pavimento de madeira pintada, mas cuja tinta vem desaparecendo.

Iluminação lateral esquerda. Desasseis carteiras-bancos de dois lugares servem a frequência desta classe, que é de trinta e quatro alunas.

A sala da 4.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,4; larg. 6^m,2; e alt. 4^m,5; sup. 45^m²,88; e cub. 206^m³, tem duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas para o nascente. Porta na parede oposta às janelas. Paredes caiadas e pintadas até $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto e pavimento idênticos aos da sala anterior.

Iluminação lateral esquerda. Ha dez carteiras-bancos de dois lugares, destinadas a vinte e duas alunas.

A sala da 1.ª cl. (primeira turma) com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,5; larg. 6^m,6; e alt. 4^m,5; sup. 62^m²,70; cub. 282^m³,150, tem duas janelas, com bandeira, voltadas para o norte. Porta com bandeira, em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto e pavimento iguais aos das salas anteriormente descritas.

Iluminação lateral esquerda, excepto para duas carteiras, cujas alunas recebem a luz de frente.

Há trinta e nove carteiras-bancos de dois lugares—antigo modelo francês, destinadas a cento e setenta e quatro alunas, que frequentam esta sala.

A sala da 1.ª cl. (segunda turma) com as seguintes dimen-

sões: Comp. 6^m,9; larg. 6^m,2; e alt. 4^m,5; sup. 42^{m²},72; cub. 192^{m³},510, tem duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas para o nascente; porta em frente às janelas. Paredes caiadas e pintadas até $\frac{1}{3}$ da altura. Teto e pavimento iguais aos das salas anteriores.

Iluminação lateral direita, excepto duas carteiras (antigo sistema francês), que recebem luz pela frente. O mobiliário, além dessas duas, é constituído por desasseis carteiras-bancos de dois lugares, todas do mesmo tamanho. Frequentam esta turma oitenta e duas alunas.

A sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,8; larg. 5^m,9; e alt. 4^m,5; sup. 40^{m²},12; cub. 180^{m³},540, tem uma janela com bandeira móvel, ao norte, e duas ao nascente. Porta em frente a estas últimas. Paredes, teto e pavimento idênticos aos da sala antecedente.

Iluminação pela direita e pela rectaguarda das crianças, muito deficiente. Desasseis carteiras-bancos de dois lugares, das das mesmas dimensões, eram destinadas a cinquenta e três alunas.

Os corredores desta escola são largos, com as paredes caiadas, um terço das quais apresenta um revestimento de azulejo branco. O teto tem frisos e forma ângulos com as paredes.

As crianças brincam nas salas de aula, por não terem recreio, nem coberto, nem ao ar livre; ao princípio brincavam nos corredores, mas temendo que elas partam umas vitrinas, onde se expõem aves embalsamadas, tomou-se a resolução, que actualmente ainda vigora.

Não há vestiário. Os cabides indistintos espalham-se pelos corredores.

Tratava-se de organizar uma cantina na ocasião da nossa visita.

A escola possui cinco latrinas—sistema moderno, de bacia cônica de porcelana com autoclismo, e de sifão; cada latrina ocupa o seu compartimento, cujas paredes são revestidas de azulejo, sendo o pavimento cimentado e a porta incompleta na sua parte inferior de forma a poder fazer-se a vigilância. São pouco ventiladas.

Água da Companhia. Copo comum, por meio do qual as crianças tiram a água duma talha, que é previamente cheia pela servente.

Há dois lavatórios com toalha, destinados às crianças, mas que estão fechados na latrina das professoras; quando as crianças precisam de lavar as mãos formam um grupo, e sob a vigilância da servente veem proceder a essa limpeza.

OBSERVAÇÃO N.º 12

Freguesia de Santo Ildefonso — Sexo masculino

R. do Bomjardim

No mesmo edifício que a escola anterior, fica instalada a escola que constitui esta observação. A sala de 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,3; larg. 5^m,4; alt. 4^m,6; sup. 39^m²,02; cub. 156^m³,429, tem duas janelas, com bandeira móvel, ao norte, e outra janela ao nascente. Paredes caiadas, tendo uma faixa pintada, fingindo carvalho do norte, e que ocupa $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto liso, não formando ângulo com as parêdes. Pavimento de madeira pintada, mas cuja tinta tende a desaparecer.

Iluminação pela direita (nascente) e pela frente (norte).

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos de dois lugares — modelo A. de Matos — em número de vinte, destinava-se a quarenta e três alunos, que frequentavam esta sala.

A outra sala de 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,7; larg. 6^m,3; e alt. 4^m,6; sup. 48^m²,50; e cub. 223^m³,150, tem duas janelas, com vidros fôscos e bandeiras móveis, voltadas ao nascente, duas portas, uma em frente às janelas e com bandeira; outra, estabelecendo a comunicação com a sala descrita anteriormente. Paredes, teto e pavimento idênticos aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda.

Para iluminação artificial tem três bicos de incandescência

Há vinte e quatro carteiras-bancos de dois lugares, mas existem matriculados apenas quarenta e três alunos.

A sala da 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,60; larg. 6^m,55; e alt. 4^m,6; sup. 62^m²,88; e cub. 289^m³,249, tem duas janelas ao nascente, com vidros fôscos e bandeiras móveis. Porta com bandeira em frente às janelas. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala anterior.

Iluminação lateral esquerda, para parte dos alunos; outra parte recebe luz pela rectaguarda, enquanto finalmente outra, colocada atrás da mesa do professor, recebe luz pela frente. Iluminação artificial feita por três bicos de incandescência.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos de dois lugares — modelo A. de Matos, e por carteiras-bancos de três lugares, estas últimas todas das mesmas dimensões.

O total dos lugares é de setenta e seis para noventa e quatro ou cinquenta e cinco alunos, conforme funciona a turma da manhã, ou a da tarde.

A outra sala de 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 10^m; larg. 5^m; e alt. 4^m,6; sup. 50^{m²}; e cub. 230^{m³}, tem três janelas, com bandeiras móveis, voltadas para o pátio, onde estão as latrinas e os mictórios. Porta não em frente às janelas. Paredes caiadas; teto igual ao das outras salas, tendo ao centro uma clara-boia. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e superior.

Carteiras-bancos de dois logares, em número de vinte e sete, e um banco comprido encostado à parede constituíam o mobiliário.

Esta sala estava destinada a ser frequentada por oitenta e oito crianças, mas parte delas foram transferidas para outra sala, não se evitando ainda assim que houvesse acumulação de alunos, em relação ao número de logares, pois que alguns estavam sentados no estrado do professor e no tal banco junto à parede.

A sala de 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,4; larg. 6^m,25; e alt. 4^m,6; sup. 52^{m²},50; e cub. 241^{m³},500, tinha duas janelas, com vidros foscos e com bandeiras móveis, voltadas para o nascente. Porta com bandeira móvel em frente às janelas. Paredes caiadas, com uma faixa pintada, fingindo carvalho do norte e que ocupa $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado, mas cuja tinta vai desaparecendo.

Iluminação lateral esquerda. Carteiras-bancos de dois e três logares—modelo Lenoir, davam um total de quarenta e nove logares, sendo a frequência de 42 alunos.

No pavimento superior, depois de se subirem umas escadas estreitas de madeira, chega-se à sala de 2.^a cl., que tem as seguintes dimensões: Comp. 8^m,28; larg. 6^m,25; e alt. 4^m,6; sup. 51^{m²},50; e cub. 287^{m³},200. Apresenta duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas para o nascente. Porta com bandeira móvel em frente às janelas. Paredes, teto e pavimento absolutamente iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda.

Carteiras-bancos de dois e três logares—modelo Lenoir, davam um total de quarenta e nove logares, sendo a sala frequentada por 56 alunos.

Esta escola, que tem anexa no mesmo edifício a regedoria e os gabinetes da Junta de Paróquia, não tem recreio nem coberto, nem ao ar livre; existe de facto um pequeno pátio, lageado, ao centro da escola, mas cuja superfície não irá muito além de 25^{m²} se os tiver, ainda ocupado em parte por uma escada de pedra que lhe dá acesso e por um tanque. Aproveitá-lo para recreio ao ar livre seria um despropósito. Em vista disso as crianças, limitam-se

a brincar nas salas de aula, ou então nos corredores, embora estejam em certo perigo nêstes últimos, em virtude duns bancos que neles existem.

Êstes corredores têm revestidas de azulejos brancos, até um terço da sua altura, as paredes, que de ali para cima são caiadas.

Há cinco latrinas modernas, com bacia cônica de porcelana e respectivo sifão, e cujo afluxo de água se regula por meio duma torneira; as latrinas são isoladas umas das outras, com as portas incompletas na parte inferior, afim se fazer a vigilância, e estão num recinto, próximo ao pátio a que já nos referimos; o pavimento dêsse recinto é de mosaico e as paredes são revestidas de azulejos.

As latrinas apresentavam-se num estado de imundície difícil de descrever, desenvolvendo mau cheiro; isto resulta, com certeza, de não haver mictórios na escola.

Água da Companhia. Copo comum. Em tempo houve três lavatórios, mas como os serventes se encarregaram de partir dois, êstes nunca mais foram substituídos, tendo-se até tirado as torneiras que os serviam. Actualmente existe só um lavatório e sem toalha.

Não há vestiário. Antigamente ainda nos corredores houve uns cabides indistintos, mas quando nas paredes se colocou a faixa de azulejo, tiraram-se e nunca mais se colocaram.

Na ocasião da nossa visita falava-se em fundar uma cantina e consta-nos que foi inaugurada em Outubro de 1912.

OBSERVAÇÃO N.º 13

Freguesia de Cedofeita—Sexo masculino

P. da República n.º 193

Num prédio de aluguer, com a fachada voltada para o poente, estava instalada esta escola, que tinha uma só sala de aula, onde funcionavam conjuntamente as quatro classes.

Essa sala, cujas dimensões eram: Comp. 6^m,65; larg. 5^m,90; e alt. 3^m,50; sup. 39^{m²},42; e cub. 137^{m³},325, tinha três janelas olhando para o poente. Porta de entrada em frente às janelas. Paredes forradas a papel, que nalguns pontos já estava rôto; teto com ornatos e formando ângulos com as paredes; pavimento de madeira bastante usada.

Iluminação lateral direita.

Vinte carteiras — bancos de dois lugares, todas iguais — modelo Lenoir — destinam-se a uma frequência de 60 alunos, o que dá em resultado algumas carteiras terem três alunos.

Há um quintal para recreio das crianças, bastante comprido e muito arborizado, com canteiros; no inverno é muito húmido. Quando chove as crianças brincam numa sala das traseiras, ou então numa loja mal iluminada, mal ventilada e frigidíssima.

A escola tem uma só latrina, na varanda das traseiras, ao rés-do-chão; apesar de ser de sistema antigo tem sifão e água canalizada.

Não há mictórios. Água da Companhia. Copo comum. Há um lavatório sem toalha.

OBSERVAÇÃO N.º 14

Freguesia de Cedofeita — Sexo feminino

R. Mártires da Liberdade n.º 300

Prédio de aluguer, orientado ao poente. No 2.º andar, para a frente, fica a sala da 2.ª, 3.ª e 4.ª cl., cujas dimensões são: Comp. 9^m,50; larg. 5^m,50; e alt. 3^m,30; sup. 52^{m²}; e cub. 172^{m³}. Tem três janelas ao poente, com bandeiras móveis e providas de transparentes. Paredes forradas a papel bastante escuro. Teto com ornatos, formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira. Porta de entrada em frente às janelas, resguardando as correntes de ar um reposteiro, visto a porta estar sempre aberta.

Iluminação lateral esquerda deficiente, não só pelo comprimento da sala, como pela altura dos prédios fronteiros, e pela côr do papel que forra as paredes.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos de dois lugares — antigo sistema francês. Na ocasião da nossa visita as crianças sentavam-se indistintamente em cadeiras e bancos, porque parte da mobília tinha ido para envernizar. No entanto esse mobiliário fornece quarenta lugares para 50 alunas.

No 3.º andar também para a frente fica a sala da 1.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 5^m,85; larg. 5^m,60; e alt. 3^m,30; sup. 33^{m²}; e cub. 109^{m³}.

Tinha três janelas, voltadas ao poente com a porta da entrada fronteira. Paredes forradas a papel. Tetos com ornatos e for-

mando ângulos com as paredes. Pavimento coberto com um oleado já bastante usado.

Iluminação lateral esquerda, não tam deficiente como a da sala anterior, embora seja também. Vinte carteiras-bancos de dois logares são destinados a 45 alunas.

A escola tem um quintal pequeno, bastante arborizado e em parte calçetado, sendo a vegetação muito diminuta. Para virem para êste recreio, as crianças teem de descer muitas escadas, o que traz sempre inconvenientes.

Quando chove brincam numa loja ao rés-do-chão, para o lado das traseiras.

Água da Companhia. Copo comum, não muito generalizado, porquanto grande número de alunas usam copos privativos.

Há duas latrinas modernas, de bacia cônica de porcelana, com sifão e autoclismo, uma em cada varanda, correspondentes aos andares, onde estão as salas de aula; no 3.º andar há um lavatório sem toalha.

OBSERVAÇÃO N.º 15

Freguesia de Cedofeita — Sexo masculino

R. da Carvalhosa n.º 247

Num edificio construido em 1885 expressamente e isolado de outras habitações fica instalada esta escola assim como a do sexo feminino, que fará parte da observação seguinte.

A entrada para a escola do sexo masculino é pela rua da Carvalhosa, através dum pequenino pátio, algo imundo, e situado ao lado sul do edificio. No 2.º pavimento vamos encontrar a sala da 1.ª cl. (terceira turma) e a da 4.ª cl. Esta com as seguintes dimensões: Comp. 8m; larg. 7m; e alt. 5m; sup. 50m²; e cub. 280m³, tem duas janelas ao poente, com vidros foscos e bandeiras móveis. Porta, com bandeira móvel. em frente às janelas. Paredes caiadas, com uma faixa de azulejo branco, que vai até $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto com frisos, e formando ângulos com as paredes. O pavimento de madeira, pintado há oito anos, não tem vestígios de tinta.

Iluminação lateral esquerda.

Vinte e nove carteiras-bancos de dois logares — modelo A' de Matos constituem o mobiliário para sessenta alunos.

A sala da 1.ª cl. (terceira turma) com as seguintes dimen-

sões: Comp. 9m; larg. 7m1; e alt. 5m; sup. 64m²; e cub. 320m³, tem duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas ao nascente. Porta, com bandeira móvel, em frente às janelas. Paredes, teto e pavimento idênticos aos da sala anterior.

Iluminação lateral esquerda.

O mobiliário é constituído por umas carteiras-bancos, todas de madeira, para três alunos cada uma, e com as mesmas dimensões. O número de lugares, fornecidos por essas carteiras, é de sessenta e dois, freqüentando a sala setenta e seis alunos.

No pavimento inferior a este vamos encontrar as restantes salas desta escola.

A sala da 1.^a cl. (segunda turma) com as seguintes dimensões: Comp. 7m; larg. 5m,5; e alt. 5m; sup. 38m²; e cub. 190m³, tinha uma janela, com vidros foscos e bandeira móvel, voltada para o nascente. Porta fronteira, com bandeira móvel. Paredes caiadas, mas imundas. Teto com frisos ornamentais e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, deficiente; iluminação artificial por meio de três bicos de incandescência.

Mobiliário idêntico ao da sala anterior, para três e dois alunos; dêste último sistema havia só uma fila. O número de lugares, fornecidos pela mobília, era de quarenta e quatro, sendo a aula freqüentada por sessenta e oito alunos, donde algumas carteiras de três lugares com quatro crianças.

A sala da 1.^a cl. (primeira turma) com as seguintes dimensões: Comp. 7m,8; larg. 7m; e alt. 5m; sup. 55m²; e cub. 275m³, tinha duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas para o nascente. Porta fronteira com bandeira móvel. Paredes caiadas, mas imundas. Teto com ornatos e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos de dois lugares, de modelo idêntico ao da sala anterior, fornecia setenta lugares para oitenta e oito alunos, que freqüentavam a aula.

A sala da 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7m,5; larg. 6m,8; e alt. 5m; sup. 51m²; e cub. 255m³, tinha uma janela, com vidros foscos e bandeira móvel, a poente, além duma outra janela com a mesma orientação e disposição, mas de que se aproveitara apenas metade, por causa dum tabique divisor que tinha transformado um salão nesta sala e noutra a que a seguir nos referiremos. Porta, com bandeira móvel, em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto liso, não formando ângulos com elas. Pavimento de madeira pintada em tempo.

Iluminação lateral esquerda, excepto três carteiras, que, ao lado esquerdo da mesa do professor, recebiam pouca luz, pela direita dos alunos, assim como outra carteira recebia luz pela rectaguarda.

O mobiliário era constituído por vinte e seis carteiras-bancos — modelo A. de Matos, fornecendo um total de cinquenta e dois lugares para setenta e três alunos.

A sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: comp. 7^m,5; larg. 6^m,8; e alt. 5^m; sup. 51^m²; e cub. 255^m³, tinha as duas janelas na mesma orientação e disposição, que as da sala antecedente. Paredes caiadas. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado em tempo.

Iluminação lateral esquerda, excepto uma carteira, que recebe luz pela direita dos alunos. Vinte e quatro carteiras-bancos de dois lugares eram destinadas a sessenta e cinco alunos

Nesta sala, assim como em todas as outras desta escola, havia a um canto um lavatório, cuja bacia de porcelana estava fixa à parede, com água da Companhia canalizada, tendo todos o competente copo comum. Estes lavatórios, na forma do costume, não tinham toalha.

Existe uma sala com cabides indistintos e que os alunos raras vezes utilizam; até à altura dos cabides as paredes são revestidas de azulejo; daí para cima são caiadas ou antes foram caiadas *in illo tempore*; o teto desta sala está esburacado nalguns pontos, e a humidade ameaça deitá-lo abaixo. Esta sala poderia servir de recreio coberto para as crianças, se não estivesse cheia de mobiliário velho e doutros empecilhos.

Além dos lavatórios que vimos nas salas de aula, há seis lavatórios num recinto, cujas paredes são revestidas de azulejos, munidos das competentes torneiras, sem toalhas e que o professor utiliza quando as crianças veem mais imundas.

Num pavilhão, colocado fora do edifício e em continuidade com o quintal, estão instaladas sete latrinas de sifão, com água canalizada; duas delas não teem portas, apesar de todas estarem isoladas umas das outras. Neste mesmo pavilhão há oito mictórios, à altura suficiente dos alunos, com afluxo de água, que não funciona. O pavilhão tem o solo cimentado, as paredes cobertas de azulejo e é bem ventilado.

O recreio destinado às crianças é um pequeno quintal, quasi todo ocupado com grandes canteiros, onde crescem viçosas couves; naquele espaço é impossível recrear-se a população infantil duma só sala, quanto mais da escola toda.

Esta escola tem corredores largos com as paredes caia-

das, porém, onde as crianças chegam com as mãos estão imundos.

O local, onde ela está situada, é muito húmido, e tem como vizinhanças más algumas *ilhas*, a fábrica de tubos de chumbo e a igreja de Cedofeita.

OBSERVAÇÃO N.º 16

Freguesia de Cedofeita — Sexo feminino

Largo do Priorado n.º 16

Instalada no mesmo edifício que o sexo masculino, tem a sua entrada pelo largo do Priorado. Uma escadaria de pedra, com azulejos brancos nas paredes, conduz-nos até a um largo corredor de paredes caiadas, onde uma faixa em aguada azul se eleva até $\frac{1}{3}$ da sua altura.

No primeiro pavimento encontrámos as salas da 1.^a cl. e da 4.^a cl. Esta com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,81; larg. 5^m,74; e alt. 4^m,59; sup. 44^m²,27; e cub. 203^m³,209, tinha uma janela, com vidros foscos e bandeira móvel, virada ao poente, enquanto que ao norte tinha, com a mesma disposição, duas. Porta em frente à janela poente. Paredes caiadas, e num terço da sua altura uma faixa pintada, fingindo carvalho do norte. Teto liso e não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira, pintada em tempos.

Iluminação pela esquerda (poente), e pela frente das alunas (norte).

Desoito carteiras-bancos de dois lugares—modelo A. de Matos destinam-se às 21 alunas.

A sala de 1.^a cl. (segunda turma) com as seguintes dimensões; Comp. 8^m,07; larg. 7^m,62; e alt. 4^m,59; sup. 61^m²,49; e cub. 281^m³,024, tem duas janelas, com vidros foscos e bandeira móvel, ao poente. Três portas: duas em frente às janelas e uma atrás das alunas, mas que se não utiliza. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda.

A um canto da sala há um lavatório de porcelana, fixo à parede, com água da Companhia e sem toalha. Cópo comum.

A sala de 1.^a cl. (primeira turma) com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,23; larg. 6^m,70; e alt. 4^m,59; sup. 55^m²,14; e cub. 253^m³,097, tinha duas janelas, com vidros foscos e bandeiras mó-

veis, voltadas para o nascente. Porta em frente, com bandeira móvel, além doutras duas. Paredes caiadas. Teto com frisos, e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos de três lugares, todas de madeira e dos mesmos tamanhos, prefaz um total de cinquenta e nove lugares para 75 alunas.

A um canto da sala há um lavatório, sem toalha; no sítio do lavatório a parede tem um revestimento de azulejo.

A sala da 1.^a cl. (terceira turma) com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,95; larg. 5^m,35; e alt. 4^m,59; sup. 37^{m²},18; e cub. 170^{m³},067, tem uma janela, com vidros foscos e bandeira móvel, voltada a nascente. Duas portas: uma em frente à janela (porta de entrada), e outra por detrás da mesa da professora, mas que não é utilizada. Ambas as portas teem bandeira. Convém no entanto dizer, que, apesar de muitas destas portas das salas de aula terem bandeiras móveis, estas não funcionavam por falta de... cordão. Paredes caiadas. Teto liso não formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos de dois lugares — modelo A. de Matos, e por duas carteiras-bancos de quatro lugares das mesmas dimensões. Ao lado esquerdo da mesa da professora há uma mesa comprida e larga, que estava no refeitório, e que em vista da acumulação de alunos veio para esta sala; recebe pouca luz, e essa mesma ainda vem pela direita das alunas. A mobília fornece trinta e seis lugares, porém a frequência é de sessenta e cinco alunas. Esta sala tem lavatório com torneira e sem toalha.

No segundo pavimento ficam as salas da 3.^a e da 2.^a cl. Esta cujas dimensões são: Comp. 8^m,84; larg. 7^m,68; e alt. 4^m,69; sup. 68^{m²},89; 317^{m³},964, tinha duas janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas ao poente, e outras duas com as mesmas disposições, porém voltadas ao norte. Porta, com bandeira sem cordão, fronteira às janelas do poente. Paredes caiadas. Teto liso e não formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação pelo lado esquerdo e pela frente.

Vinte e cinco carteiras-bancos, iguais, de dois lugares, destinavam-se a quarenta e nove alunas. Lavatório sem toalha, com o revestimento da parede, em volta, de azulejo.

A sala da 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,39; larg. 6^m,75; e alt. 4^m,73; sup. 56^{m²},63; e cub. 267^{m³},871, tinha duas

janelas, com vidros foscas e bandeiras móveis, voltadas ao nascente. Porta fronteira com bandeira móvel. Paredes caiadas e com uma faixa de $\frac{1}{3}$ da sua altura em aguada azul, mas que deixa ver o branco da cal. Teto com frisos e formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado em tempos.

Illuminação lateral esquerda.

O mobiliário é variado, predominando em número o antigo modelo francês. Frequentavam esta sala 39 alunas, que tinham à sua disposição quarenta e seis logares. Lavatório sem toalha.

Esta escola tem uma sala, que acumula as funções de recreio coberto, refeitório e vestiário; é uma sala escura, mal ventilada, com alguns cabides indistintos, e onde há três lavatórios sem toalha.

O quintal tem as mesmas dimensões que o do sexo masculino, mas as crianças não o utilizam para recreio.

Há cinco latrinas, uma das quais privativa das professoras; todas de sistema antigo, sem sifão, e com água canalizada, estão situadas no interior do edifício. O pavimento é lageado, mas pelas juntas das pedras saem dejectos, que por vezes é preciso mandar polvilhar com cloreto de cal, afim de evitar o mau cheiro; são mal ventiladas, com os tetos a cair, chovendo-lhe dentro.

OBSERVAÇÃO N.º 17

Freguesia de Massarelos — Sexo feminino

R. da Piedade n.º 61

Prédio de aluguer, com a fachada ao sul, em frente à fábrica de tecidos dos Marinheiros.

No 1.º andar, para a frente, funcionavam as duas salas de aula, uma para a 1.ª cl. e outra para a 2.ª, 3.ª e 4.ª cl. Esta última, com as seguintes dimensões: Comp. 7m,4; larg. 5m; e alt. 3m,16; sup. 37m², e cub. 117m³, tinha duas janelas voltadas ao sul, com a metade superior de cada uma disposta de maneira a conservá-la a qualquer altura, permitindo fazer-se a ventilação da sala. Estas janelas tinham transparentes brancos. Porta de entrada em frente às janelas. Paredes forradas a papel. Tetos com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Illuminação lateral esquerda, excepto para duas carteiras, cujas alunas recebem luz pela sua direita, umas, e outras pela

frente; a iluminação é muito deficiente, não só pelo comprimento da sala, como pela altura do prédio fronteiro.

Quinze carteiras-bancos de dois logares — modelo A. de Matos eram destinadas a 34 alunas.

Neste mesmo andar e contígua ficava a sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,4; larg. 5^m,3; e alt. 3^m,16; sup. 39^m², e cub. 123^m³, e que tinha duas janelas, com o mesmo dispositivo para ventilação que as da sala anterior, e também com transparentes brancos. Paredes forradas a papel escuro. Teto, com ornatos e pinturas, fazendo ângulos com aquelas Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda muito deficiente.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos de dois logares — modelos A. de Matos e francês antigo, dava um total de quarenta e seis logares para setenta alunas.

Para as traseiras há uma sala que serve de recreio, refeitório e vestiário, pois tem alguns cabides indistintos. Numa sala pequena, contígua a esta, há um modesto lavatório de ferro, mas sem toalha.

Água da Companhia. Copo comum pelo qual as crianças bebem, vindo buscar a água a uma bilha, onde foi previamente lançada pela servente.

A latrina é das de antigo sistema, sem sifão, e com obturação e esvaziamento manual da bacia, sem água canalizada; junto da latrina há um lavatório, também sem toalha.

Para recreio ao ar livre utilizam as alunas um vasto quintal com frondosas árvores; é talvez o maior das escolas que visitámos.

OBSERVAÇÃO N.º 18

Freguesia de Massarelos — Sexo masculino e feminino

Campo do Rou n.º 25-B

Prédio de aluguer. Estavam os dois sexos nêle instalados; o masculino no 1.º andar e o feminino no segundo. Aquele ocupava duas salas: uma para a 1.^a cl. e outra para as três restantes.

Esta última, com as seguintes dimensões: Comp. 5^m,60; larg. 5^m,20; e alt. 2^m,85; sup. 29^m²,12; e cub. 84^m³,992, tinha duas janelas voltadas para sudoeste, com um dos vidros superiores substituído por um ventilador de zinco, em forma de hélice. Porta

em frente à janela. Paredes caiadas há já muito tempo. Teto com frisos, e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, excepto para duas carteiras, que recebiam luz pela frente.

Carteiras-bancos de três logares, todas do mesmo tamanho, e algumas de dois logares—modêlo A. de Matos constituíam o mobiliário da sala, cuja totalidade de logares ia até quarenta, sendo sómente trinta e oito os alunos.

A sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,17; larg. 4^m,01; e alt. 2^m,85; sup. 28^{m²},75; e cub. 81^{m³},942, tinha duas janelas ao poente. Porta de entrada não fronteira às janelas, mas sim uma outra porta, que dá para a latrina. Paredes caiadas, mas sujas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira, sujo.

Iluminação lateral esquerda, excepto para os alunos da extremidade nascente da sala, que recebem luz de frente.

O mobiliário consiste numas compridas carteiras-bancos, de madeira, para quatro logares cada uma. Conseguem desta forma sentar-se 61 alunos em trinta e dois logares, que são os marcados pela mobília.

Há uma latrina sem sifão, de sistema antigo, muita imunda, apesar de ter água canalizada, e espalhando cheiro por toda a sala da 1.^a cl., que lhe fica contígua.

Os alunos brincam nas salas de aula, e numa cosinha abandonada, que a casa possui.

Água da Companhia. Copo comum. Há um filtro Chamberland, de que as crianças certamente se não utilizam, porque um só é impossível satisfazer as exigências da escola, visto êle servir para os dois sexos.

No 2.^o andar fica a sala, onde funcionam as quatro classes do sexo feminino, que com as seguintes dimensões: Comp 5^m,4; larg. 6^m,25; e alt 3^m,50; sup. 33^{m²},75; e cub. 118^{m³}, tinha duas janelas, com bandeira móvel, viradas a sudoeste, e com cortinas brancas. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação pela rectaguarda das alunas, excepto uma carteira, que recebe luz pela frente, e outra pelo lado direito.

Vinte e seis carteiras-bancos, de madeira, todas iguais, e para duas alunas cada uma, constituíam a mobília desta sala, dando uma totalidade de cincoenta e dois logares para 78 alunas, do que resultava estarem as carteiras com três crianças.

Para as traseiras há uma sala razoavelmente ventilada e iluminada, onde as crianças brincam e fazem a sua refeição do meio-dia. A água filtrada, de que falámos quando tratamos do sexo masculino, é deitada numa vazilha de folha, donde as crianças a tiram com um cópo comum.

Há um lavatório de ferro, servindo de toalha um farrapo de riscado.

OBSERVAÇÃO N.º 19

Freguesia de Massarelos — Sexo masculino

R. do Triunfo n.º 226

Prédio de aluguer com quatro salas de aula. A sala da 3.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,30; larg. 5^m,40; e alt. 4^m,20; sup. 44^{m²},80; e cub. 184^{m³},200, tinha três janelas, com bandeiras móveis, viradas a sudoeste. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas; teto com ornatos e pinturas formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado em parte.

Iluminação lateral esquerda.

Doze carteiras-bancos de dois logares para 20 alunos.

A sala da 1.^a cl. para as traseiras, com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,20; larg. 4^m,85; e alt. 4^m,20; sup. 44^{m²},60; e cub. 187^{m³},400, tinha três janelas, com bandeiras móveis, voltadas para nordeste. Porta de entrada em frente. Paredes caiadas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira pintada em tempos.

Esta sala é dividida transversalmente por um arco, ficando duas janelas para cá do arco, e uma para lá.

Iluminação lateral esquerda.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos de dois e três logares, por dois bancos sem escrivaninha e com encôsto, e ainda por outros dois, mas sem encôsto, colocados ao lado da mesa do professor.

A frequência era de 113 alunos, que dispunham de quarenta e um logares.

A sala da 4.^a cl., no 2.^o andar, com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,30; larg. 5^m,35; e alt. 3^m,70; sup. 44^{m²},40; e cub. 164^{m³},200, tinha três janelas voltadas a sudoeste com dispositivo para ventilação (Obs. n.º 17). Porta em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira pintada em parte.

Iluminação lateral esquerda. Dose carteiras-bancos de dois logares — modelo Lenoir destinavam-se a 15 alunos.

Para as traseiras, neste mesmo andar, fica a sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,50; larg. 4^m,90; e alt. 3^m,70; sup. 31^m²,80; e cub 117^m³,800 e que tem duas janelas, com bandeira móvel, a nordeste. Porta de entrada em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira pintado em parte.

Iluminação lateral esquerda.

Carteiras-bancos, de dois e três logares cada um, dão um total de quinze logares para 21 alunos.

O recreio desta escola é um terreiro sem árvores; a pouca sombra, que durante o dia lá existe, é a que resulta da projecção do edifício, que é bastante alto. Quando chove brincam numa loja, ao rés-do-chão, bastante húmida e suja, com má ventilação e iluminação.

As latrinas são nas varandas das traseiras, nos andares onde há salas de aula; sistema antigo, sem sifão e com obturação e esvasiamento da bacia manuais.

Na varanda do 1.^o andar há um lavatório, e outro no recreio ao ar livre, porém ambos sem toalha.

Água da Companhia. Como ainda se andasse fazendo a canalização para as diversas dependências da escola, falei ao professor na fonte de jacto ascendente. Ignoro se ela cederia o seu lugar ao copo comum.

Há no recreio ao ar livre mictórios, onde as lâminas de louça, que se costumam usar neste sistema, foram substituídas por madeira!

Convém dizer, entretanto, que êstes mictórios já ali existiam quando a escola se instalou, e pertenceram ao Recreatório do Carmo.

OBSERVAÇÃO N.º 20

Freguesia de Massarelos — Sexo feminino

R. do Triunfo n.º 214

Prédio de aluguer, com uma só sala de aula, onde funcionam as quatro classes. Essa sala com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,8; larg. 5^m,5; e alt. 3^m,2; sup. 38^m²,34; e cub. 125^m³,240; tinha três janelas viradas a sudoeste, com transparentes amarelados e às riscas. Paredes pintadas de branco, com uma faixa côr de

rosa pálido, ocupando metade da sua altura. Teto com frisos e formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado em tempos. Porta em frente às janelas.

Iluminação lateral esquerda, excepto para uma carteira, que recebia luz pela frente.

Vinte carteiras-bancos, de dois logares—antigo modelo francês, eram destinadas a 61 alunas, de forma que muitas carteiras tinham três alunas e outras sentavam-se no estrado da professora.

Para as traseiras há uma esplêndida sala, que serve de recreio, enquanto não é transformada em sala de aula como está há muito determinado.

Há uma latrina na varanda—sistema moderno—bacia cónica de porcelana, com sifão e cujo afluxo de água é regulado por uma torneira; a latrina não apresentava a corôa de madeira, que costuma ter esse sistema, porque havia muito tempo lhe tinha caído e ainda não a tinham mandado concertar.

Na latrina há um lavatório com toalha.

Água da Companhia e de poço, bebendo as crianças daquela pelo copo comum; a água não é colhida directamente da torneira; a aluna tira-a duma talha, coberta com uma táboa, que é precisamente cheia pela servente.

No patamar do 1.º andar, a toda a sua largura, há uma fila de cabides indistintos, servindo para as crianças pousarem os guarda-chuvas e o calçado nos dias de inverno um pequeno quarto entre as escadas e a sala da aula.

OBSERVAÇÃO N.º 21

Freguesia de Paranhos — Sexo feminino

R. Costa Cabral n.º 307

Prédio de aluguer, orientado ao sul, com duas salas de aula. No 1.º andar a sala das 3.ª e 4.ª cl. com 23m² de sup. e 34m³ de cub. tinha três janelas voltadas ao sul. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

Doze carteiras-bancos, de dois logares—antigo modelo francês, eram destinadas exactamente a 24 alunas. Para as traseiras, neste mesmo pavimento, fica a sala da 1.ª e 2.ª cl. com a sup. de 80m² e a cub. de 116m³ e que tinha duas janelas voltadas ao

norte. Porta em frente. Paredes, teto e pavimento iguais ao da aula antecedente.

Iluminação lateral esquerda muito deficiente.

Vinte carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, destinavam-se a setenta e duas alunas.

Na varanda das traseiras dêste pavimento ficava a latrina; sistema moderno — bacia cônica de porcelana, com sifão e cujo afluxo de água era regulado por torneira. A latrina tem o pavimento de madeira, e a parede por detrás da bacia está revestida de azulejos. No recinto destinado á latrina há um lavatório de ferro, sem toalha.

A escola tem um pequeno quintal com duas árvores, mas que as crianças nunca utilizam porque brincam nas salas de aula.

Água da Companhia. Copo comum. No rés-do-chão há um pequeno quarto com cabides indistintos.

OBSERVAÇÃO N.º 22

Freguesia de Paranhos — Sexo masculino

R. Costa Cabral n.º 627

Prédio de aluguer com três salas de aula, e cuja fachada olha para o sul.

No 1.º andar, para a frente, ficava a sala da 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,8; larg. 6^m,8; e alt. 3^m,5; sup. 46^m²,24; e cub. 161^m³,840; e que tinha três janelas voltadas ao sul, e com transparentes amarelados. Porta em frente das janelas. Paredes caiadas. Teto com muitos ornatos e formando ângulos com aquelas.

Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

Quatorze carteiras-bancos, de dois logares — modelo A. de Matos, destinavam-se a 30 alunos.

Neste mesmo andar, para as traseiras, ficava a sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m; larg. 6^m,5; e alt. 3^m,5; sup. 45^m²,50; e cub. 159^m³,250 e que tinha duas janelas viradas ao norte, e a porta em frente. Paredes caiadas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Um tapamento divide a sala, havendo comunicação entre as duas divisões por um arco e uma porta.

Iluminação lateral esquerda deficiente, excepto para uma

carteira colocada à esquerda da mesa do professor, que recebia luz pela direita e em menos quantidade que as outras.

O mobiliário, formado de carteiras-bancos de dois logares — modelos A. de Matos e Lenoir, fornecia trinta e oito logares para cento e dezassete alunos, que estavam nesta sala, sentados aos grupos de três na mesma carteira, sentados no chão, e sentados no estrado do professor.

Quando entrámos nesta sala a atmosfera era irrespirável, e quando nos aproximávamos da porta para entrarmos, tivemos a impressão de que não estivesse lá o professor, pelo ruído que os alunos faziam, isto em vista do seu elevado número.

No 2.º andar, para as traseiras, fica a sala da 3.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m; larg. 6^m,5; e alt. 3^m,5; sup. 45^m²,50; e cub. 159^m³,250 e que tinha duas janelas viradas ao norte, com a porta em frente. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda.

Carteiras-bancos, de dois logares, algumas do modelo A. de Matos, forneciam trinta e quatro logares para 43 alunos

Há duas latrinas de sistema antigo, sem sifão, e cujas bacias se obturam e esvasiam manualmente; uma em cada andar, nas varandas das traseiras. Em cada latrina há um mictório, com água canalizada.

Água da Companhia. Copo comum.

Apesar de haver um pequeno pátio e um quintal bem cuidado, os poucos alunos, que ficam na escola nas horas de recreio, limitam-se a brincar nas salas de aula, muito principalmente, porque para irem para aqueles recintos é necessário atravessar a sala de jantar do professor.

OBSERVAÇÃO N.º 23

Freguesia de Paranhos — Sexo masculino

R. Álvaro Castelões

Num edificio, construido expressamente de 1887 a 1889, estão instaladas as escolas dos dois sexos e as repartições da Junta de Paróquia, do Juiz de Paz, da regedoria e do Registo civil. Com a fachada principal ao nascente encontra-se completamente isolado de outros edificios.

Na escola do sexo masculino encontrámos duas salas: uma,

que não funcionava por falta de professor e de mobília, e outra, onde se reuniam as quatro classes. Esta com as seguintes dimensões: Comp. 10^m,33; larg. 6^m,90; e alt. 4^m,10; sup. 71^{m²},72; e cub. 292^{m³},235, tinha duas janelas e uma porta envidraçada, esta com bandeira móvel, voltadas ao sul, e três janelas voltadas ao norte, tendo a janela do meio bandeira móvel. Portas não em frente às janelas. Paredes caiadas, tendo um revestimento de azulejo branco, que ocupa $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada.

Iluminação bilateral.

Carteiras-bancos, de três logares, todas de madeira e do mesmo tamanho forneciam setenta e dois logares para 110 alunos.

A um canto da sala estava o lavatório, sem toalha, alimentado com água do poço, tendo ao lado o respectivo copo comum.

Ao lado da escola há um pátio e um quintal arborizado e com vegetação abundante e cuidada, o que não permite que as crianças possam utilizá-lo, limitando-se a brincar na sala da aula. Possui também a escola uma sala destinada a refeitório e que tem três lavatórios, com água canalizada, mas na qual o professor instalou um museu.

Num pavilhão, construído no quintal, estão instaladas as latrinas e os mictórios; estes em número de três, feitos de lousa, apesar de terem água, desenvolviam mau cheiro, assim como as latrinas de velho sistema de bacia sem sifão, obturando-se e esvasiando-se manualmente, e cujos dejectos vão para uma fossa, que nunca se despeja.

Água do poço, como atrás dissemos e copo comum.

Na sala de aula por cima da faixa de azulejo há cabides indistintos.

OBSERVAÇÃO N.º 24

Freguesia de Paranhos — Sexo feminino

R. Alvaro Castelões

No mesmo edifício que a escola da obs. anterior, mas para o lado norte, fica esta escola, com duas salas de aula.

A da 3.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 10^m,33; larg. 6^m,90; e alt. 4^m,10; sup. 71^{m²},72; e cub. 292^{m³},235, tinha três janelas ao sul—a do centro com bandeira móvel, e duas janelas também com bandeira móvel e uma porta envidraçada, voltadas ao norte. Portas não em frente às janelas. Paredes caia-

das, tendo um revestimento de azulejo branco num terço da sua altura. Tetos lisos não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintado.

Iluminação bilateral.

Carteiras para quatro logares, e respectivos bancos separados, também para quatro logares, tudo de madeira e com as mesmas dimensões, forneciam quarenta e oito logares para 35 alunas.

Contígua a esta sala ficava a da 1.^a e 2.^a cl. com as mesmas dimensões que a antecedente, e com três janelas voltadas ao nascente, tendo a do centro bandeira móvel; uma porta envidraçada e duas janelas com bandeira móvel, ao norte. Porta em frente às janelas do nascente. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação pela esquerda e pela rectaguarda das alunas.

O mobiliário é constituído por vinte e quatro carteiras-bancos de dois logares—antigo modelo francês, que se destinam a 90 alunas.

Num pavilhão, construído no quintal, ficam três latrinas, sendo uma exclusiva das professoras. São do velho sistema de bacia sem efeito sem sifão, obturando-se aquela e esvasiando-se manualmente; apesar de terem água encanada, o seu estado de limpeza deixa muito a desejar.

Cada sala de aula tem o seu lavatório, a um canto, sem toalha e acompanhado de copo comum, mas além disso na sala do refeitório, que tem um móvel com muitas gavetas, destinadas às alunas guardarem os *lunchs*, e onde há também alguns cabides indistintos, encontrámos três lavatórios, sem as respectivas toalhas.

Água de poço. Esta escola tem um quintal e um pátio arborizado, onde as crianças brincam.

OBSERVAÇÃO N.º 25

Freguesia da Foz — Sexo feminino

R. Fonte da Luz n.º 145

Prédio de aluguer com duas salas de aula, uma para a 1.^a e 2.^a cl. e outra para a 3.^a e 4.^a

Esta, com a sup. de 26m², e a cub. de 91m³, tem três janelas voltadas ao sul, com transparentes brancos e uma delas munida de bandeira móvel. Porta em frente às janelas. Paredes forradas a papel escuro, que nalguns pontos a humidade vem despegando.

Tetos com ornatos e fazendo ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, excepto para duas carteiras, que, colocadas à esquerda da mesa da professora, recebem luz pela direita e em pouca quantidade.

Desanove carteiras bancos, de dois e três logares — antigo modelo francês, eram destinadas a 48 alunas.

A sala da 1.^a e 2.^a cl. neste mesmo andar para as traseiras, com a sup. de 24^m²,50 e a cub. de 80^m³, tinha duas janelas voltadas ao sul, sobre uma varanda envidraçada, uma das quais com bandeira móvel. Porta em frente às janelas. Paredes forradas a papel, já roto nalguns pontos. Teto com ornatos e formando ângulos com as paredes.

Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral direita, excepto para uma carteira, colocada ao lado da mesa da professora, e que recebe luz pela esquerda, em pequena quantidade.

O mobiliário, além dum comprido banco sem encosto, destinado às crianças que não escrevem, compunha-se de carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, que davam uma totalidade de trinta logares para 98 alunas.

Água da Companhia. Copo comum, inclusive para a professora-ajudante. A água é fornecida em canecos.

Há duas latrinas sem sifão; velho sistema de bacia, obturando-se e esvasiando-se manualmente. A fossa é no quintal, tendo ocasiões em que exala um cheiro insuportável. Como rudimento de vestiário alguns cabides indistintos no patamar.

Há um pequeno quintal e um pátio, brincando as crianças só neste último.

OBSERVAÇÃO N.º 26

Freguesia da Foz — Sexo masculino

R. do Paraíso

Num imundo prédio de aluguer, onde se instala também a Junta de Paróquia, fomos encontrar esta escola.

A sala da 1.^a cl. (primeira turma), com a sup. de 31^m² e a cub. de 80^m³, tem duas janelas voltadas ao sul e uma ao nascente. Porta em frente às janelas do sul. Paredes forradas a papel, de côr cinzenta. Pavimento de madeira bastante carunchoso.

Iluminação pela esquerda e pela rectaguarda dos alunos, excepto uma carteira, que recebe luz pela direita e pela frente.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos de três logares e de dois—estas últimas do modelo A. de Matos, fornecia um total de trinta e três logares para 70 alunos, tendo por êsse facto, algumas carteiras duplas, três alunos.

No 2.^o andar estava a sala da 2.^a cl. com uma sup. de 31m² e uma cub. de 92m³; tinha duas janelas voltadas ao sul e uma ao nascente. Paredes caiadas, com uma faixa de pintura acastanhada, que ocupa metade da sua altura. Teto liso, formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira húmido, por ter sido pregado em cima do soalho velho, que está apodrecendo.

Iluminação lateral esquerda, e pela rectaguarda dos alunos.

Quinze carteiras-bancos, de dois logares, destinavam-se a 27 alunos.

Nos meses de inverno esta sala tem um cheiro insuportável.

Para as traseiras fica a sala da 3.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7m; larg. 5m; e alt. 3m,25; sup. 42m²; e cub. 101m³, tendo duas janelas ao nascente e uma voltada para o poente; esta última está reduzida a metade, porque o caixilho da parte superior apodreceu há bastante tempo e ainda não foi mandado colocar. Do lado do norte há outra janela, que fica em frente à porta de entrada. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala anterior.

Iluminação bilateral e pela rectaguarda dos alunos, havendo duas carteiras, que recebem luz pela frente

Vinte e sete carteiras-bancos, de dois logares — modelo Le-noir, eram destinadas a 52 alunos.

A parede do poente desta sala ameaçava ruína, mas nada se tinha providenciado, apesar de há tempos ter sido vistoriada a casa, sendo, aliás, até dada como própria e em condições de ser habitada.

Em comunicação directa com esta sala fica a latrina dos professores, que estava num estado lastimoso, sob o ponto de vista higiénico.

No 3.^o andar ficava a sala da 1.^a cl. (segunda turma) com uma sup. de 31m² e uma cub. de 80m³, tendo duas janelas voltadas ao sul, uma ao nascente e outra ao poente. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação pela direita, pela esquerda, e pela frente dos alunos.

O mobiliário era constituído por quinze carteiras-bancos de madeira e destinava-se a 36 alunos.

Falamos já da latrina dos professores. Os alunos servem-se duma que há no rés-do-chão do edifício, exalando mau cheiro e

sem água, e cujos dejectos vão para uma fossa, mal tapada com uma chapa de ferro, toda cheia de buracos; a caminho da fossa vai descoberta a canalização em grès, cujos tubos apresentam orifícios de 2^{cm} e 3^{cm} de diâmetro.

Nos patamares das escadas há cabides indistintos, mas que estavam vãos na ocasião da nossa visita, apesar das aulas estarem funcionando.

Um grande recinto arborizado, e para onde as crianças vão nas horas de recreio, é único requisito que torna a casa recomendável.

Água da Companhia em cântaros. Copo comum.

OBSERVAÇÃO N.º 27

Freguesia de Lordelo — Sexo masculino

R. das Condominhas

Fronteiro à igreja de Lordelo está este edificio, expressamente construido entre 1874 e 1875, e onde se instalaram as escolas dos dois sexos, a Junta de Paróquia e uma biblioteca popular. Completamente isolado, com a fachada principal para o poente, tem do lado sul a escola do sexo feminino e do lado norte a escola do sexo masculino, edificada a expensas do benemérito Conde de Ferreira.

Nesta última a sala da 2.^a, 3.^a e 4.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,20; larg. 7^m,15; e alt. 4^m,70; sup. 65^m²,78; e cub. 309^m³, tinha três janelas voltadas ao norte — a do centro com bandeira móvel, e outras duas ao sul, também com bandeiras móveis e vidros foscos. Como nestas faltassem alguns vidros as portadas conservavam-se cerradas. Porta não colocada em frente às janelas. Paredes caiadas, havendo uma faixa pintada de cinzento escuro da largura de um metro. Teto liso formando ângulo com as paredes. Pavimento de madeira bastante carunchosa.

Iluminação lateral esquerda, porque os vidros do lado direito estão quebrados; quando se collocarem a iluminação será bilateral. Iluminação artificial por quatro bicos de incandescência.

O mobiliário, constituido por velhas carteiras-bancos, todas de madeira e do mesmo tamanho, tendo quatro logares cada uma, fornecia cincoenta e dois logares, sendo a frequência de 64 alunos.

Contígua a esta sala fica a da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 5^m,60; larg. 4^m,30; e alt. 4^m,70; sup. 28^m²,80; e

cub. $116\text{m}^3,500$. Tem uma janela ao poente e um pequeno postigo envidraçado no teto. Porta não em frente à janela. Paredes caídas, e com uma faixa pintada de cinzento escuro, ocupando $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto com frisos e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação, muito deficiente, pela esquerda, e pela parte superior.

O mobiliário, constituído por velhas carteiras-bancos, de quatro logares, idênticas às da sala antecedente, e por dois bancos sem encosto, dava um total de vinte e quatro logares para uma frequência de 60 alunos.

Comunicando com a sala primeiramente visitada estão as latrinas e os mictórios; estes em número de dois — sistema de bacia encostada à parede — teem água canalizada. Partido no pavimento, onde estão os mictórios, vê-se o lavatório, tendo ao lado um caneco de madeira, destapado, com água da Companhia, que as crianças bebem por um copo comum, também pousado no chão.

Havia duas latrinas de sifão, embora de sistema antigo, mas como a água não tinha grande pressão encontravam-se completamente imundas.

Do lado do norte da escola há um pequeno pátio, à beira da rua, da qual está separado por um gradeamento, e que dá acesso a um quintal. Nem um nem outro são utilizados como recreios, porque as crianças brincam nas salas de aula. Prédio bastante húmido e açoutado pelo vento norte.

OBSERVAÇÃO N.º 28

Freguesia de Lordelo — Sexo feminino

R. das Condominhas

No mesmo edifício da obs. antecedente, porém na ala sul, está instalada a escola do sexo feminino, com duas salas de aula.

A sala da 1.ª cl. com as seguintes dimensões: Comp. $5\text{m},60$; larg. $4\text{m},30$; e alt. $4\text{m},70$; sup. $24\text{m}^2,80$; e cub. $116\text{m}^3,500$, tem duas janelas ao poente, com bandeira móvel, ao centro das quais está uma porta, com duas seteiras tapadas com vidro fôsko. Porta não em frente às janelas. Paredes caídas; uma faixa de azulejo branco ocupa $\frac{1}{3}$ da sua altura. Teto liso com ângulos rombos, e ventiladores. Pavimento novo de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

Dez carteiras-bancos, de dois logares — antigo sistema francês, eram destinadas a 53 alunas. Destas carteiras só três é que estavam em perfeito estado de conservação; as outras partidas, sem escrivaninha, sem tampas as caixas que servem de banco, etc. A mesa da professora também não tinha estrado. A sala da 2.^a, 3.^a e 4.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. 9m,20; larg. 7m,15; alt. 4m,70; sup. 65m²,78; e cub. 309m³, tem três janelas, com vidros foscos e band-iras móveis, voltadas ao sul, e duas ao norte, também com vidros foscos. Algumas bandeiras não funcionam por falta de cordão. Paredes, teto e pavimento idênticos aos da sala antecedente.

Iluminação bilateral.

Desanove carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, destinavam-se a 62 alunas. Muitas dessas carteiras estavam também mais ou menos deterioradas.

As latrinas, reformadas muito recentemente, ficam em contiguidade com esta sala. São três do mesmo tamanho, e isoladas umas das outras. Sistema de bacia cônica de porcelana, com sifão, e cujo afluxo de água é regulado por meio de torneira.

Ao lado das latrinas está um lavatório, também de porcelana, fixo à parede e com duas toalhas sem fim. O pavimento desta dependência é cimentado, e as paredes revestidas de azulejo branco até uma certa altura. Bem iluminada e ventilada.

Água da Companhia. Copo comum.

Pátio e quintal idênticos aos da escola da obs. anterior, limitando-se as alunas a brincarem só no pátio, devido à vegetação abundante do quintal.

OBSERVAÇÃO N.º 29

Freguesia de Campanhã — Sexo feminino

P. das Flores n.º 85

Edifício expressamente construído para esta escola, com a fachada voltada ao poente e metido entre os outros prédios.

A sala da 2.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8m,6; larg. 5m; e alt. 3m; sup. 43m² e cub. 129m³, tem três janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltada ao poente. Porta de entrada não fronteira àquelas. Paredes caiadas. Teto liso e não formando ângulos com as paredes.

Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda.

Dezasete carteiras-bancos, de dois logares—modelo A. de Matos, eram exactamente ocupadas por 34 alunas.

Para as traseiras, neste mesmo pavimento, ficava a sala da 1.^a e 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,5; larg. 5^m; e alt. 3^m; sup. 45^m² e cub. 135^m³ e que tinha três janelas, com bandeiras móveis, voltadas ao nascente. Porta não fronteira a estas. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral esquerda.

Trinta e seis carteiras-bancos, de dois logares—antigo modelo francês, e uma do modelo A. de Matos, o que prefazia o número de setenta e seis logares, eram destinadas a 79 alunas.

No corredor, que vai da porta da rua ao recreio, e onde se veem abrir as portas das salas de aula, havia duas filas de cabides indistintos, na sua maior parte devolutos.

A escola tem um pequeno recinto ajardinado, onde as crianças brincam, havendo em volta um alpendre, formado de colunas de ferro com cobertura de zinco, e que as alunas utilizam, quando chove, ou quando o sol é mais intenso, visto o recreio não ter árvores. Debaixo desse alpendre, no lado norte, há três latrinas, de antigo sistema com água canalizada, mas cuja pressão é insuficiente para arrastar os dejectos; as paredes das latrinas são revestidas de azulejo branco, e o pavimento é de madeira.

Fora das latrinas há um lavatório sem toalha, alimentado por água da Companhia, que é também utilizada para beber. Copo comum.

OBSERVAÇÃO N.º 30

Freguesia de Campanhã—Sexo masculino

P. das Flores n.º 83

Prédio de aluguer com duas fachadas, uma para a P. das Flores (entrada) e outra para a rua de S. Roque da Lameira. No 1.º andar, para a frente, fica a sala da 3.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8^m,3; larg. 5^m,9; e alt. 3^m,6; sup. 48^m²,97; e cub. 176^m³,292, e que tem três janelas viradas ao poente, e duas ao norte. Porta em frente às janelas do poente. Paredes caiadas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda dos alunos.

Dezassete carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir, destinavam-se a 59 alunos, do que resultava estarem algumas carteiras com três crianças, e outras sentadas no estrado do professor.

Neste mesmo andar, para as traseiras, fica a sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,5; larg. 5^m,3; e alt. 3^m,70; sup. 39^m²,75, e cub. 147^m³,075, e que tinha duas janelas ao norte e duas ao nascente. Porta defronte das janelas do norte. Paredes mal caiadas e sujas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda dos alunos.

Dezassete carteiras-bancos, de dois logares, destinavam-se a 52 alunos, que constituíam cada uma das duas turmas, em que se encontrava dividida esta classe.

No rés-do-chão, para a frente, ficava a sala da 2.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,20; larg. 3^m,8; alt. 3^m,4; sup. 27^m²,60; e cub. 93^m³,24, e que tinha duas janelas, com bandeira móvel, voltada ao poente, e outra ao norte, também com bandeira móvel. Porta em frente à janela norte, com bandeira móvel. Os vidros da parte inferior da janela teem papel colado, para os tornar foscos. Paredes caiadas. Teto com ornatos formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda dos alunos.

Dezasseis carteiras-bancos, de dois logares — modelo A. de Matos, destinavam-se a 33 alunos.

Na varanda das traseiras do 1.^o andar há três mictórios de lousa com o pavimento de madeira, e munidos de água. Ao lado estão duas latrinas de sistema antigo, e nas quais é necessário a servente deitar regadores de água para arrastar os dejectos. Não teem ventilação; o pavimento é de madeira e exalam um cheiro insuportável. No rés-do-chão há duas latrinas do mesmo sistema e igualmente imundas.

Ao lado destas latrinas há um comprido caixão de lousa, em forma de mangedoura, que está sempre cheio de água e que serve de lavatório às crianças; não tem toalha.

Água da Companhia. Como não há copo, os alunos bebem pela torneira.

No corredor do 1.^o andar, para o lado das traseiras, há uns cabides indistintos e em pequeno número.

Para recreio utiliza-se um pequeno terraço, saibrento, sem vegetação de espécie alguma; superiormente existe um quintal comprido, onde crescem viçosas couves, cortado apenas por dois estreitos carreiros e que difficilmente será aproveitado como recreio.

Como prolongamento da varanda do 1.º andar há uma cobertura de zinco, cujas exíguas dimensões não lhe permitem ser considerado como um rudimento para recreio coberto.

Nesta escola há canto coral. Ass sti a alguns coros entoados pelos alunos, e apesar do número reduzido de executantes, visto ser meio dia, e alguns dêles terem ido a casa, não pude deixar de manifestar o meu agrado, pelo prazer que as crianças me proporcionaram, ao mesmo tempo que felicitei o professor por um tam bela quam proficua iniciativa.

OBSERVAÇÃO N.º 31

Freguesia de Campanhã—Sexo masculino

R. do Falcão

Edifício próprio, construído pelo legado Conde de Ferreira. Completamente isolado, excepto para o poente, onde há anos se anda a construir a habitação do professor. Fachada principal voltada ao norte.

A sala da 1ª cl., com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,20; larg. 7^m,40; e alt. 3^m,90; sup. 53^{m²},28; e cub. 207^{m³},792, tem duas janelas ao poente, uma ao nascente com transparente de côr amarela, e duas ao norte de dimensões mais reduzidas. Porta em frente às janelas do poente. Paredes caiadas, com uma faixa de azulejo branco, de metro e meio de altura. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira. Dois ventiladores no teto.

Iluminação bilateral, mais intensa porê m do lado direito, e pela frente dos alunos.

Carteiras-bancos, de dois logares—modê los Lenoir e A. de Matos e dois bancos compridos, com o respectivo encôsto, constituí am o mobiliário, que fornecia quarenta logares para 112 alunos.

Nesta sala há um lavatório de ferro e com toalha para uso exclusivo do professor.

A sala da 2ª cl., com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,20; larg. 7^m,40; e alt. 3^m,90; sup. 53^{m²},28; e cub. 207^{m³},792, tinha uma janela e uma porta envidraçada ao nascente, e ao poente uma janela e uma porta. Duas portas ao norte estabelecem a comunicação com a sala anterior, e outras duas ao sul dão entrada para a sala da 3.ª e 4.ª cl. Paredes caiadas. Teto liso não for-

mando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira. Dois ventiladores no teto.

Iluminação bilateral diferencial. Iluminação artificial devida a cinco bicos de incandescência.

Vinte carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir parte, e outra parte todas de madeira e do mesmo tamanho eram destinadas a 48 alunos.

Esta sala tem também um lavatório para uso do professor.

A sala da 3.^a e 4.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,50; larg. 4^m; e alt. 3^m,60; sup. 30^m²; e cub. 108^m³, tinha duas janelas ao sul com transparente, uma porta envidraçada ao sul, e outra ao nascente, com transparente. Duas portas estabelecem a comunicação com a sala anterior. A sala andava em obras, no que dizia respeito às paredes e ao teto. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda dos alunos.

Vinte carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir, eram destinadas a 39 alunos.

Esta escola é cercada dum terreno, sem vegetação e onde as crianças brincam. Há anos que aproveitando-se dêste terreno uma parte, nas traseiras do edificio, se anda construindo a habitação do professor. No rés-do-chão desse prédio, em construção, instalaram-se as latrinas de sistema antigo, sem sifão, sem água e de fossa. Ao lado está um mictório de lousa e exalando tam mau cheiro como as latrinas, ressentindo-se tudo da falta de água e de ventilação. Quando chove as crianças brincam nas salas de aula.

Água de poço; recolhida num caneco os alunos vão-a lá buscar com o copo comum. Antigamente, neste mesmo edificio, estava a Junta de Paróquia, que o professor conseguiu dalí desalojar, fundando-se, com toda a razão, nas exigências do ensino.

OBSERVAÇÃO N.º 32

Freguesia de Campanhã — Sexo feminino

R. do Falcão

Num edificio, construido expressamente em 1885, a expensas do benemérito Cunha Lima, e completamente isolado de outros quaisquer prédios, encontra-se esta escola com uma só sala de aula, onde funcionam todas as classes. Fachada voltada ao sul. A sala, com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,68; larg. 6^m,55; e alt. 3^m,48;

sup. 50m^2 ; e cub. 175m^3 , tinha três janelas a nascente, duas das quais com transparente branco, duas janelas e uma porta envidraçada para o poente, e mais duas janelas e outra porta envidraçada para o sul; estas últimas janelas tinham também transparentes brancos. Paredes caiadas. Teto com muitos ornatos e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação bilateral e pela rectaguarda das alunas, com excepção duma fila de carteiras, que recebe luz pela direita e pela rectaguarda, e de mais três, cuja iluminação se faz pela rectaguarda e pela esquerda.

Trinta e seis carteiras-bancos, de três logares, todas de madeira e do mesmo tamanho, destinavam-se a 121 alunas.

Na sala da aula há um lavatório de ferro, sem toalha, e nas paredes vêem-se oito cabides.

Uma sala de pequenas dimensões, para as traseiras e com alguns cabides, serve para as crianças brincarem, quando chove.

Em volta do edificio há uma tira de terreno, pouco ajardinado e que serve de recreio.

Fora de casa, para o nascente, encontra-se uma latrina de sistema extravagante: uma táboa com três buracos, sem bacia, colocada por cima da fossa eis a latrina da escola; o cheiro que se nota, e a côr azulada provocada pelos gazes sulfúricos, acabam de completar o quadro.

Água de poço. Copo comum.

OBSERVAÇÃO N.º 33

Freguesia de Aldoar — Sexo masculino

R. da Vilarinha n.º 1150

Prédio de aluguer, com a fachada para o poente. A sala da 1.^a e 2.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. $7\text{m},90$; larg. $5\text{m},78$; e alt. $3\text{m},47$; sup. $45\text{m}^2,16$; e cub. $156\text{m}^3,713$, tinha duas janelas, com bandeira móvel, voltadas ao poente e uma janela ao sul. Porta de entrada em frente às janelas do poente. Paredes caiadas. Teto liso e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela frente dos alunos.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos, de cinco e dois logares, havendo também duas unipessoais, e que forneciam cinquenta logares para 64 alunos.

A sala da 3.^a e 4.^a cl., com as seguintes dimensões: Comp. 6^m,50; larg. 5^m,75; e alt. 2^m,90; sup. 37^m²,37; e cub. 108^m³,387, tinha ao sul duas janelas, com transparentes amarelados e com riscas, uma janela, com transparente idêntico, a nascente, e no teto uma pequena clarabóia. Porta em frente à janela nascente. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira novo.

Iluminação lateral esquerda, por cima e de frente, havendo apenas uma carteira que recebe luz pela rectaguarda e pela direita.

Carteiras-bancos, de dois logares e outras unipessoais.

Ao sul da casa da escola e contíguo há um grande recreio, com uma orla de árvores de fruta, que pouca sombra produzem; ao nascente, em toda a sua largura, tem um alpendre coberto a zinco, que desempenha as funções de recreio, quando chove, e quando o sol é mais intenso.

Ao fundo dêste alpendre, encostados à parede, estão cinco mictórios de lousa, com água, e o pavimento cimentado. A seguir encontram-se três latrinas, uma das quais para os professores; estas latrinas, de velho sistema, tem sifão e água canalizada para as bacias; o pavimento é cimentado e os dejectos veem por um cano, que atravessa o recreio e que donde a onde tem umas câmaras de inspecção mal vedadas, até a uma fossa.

Água da Companhia em canecos. Copo comum. A escola tem um poço, cuja água está canalizada para as latrinas, mictórios, e para a torneira de limpeza, prês a qual vimos uma caneca de folha. Tudo nos leva a crêr que desta forma os alunos a utilizam para beber.

OBSERVAÇÃO N.º 34

Freguesia de Ramalde — Sexo masculino

R. das Cruzes

Edifício próprio, construído a expensas do legado do bene-mérito Conde de Ferreira, com a fachada para sudeste, e completamente isolado.

A sala da 3.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,80; larg. 5^m,83; alt. 4^m,15; sup. 45^m²,47; cub. 188^m³,717, tinha duas janelas, com bandeira móvel, voltadas ao sul. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira. Dois ventiladores no teto.

Iluminação lateral esquerda, e alguma luz difusa em pequena quantidade vinda da direita pelas bandeiras das portas, que dão para a sala contígua.

Quinze carteiras-bancos, de dois logares, todas do mesmo tamanho, e de madeira, destinavam-se a 30 alunos.

Contígua a esta sala fica a da 1.^a e 4.^a cl., que com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,12; larg. 7^m,80; e alt. 4^m,15; sup. 71^m²,13; e cub. 295^m³,214, tinha duas janelas ao poente e três ao nascente. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira. Três ventiladores no teto.

Iluminação bilateral diferencial.

Carteiras-bancos, de dois logares—modelo Lenoir, e outras só de madeira, forneciam sessenta logares para 105 alunos.

Nesta sala havia um lavatório de ferro sem toalha.

Ao lado poente do edifício há um terreiro, de pavimento muito irregular, com três árvores, que pouca sombra fazem e onde as crianças brincam; quando chove o recreio é nas salas de aula.

No meio desse terreno fica uma casota, com duas latrinas de sistema antigo, sem bacia; uma para os alunos, com dois buracos, e outra para os professores. A fossa fica imediatamente por baixo e tem uma tampa, que se ajusta mal, pelo que o mau cheiro é permanente.

A água, que as crianças bebem, é dum poço da vizinhança, que a servente acarreta com um caneco, donde as crianças a tiram com o copo comum. Na ocasião da nossa visita, a escola estava ameaçada de ficar sem água, porque estando em débito de um ano à pessoa, que a fornecia por 600 réis mensais, aquela resolvera não ceder mais água, sem que lhe pagassem a que já tinham gasto.

OBSERVAÇÃO N.º 35

Freguesia de Miragaia — Sexo feminino

R. da Bandeirinha n.º 78

Prédio de aluguer, com duas salas de aula. A da 3.^a e 4.^a cl. no 2.º andar, para a frente, com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,10; larg. 6^m; e alt. 2^m,88; sup. 42^m²; e cub. 123^m³, tinha três janelas, com bandeira móvel, ao norte, uma das quais com transparente amarelado. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas. Teto com frisos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, muito deficiente, devido ao comp. da sala, excepto para um longo banco com encôsto, que recebe luz pela rectaguarda.

Além dêste, é constituído o mobiliário por carteiras-bancos, de dois logares—modelo Lenoir, fornecendo um total de vinte e quatro logares para 30 alunas.

No 1.º andar também para a frente fica a sala da 1.ª e 2.ª cl., que com as seguintes dimensões: Comp. 7^m,10; larg. 6^m; e alt. 2^m,62; sup. 43^m²; e cub. 122^m³, tinha três janelas voltadas ao norte, com bandeira móvel e transparentes amarelados. Porta de frente das janelas. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, com excepção de duas carteiras, que recebem luz pela rectaguarda, e dum banco comprido que recebe luz pela frente.

Além dêste, o mobiliário é constituído por carteiras-bancos, de quatro logares—antigo modelo francês, prefazendo um total de quarenta e oito logares para 61 alunas.

Neste mesmo andar, para as traseiras, fica uma pequena sala, cujas paredes teem duas filas de cabides, e onde as crianças brincam, quando chove. A um canto, prêsa à parede, está uma bacia de zinco, que serve de lavatório mas que não tem toalha.

Água da Companhia. Copo comum.

A escola tem três latrinas, uma em cada andar, e colocada nas varandas das traseiras.

São de sistema antigo, de sifão e com água canalizada, mas que tem pouca pressão.

Como as latrinas foram feitas para adultos, a do 1.º andar tem um estrado, afim das crianças mais pequenas se poderem utilizar delas com comodidade. É uma disposição muito simples, que poderia ser adoptada em todas as escolas, cujas latrinas são de dimensões excessivas em relação aos alunos, e que propositamente registu nesta observação, como sendo única nas escolas primárias, que visitámos.

O recreio da escola é um quintal, bastante extenso e dividido em duas porções: uma cultivada, tendo numerosos arbustos e flores, e outra com o pavimento em saibro, e devidamente sombreado por uma ramada, que o cobre por completo.

OBSERVAÇÃO N.º 36

Freguesia de Miragaia — Sexo masculino

Calçada de Monchique n.º 17

Prédio de aluguer, metido entre uns armazéns de cortiça e próximo dumas *ilhas*, tem três salas de aula.

A sala da 2.^a cl., ao rés-do-chão, com uma sup. de 56^{m²} e e uma cub. de 179^{m³}, tem ao nascente duas portas, cujas bandeiras dão luz à sala. Paredes caiadas, tendo uma faixa de azulejo branco, laivado de azul, ocupando $\frac{1}{3}$ da sua altura; na parede do poente a faixa é de madeira. Teto liso formando ângulos com as paredes. Pavimento velho, de madeira em parte, porque outra parte é de mosaico. A sala é dividida segundo a linha nascente-poente por um arco.

Iluminação lateral direita muito deficiente.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir, e por carteiras e bancos isolados, sem encosto, de quatro logares.

Uma porta estabelece a comunicação desta sala para as duas latrinas, uma das quais é exclusiva dos professores. Estas latrinas, de sistema antigo, são escuríssimas, muito acanhadas, sem ventilação e metidas dentro de casa. Ao lado encontram-se dois mictórios de lousa.

Nesta sala, a um canto, está uma talha com água para os alunos beber. Copo comum. Um lavatório para uso exclusivo do professor.

Contígua a esta sala fica a da 3.^a e 4.^a cl. com uma sup. de 43^{m²},80 e uma cub. 131^{m³}. Tem uma janela a nascente, outra ao poente, e duas ao sul. No teto uma pequena clarabóia. Porta em frente às janelas sul. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação bilateral, pela rectaguarda das carteiras e um pouco por cima.

O mobiliário é formado de carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir, e por duas carteiras de quatro logares, com os respectivos bancos sem encosto.

A um canto da sala uma talha com água para os alunos beber.

No 1.^o andar fica a sala da 1.^a cl., que, com uma sup. de 54^{m²} e uma cub. de 162^{m³}, tinha três janelas ao nascente, com um dispositivo na parte superior para ventilação (Obs n.º 17) e uma

ao sul. Porta em frente a esta janela. Paredes caiadas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral direita e pela rectaguarda, excepto para três bancos, dois dos quais recebem luz só pela rectaguarda, e o outro pela frente.

O mobiliário compunha-se de carteiras de quatro logares, com os respectivos bancos separados, tudo de madeira, e dalguns bancos compridos com encôsto.

Num canto da sala está uma talha com água.

Uma porta faz comunicar esta sala com as latrinas, iguais às do andar inferior, e com dois mictórios de lousa. Ao lado das latrinas fica, encostada à parede, uma bacia de zinco, que faz de lavatório, mas que não tem toalha.

Água da Companhia, que conforme se vê é tirada para umas talhas.

Não há recreios, nem ao ar livre, nem coberto.

OBSERVAÇÃO N.º 37

Freguesia de S. Nicolau — Sexo feminino

R. «Comércio do Pôrto»

Prédio de aluguer com duas salas de aula. No 2.º andar, para a frente, fica a sala da 3.ª e 4.ª cl., que, com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,60; larg. 6^m,40; e alt. 3^m,5; sup. 61^m²,44; e cub. 215^m³,040, tinha três janelas, com vidros foscas, voltadas ao sul, e com bandeiras móveis, mas que não funcionavam, e outras três ao nascente. Porta em frente às janelas do sul. Paredes caiadas, com uma faixa de um metro de altura pintada de castanho. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira, pintado outrora.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda das alunas.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos, de dois logares — antigo sistema francês, fornecia cinquenta logares para 57 alunas.

No 1.º andar fica a sala da 1.ª e 2.ª cl., que, com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,55; larg. 6^m,10; e alt. 3^m,42; sup. 58^m²,25; e cub. 199^m³,232, tem três janelas ao sul, com vidros foscas e bandeiras móveis, que não funcionam e outras três ao nascente. Porta em frente às janelas do sul. Paredes idênticas às da sala

anterior. Teto liso formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada em tempos.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda das alunas, excepto para um banco, em que a luz incidia de frente.

O mobiliário consistia em carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, e modelo A. de Matos e num comprido banco sem encôsto. Frequentavam esta sala 122 alunas.

Para as traseiras, neste mesmo andar, há uma pequena sala, onde nas paredes estão alguns cabides, e três lavatórios de porcelana, sem toalha.

Água da Companhia. Copo comum.

Nessa sala foram há pouco tempo instaladas seis latrinas, isoladas umas das outras em compartimentos separados; o seu sistema é de bacia cônica de porcelana, com sifão, e cujo afluxo de água se regula por meio de torneira.

Não há nem recreio ao ar livre, nem recreio coberto.

OBSERVAÇÃO N.º 38

Freguesia de S. Nicolau — Sexo masculino

R. de S. Francisco n.º 45

Num prédio, pertencente à Junta de Paróquia, e que outrora foi casa de habitação, está instalada esta escola, assim como aquela corporação, e o gabinete do juiz de paz.

A sala da 2.^a e 3.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 11^m,90; larg. 5^m,75; e alt. 3^m,62; sup. 68^m²⁴²; e cub. 249^m³, tem três janelas, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas para o sul. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas e com um revestimento de azulejo branco até a uma certa altura. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada antigamente.

Iluminação lateral direita, com excepção de quatro carteiras, que recebem luz pela esquerda, uma das quais colocada à direita da mesa do professor. Iluminação deficiente pelo grande comprimento da sala.

Vinte e oito carteiras-bancos, de dois logares—modelo A. de Matos, destinavam-se a 82 alunos.

No 2.^o andar, para o lado da rua da Nova Alfândega, fica a sala da 4.^a cl., que, com as seguintes dimensões: Comp. 9^m,54; larg. 5^m,75; e alt. 3^m,48; sup. 54^m²⁸⁵; e cub. 190^m³, tem três jane-

las, com vidros foscos e bandeiras móveis, voltadas ao sul. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas e com uma faixa de azulejo branco. Teto liso e não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada.

Iluminação lateral direita, excepto para três carteiras, que recebem luz pela esquerda, uma das quais colocada à direita da mesa da professora. Iluminação deficiente em vista do comp. da sala.

O mobiliário é constituído por carteiras-bancos, de dois lugares—modelos A. de Matos e Lenoir e por carteiras unipessoais, dando um total de cinquenta e dois lugares para 42 alunos.

Neste mesmo andar, porém, para o lado da rua de S. Francisco, fica a sala da 1.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 8m; larg. 3m,68; alt. 3m,48; sup. 29m²,40; e cub. 102m³, tendo duas janelas ao norte com bandeira móvel. Porta em frente às janelas. Paredes caiadas, tendo uma faixa de azulejo branco. Teto liso não formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada.

Iluminação lateral direita, muito deficiente, devido à altura dos prédios fronteiros. Há duas carteiras, que recebem luz pela esquerda dos alunos, e uns bancos compridos, sem encosto, cuja iluminação se faz pela frente.

Além destes bancos, o mobiliário era constituído por carteiras-bancos, de dois lugares—modelo A. de Matos, fornecendo tudo um total de cinquenta e seis lugares para 112 alunos.

Ao lado desta sala, num pequeno gabinete foram instaladas, há pouco tempo, as latrinas e os mictórios. As latrinas, em número de cinco, separadas umas das outras por compartimentos, são de sistema moderno—bacia cónica de porcelana com sifão, e cujo afluxo de água é regulado por uma torneira; uma delas não funciona por falta de bacia, que não foi colocada no momento da instalação e que assim ficou. O pavimento é de mosaico, e as paredes são pintadas. Em frente, e aos lados dos compartimentos das latrinas, ficam os cinco mictórios—bacias de porcelana encostadas à parede e separadas por lâminas de lousa. Neste gabinete estão dois lavatórios sem toalha. Água da Companhia. Copo comum.

No mesmo pavimento, no interior do edifício, há um pequeno quarto, com cabides, e para onde as crianças mais pequenas vão comer o seu *lunch*.

Não há recreio ao ar livre, nem coberto.

Nos baixos do prédio está um armazém do adubos químicos, que em certas ocasiões desprendem mau cheiro, que se espalha por toda a casa.

OBSERVAÇÃO N.º 39

Freguesia de Ramalde — Sexo feminino

R. de Francos

Num edificio, construido expressamente, contíguo a outros prédios, com a fachada voltada para o poente, fica esta escola, que tem duas salas de aula.

A sala da 2.^a, 3.^a e 4.^a cl. com as seguintes dimensões: Comp. 7^m; larg. 5^m,60; e alt. 3^m,50; sup. 39^m²,50; e cub. 137^m³; tinha três janelas, com bandeira móvel, voltadas ao poente, com os vidros da parte inferior foscos, e outras duas ao norte, também com bandeira móvel. Porta de entrada defronte das janelas do poente. Paredes caiadas. Teto liso formando ângulos com aquelas. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda e pela frente, excepto para algumas carteiras, que recebem luz pela rectaguarda e pela esquerda, pela rectaguarda e pela direita.

O mobiliário, formado de carteiras-bancos, de dois logares—modêlo A. de Matos e antigo modêlo francês, fornece quarenta e oito logares para 57 alunas.

Neste mesmo pavimento, para as traseiras, fica a sala da 1.^a cl., que, com as seguintes dimensões: Comp. 8^m; larg. 5^m,60; e alt. 3^m,50; sup. 41^m²,80; e cub. 156^m³,900, tem duas janelas, com bandeira móvel, ao norte, e outra, também com bandeira móvel, a nascente. Porta fronteira a esta última. Paredes, teto e pavimento iguais aos da sala antecedente.

Iluminação lateral direita e pela rectaguarda.

Dez carteiras-bancos, de dois logares—antigo modêlo francês, destinavam-se a 70 alunas.

Esta sala não tinha professora. A professora da sala anterior é que ensinava as alunas desta.

Para recreio utiliza-se um pátio cimentado, de pequenas dimensões e sem qualquer resguardo para o sol.

Neste pátio, encostadas à parede norte, estão três latrinas de antigo sistema, sem água, uma das quais não tem bacia.

Água de poço. Copo comum.

Numa pequena sala, colocada entre as duas aulas, há uns cabides indistintos nas paredes, e a um canto uma talha com água para as crianças beberem. Esta sala é também utilizada para as alunas comerem o seu *lunch*.

Esta escola tem como vizinhança perniciosa a fábrica de Francos.

OBSERVAÇÃO N.º 40

Freguesia de Aldoar — Sexo feminino

R. da Vilarinha

Velho prédio de aluguer. No 1.º andar a sala de aula, no rés-do-chão uma loja de mercearia, vendendo também vinhos e outras bebidas alcoólicas.

Um as escadas de pedra, de construção imperfeita, conduzem-nos até à sala, onde funcionavam as quatro classes e que tinha de alt. 2^m,70, de sup. 40^m², e de cub. 107^m³. Três janelas estavam voltadas ao poente e duas ao sul. Porta em frente a estas últimas. Paredes caídas. Teto com ornatos e formando ângulos com aquelas. Pavimento de madeira bastante carunchoso.

Iluminação lateral direita e pela frente.

O mobiliário, constituído por um longo banco e por carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, fornecia quarenta logares para 76 alunas.

Contígua a esta sala ficava a sala de recreio, e por sua vez contígua a esta estava a sala de *lunch*, onde nas paredes se viam alguns cabides indistintos. Nesta sala há um lavatório... sem bacia e sem toalha.

A escola tem quintal, mas como está cultivado, as crianças brincam num pequeno pátio que lhe está junto.

Água de mina, que as alunas vão colher a uma bica, que há no quintal com canecas de louça individuais e que trazem de casa.

No pátio há duas latrinas de sistema antigo, sem sifão, sem água e cujos dejectos vão para uma fossa.

OBSERVAÇÃO N.º 41

Freguesia de Nevogilde — Sexo masculino

R. do Molhe

Prédio de aluguer com uma só sala de aula, que tinha as seguintes dimensões: Comp. 6^m,10; larg. 4^m,60; e alt 3^m,70; sup. 28^m²,06; e cub. 103^m³,822. Três janelas estavam voltadas ao norte e a porta de entrada defronte destas. Paredes forradas com um papel acinzentado. Teto com ornatos e formando ângulos com as paredes. Pavimento vulgar de madeira.

Iluminação lateral esquerda, excepto para duas carteiras, uma das quais recebia luz pela direita e outra pela rectaguarda. Uma carteira de dois logares, colocada fora da sala da aula, recebia muito pouca luz, embora pela esquerda.

Dezassete carteiras-bancos, de dois logares — modelo Lenoir, destinavam-se a 50 alunos.

Água da Companhia, que não se utiliza filtrada, apesar de na escola haver filtro, mas que não funciona. Água de poço. Copo comum.

Há uma latrina na varanda das traseiras. Sistema moderno de bacia cónica de porcelana, com sifão, e afluxo de água por autoclismo. O pavimento é de mosaico, e as paredes apresentam uma faixa de azulejo de setenta centímetros de altura.

O prédio tem quintal, mas que se não utiliza como recreio, porque as crianças à hora própria vão todas a casa; se, porém, veem mais cedo entram para uma loja, situada por baixo da sala da aula, com o pavimento cimentado, e onde nas paredes se vêem uns cabides indistintos.

OBSERVAÇÃO N.º 42

Freguesia de Nevogilde — Sexo feminino

R. Marechal Saldanha n.º 691

Prédio de aluguer, onde há uma só sala de aula, que, com as seguintes dimensões: Comp. 7^m; larg. 4^m,50; e alt. 3^m,50; sup. 31^m²,50; e cub. 110^m³,825, tem três janelas, com vidros foscos, ao nascente e uma ao sul, também com vidros foscos. Os vidros da parte superior desta última janela foram substituídos por um ventilador helicoidal, de zinco. Porta em frente às janelas do sul. Paredes forradas com papel azul. Teto com ornatos e formando ângulos com as paredes. Pavimento de madeira pintada.

Iluminação lateral esquerda e pela rectaguarda, excepto para três carteiras unipessoais, que recebem luz pela frente e pela esquerda, estando uma destas colocada à esquerda da mesa da professora.

O mobiliário, constituído por carteiras-bancos, de dois logares — antigo modelo francês, e por carteiras-bancos, unipessoais, fornecia trinta e sete logares para 40 alunas. A escola tem um quintal, bastante extenso e ajardinado; ao centro tem um pavi-

lhão, coberto de zinco, que fazia parte da colónia de férias «Figueirinhas», e que durante quatro anos funcionou no edifício desta escola.

Além dêsse quintal, onde as crianças brincam, há também um páteo cimentado, que elas por vezes utilizam para recreio.

Água da Companhia. Copo comum. As alunas vão tirar a água a uma talha, onde é préviamente lançada pela servente.

Uma bacia, colocada em cima duma cadeira, serve de lavatório. Não tem toalha.

Há uma só latrina destinada às crianças, e de velho sistema — bacia sem sifão com esvasiamento e obturação manual; o pavimento é cimentado, e as paredes caiadas, junto às quais passa a descoberto a canalização em grés, que vem das latrinas dos andares superiores.



PROPOSIÇÕES

Anatomia descritiva.—A menor gravidade dos traumatismos da cabeça na criança que no adulto tem uma interpretação anatómica.

Histologia.—As cartilagens da orelha e do nariz são fibro-cartilagens.

Fisiologia.—A fisiologia explica-nos as vantagens de associar o canto aos exercícios ginásticos.

Patologia geral.—A criança tem uma receptividade especial para certas doenças.

Anatomia topográfica.—A anatomia topográfica é tam útil ao médico como ao cirurgião.

Terapêutica.—O mar e o sol são os agentes terapêuticos mais eficazes na tuberculose infantil.

Anatomia patológica.—As neoplasias aparecem com mais frequência nas regiões em que a função orgânica é mais activa.

Patologia externa.—O prolongamento exagerado das horas de aula e de estudo é uma causa de miopia.

Patologia interna.—A maior parte das otites das crianças teem a sua origem na amígdala faríngea.

Medicina operatória.—Grande número das intervenções ortopédicas devem ser realizadas na idade escolar.

Higiene.—Reputo necessária e urgente a inspecção médica nas nossas escolas primárias.

Medicina legal.—Com as escolas de anormais a cifra da criminalidade diminue.

Obstetria.—As atitudes viciosas nas escolas femininas podem conduzir a futuros casos de distócia.

VISTO

Lopes Martins
Presidente

PODE IMPRIMIR-SE

Augusto Brandão
Director